



CAMPUS II - ALAGOINHAS DEPARTAMENTOS DE LINGUÍSTICA
LITERATURA E ARTES
LICENCIATURA EM LETRAS, LÍNGUA FRANCESA E LITERATURAS

CLAUDEAN DOS REIS SANTOS

**GALICISMOS NA LÍNGUA PORTUGUESA: UM BREVE ESTUDO
DIACRÔNICO**

ALAGOINHAS

2025

CLAUDEAN DOS REIS SANTOS

**GALICISMOS NA LÍNGUA PORTUGUESA: UM BREVE ESTUDO
DIACRÔNICO**

Monografia apresentada ao curso de licenciatura em letras, língua francesa e literaturas como cumprimento de avaliação, da disciplina de trabalho de conclusão de curso II (TCC II), ministrada pelo prof. Dr. Hermes Morais Malzac.

Orientador: Hermes Morais Malzac.

ALAGOINHAS-BA
2025

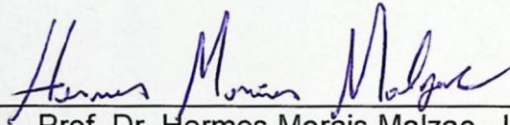
Claudean dos Reis Santos

Galicismos na língua portuguesa: um breve estudo diacrônico

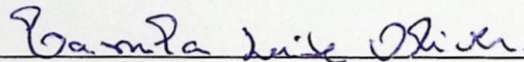
Trabalho de Conclusão de Curso,
apresentado a Universidade do Estado da
Bahia, como parte das exigências para a
obtenção do título de Graduado em
Letras, Língua Francesa e Literaturas.

Local, 29 de julho de 2025.

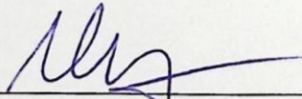
BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Hermes Morais Malzac - UNEB
Orientador – Matrícula 92099749



Profa. Dra. Camila Leite Oliver - UNEB
Banca Examinadora – Matrícula 74.538.227-4



Prof. Msc. André Claudio R. Leclercq - UNEB
Banca Examinadora – Matrícula 92099749.

AGRADECIMENTOS

Chegar até aqui não foi uma jornada solitária, mas uma conquista construída com o apoio de pessoas extraordinárias que me acompanharam em cada etapa.

À minha mãe, minha eterna inspiração, obrigado pelo seu abraço que acalma qualquer tempestade, pelas orações secretas e por acreditar em mim mesmo quando eu duvidava.

Ao meu pai, obrigado pelo seu exemplo de resiliência, pelo incentivo silencioso e por sempre me lembrar que a educação é a herança que ninguém pode tirar de mim.

Ao meu avô, obrigado pelas histórias que me ensinaram mais que livros, pelo seu orgulho que me motivou a seguir em frente e por me mostrar que raízes fortes permitem voos altos.

À minha família, pelo apoio incondicional, pela paciência e incentivo em todos os momentos. Vocês são minha base.

À minha companheira, por estar ao meu lado em cada desafio, pelos sorrisos que acalmaram meus dias de estresse e pelo amor que me deu motivação para seguir em frente e por transformar noites de TCC em momentos leves com seu amor, paciência e xícaras de café entregues com carinho. Você é meu porto seguro e minha maior inspiração.

Ao meu orientador prof. Dr. Hermes Morais Malzac, pela orientação dedicada, pelos ensinamentos e pela paciência durante toda essa jornada acadêmica.

Aos professores que contribuíram para minha formação, compartilhando conhecimento e experiências que levaram a este resultado.

Aos amigos e colegas de curso, especialmente, pelas risadas, trocas de ideias e apoio mútuo nos momentos mais desafiadores.

Por fim, a todos que, direta ou indiretamente, me ajudaram a concluir esta etapa. Cada gesto, palavra ou incentivo fez diferença nessa trajetória.

Muito obrigado!

Claudean dois Reis Santos

RESUMO

Este trabalho apresenta um estudo diacrônico dos galicismos na língua portuguesa brasileira com ênfase nas transformações fonéticas, morfológicas e semânticas que esses empréstimos sofreram desde sua incorporação. A pesquisa se justifica pela necessidade de compreender como o contato histórico e cultural entre França e Brasil, especialmente nos séculos XVIII e XIX, contribuiu para a entrada e adaptação desses vocábulos, refletindo processos sociais e ideológicos que influenciaram a constituição do léxico do português do Brasil. O estudo tem como objetivo geral investigar a trajetória etimológica de termos de origem francesa no português brasileiro. Os objetivos específicos incluem: inventariar os galicismos registrados em dicionários de francês e português, analisando suas formas e sentidos; analisar as convergências e divergências de significado de grafia entre os dois idiomas; identificar os fatores históricos e culturais que motivaram essas alterações. Metodologicamente, a pesquisa caracteriza-se como um estudo qualitativo, de natureza bibliográfica e documental, apoiado em fontes lexicográficas (dicionários de português e francês) como o *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*, o *Michaelis Moderno Dicionário da Língua Portuguesa*, o *Larousse Dictionnaire de Français* e o *Le Robert Micro* e em obras teóricas. Com base nessas obras, o referencial teórico fundamenta-se nos pressupostos de Ferdinand de Saussure (2006) em seu *Curso de Linguística Geral*, especialmente para compreender sincronia e diacronia e analisar dicotomias linguísticas; Faraco (2008), para discutir a evolução e história da língua; Ferreira (2017) e Rozeaux (2017), para abordar a relação histórica entre Brasil e França e Pimenta (2002), cujas contribuições ajudam a elucidar a influência francesa no vocabulário brasileiro. A partir desse referencial teórico, os resultados da pesquisa revelam que as mudanças ocorridas nos galicismos não foram aleatórias, mas responderam às exigências fonológicas, morfológicas e semânticas do português brasileiro, bem como às condições históricas e socioculturais do país. Além disso, observou-se a influência da etimologia popular e da analogia na adaptação desses vocábulos, destacando o papel ativo dos falantes na reelaboração do léxico. A pesquisa reforça a importância do estudo diacrônico para o ensino de língua portuguesa como um organismo vivo, dinâmico e marcado por trocas culturais constantes. Esses achados podem subsidiar práticas pedagógicas voltadas à abordagem etimológica e histórica do léxico, contribuindo para a formação crítica de professores e estudantes de letras.

Palavras-chave: Galicismo; Etimologia; Língua Portuguesa; Mudança; linguística

RÉSUMÉ

Ce travail présente une étude diachronique des gallicismes dans la langue portugaise du Brésil, en mettant l'accent sur les transformations phonétiques, morphologiques et sémantiques que ces emprunts ont subies depuis leur incorporation. La recherche se justifie par la nécessité de comprendre comment le contact historique et culturel entre la France et le Brésil, en particulier aux XVIII^e et XIX^e siècles, a contribué à l'introduction et à l'adaptation de ces vocables, reflétant des processus sociaux et idéologiques qui ont influencé la constitution du lexique du portugais brésilien. L'objectif général de l'étude est d'enquêter sur le parcours étymologique des termes d'origine française dans le portugais du Brésil. Les objectifs spécifiques incluent: inventorier les gallicismes recensés dans les dictionnaires de français et de portugais, en analysant leurs formes et leurs sens ; analyser les convergences et divergences de sens et d'orthographe entre les deux langues ; identifier les facteurs historiques et culturels ayant motivé ces modifications. Méthodologiquement, il s'agit d'une recherche qualitative, de nature bibliographique et documentaire, appuyée sur des sources lexicographiques (dictionnaires de portugais et de français) telles que le *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*, le *Michaelis Moderno Dicionário da Língua Portuguesa*, le *Larousse Dictionnaire de Français* et le *Le Robert Micro*, ainsi que sur des ouvrages théoriques. Le cadre théorique s'appuie notamment sur les postulats de Ferdinand de Saussure (2006) dans son *Cours de linguistique générale*, en particulier pour comprendre la synchronie et la diachronie et analyser les dichotomies linguistiques ; sur Faraco (2008), pour discuter de l'évolution et de l'histoire de la langue ; sur Ferreira (2017) et Rozeaux (2017), pour aborder les relations historiques entre la France et le Brésil, et sur Pimenta (2002), dont les contributions permettent d'éclairer l'influence française sur le vocabulaire brésilien. À partir de ce cadre théorique, les résultats de la recherche révèlent que les changements survenus dans les gallicismes n'ont pas été aléatoires, mais ont répondu aux exigences phonologiques, morphologiques et sémantiques du portugais brésilien, ainsi qu'aux conditions historiques et socioculturelles du pays. De plus, on observe l'influence de l'étymologie populaire et de l'analogie dans l'adaptation de ces vocables, soulignant le rôle actif des locuteurs dans la réélaboration du lexique. Cette recherche renforce l'importance de l'étude diachronique pour l'enseignement du portugais en tant qu'organisme vivant, dynamique et marqué par des échanges culturels constants. Ces résultats peuvent servir de base à des pratiques pédagogiques centrées sur l'approche étymologique et historique du lexique, contribuant ainsi à la formation critique des enseignants et des étudiants en lettres.

Mots-clés : Gallicisme ; Étymologie ; Langue portugaise ; Changement linguistique.

Lista de Quadros

Quadro 1 – Formas do caso sujeito e objeto em latim, francês antigo e moderno.	29
Quadro 2- Pronomes pessoais no caso sujeito e objeto em latim e francês moderno. ...	29
Quadro 3- Adaptação fonética de galicismos.	70
Quadro 4 – Adaptação ortográfica de terminações.	74
Quadro 5 – Mudanças ortográficas de galicismos.	78
Quadro 6 – Adaptação fonética e ortográfica.	81
Quadro 7– Mudanças fonéticas, ortográficas.	83
Quadro 8 – Mudanças semânticas de galicismos no português brasileiro.	87

Sumário

Introdução.....	9
Capítulo I – A língua em movimento: fundamentos da transformação linguística.....	13
1.1 O espírito de campanário e o conservadorismo Linguístico: a força de intercurso e a difusão de inovações na língua.....	13
1.2 Princípios gerais do signo linguístico	17
1.3 Cronos linguístico: sincronia e diacronia na evolução da língua.....	19
1.4 Diacronia e as mudanças fonéticas	22
1.5 Semântica e o conceito de “lei” linguística	26
1.6 Das mudanças sintáticas e morfológicas	27
1.7 Etimologia e etimologia popular	31
1.8 Galicismo e a metáfora do jogo do xadrez: A linguagem como um sistema relacional	36
Capítulo II – Ecos da França: o legado cultural Francês na formação do Português brasileiro	40
2.1 A europeização do Brasil: avanços, contradições e desafios.....	40
2.2 A influência da educação francesa na formação do sistema educacional brasileiro	41
2.3 Influência francesa na literatura brasileira: um diálogo cultural e literário	46
2.4 O iluminismo francês na formação do pensamento brasileiro.....	52
2.5 França equinocial e a origem de São Luís do Maranhão: a utopia francesa no trópico americano.....	57
2.6 Transferência cultural: a influência da culinária francesa no gosto brasileiro	62
Capítulo III – Galicismos em trânsito: uma viagem diacrônica pela língua portuguesa.....	68
3.1 Análise do galicismo na perspectiva do português do Brasil.....	68
3.2 Palavras que não sofreram alterações significativas.....	68
3.3 Palavras com mudanças fonéticas.....	70
3.4 Palavras com mudanças ortográficas	74
3.5 Mudanças fonéticas e ortográficas.....	78
3.6 Mudanças semânticas ou de uso.....	86
3.7 Palavras de origem francesa em desuso no francês ou com mudança de sentido no português	90
3.8 A influência da língua francesa no português brasileiro: um olhar sobre a etimologia popular	91
Considerações finais	95
Referências	99

Introdução

A linguagem, enquanto fenômeno social, é moldada não apenas pelas transformações internas das estruturas linguísticas, mas também pelas interações entre comunidades e pela resistência local às mudanças. Nesse contexto, a teoria proposta por Ferdinand de Saussure no *Curso de Linguística Geral* (2006) sobre o espírito de campanário (*esprit de clocher*) oferece uma lente valiosa para compreender a diversidade e a evolução das línguas, especialmente em relação às variantes regionais e ao empréstimo linguístico. Segundo Saussure (2006), a evolução de uma língua em determinado território sofre a influência de duas forças opostas: de um lado, o espírito de campanário, que preserva os costumes linguísticos locais; de outro, o intercuro (força de comunicação), que promove a difusão de inovações linguísticas por meio do contato entre grupos diferentes.

Esse embate entre tradição e inovação ajuda a explicar como palavras de origem francesa, os galicismos, foram incorporadas à língua portuguesa ao longo da história. O espírito de campanário esclarece por que certas formas resistem às mudanças, mantendo particularidades locais, enquanto o intercuro justifica a adoção de termos estrangeiros, resultado do contato entre povos e culturas. Quando uma inovação linguística surge em uma região, ela pode se espalhar por imitação da fala vizinha, caracterizando um empréstimo linguístico mais do que uma mudança fonética tradicional. Isso é especialmente relevante no estudo dos galicismos, pois muitos desses termos entraram no português não por transformações internas, mas por influência social e cultural.

Todas as línguas estão sujeitas a mudanças fonéticas, morfológicas, semânticas ou sintáticas motivadas por fatores diversos, como o tempo, o contato entre povos, as trocas culturais e as transformações sociais. Ao longo dos séculos, línguas evoluem, adotam novos elementos, perdem antigos e se diversificam em variantes regionais, como ocorreu com o português e o francês. Essas duas línguas, embora ambas derivadas do latim vulgar, seguiram trajetórias distintas após a queda do Império Romano.

Na Península Ibérica, o latim deu origem ao galego-português, que evoluiu para o português arcaico e, posteriormente, para o português moderno, após reformas impulsionadas pelo Renascimento e pelo Iluminismo. A chegada do português ao Brasil em 1500 iniciou um processo de desenvolvimento próprio, influenciado por povos indígenas, africanos e imigrantes, consolidando-se no século XX como uma variedade

legítima e autônoma, incorporando neologismos, estrangeirismos e marcas culturais distintas.

O francês, por sua vez, desenvolveu-se a partir dos dialetos da antiga Gália, formando o francês antigo, influenciado por línguas germânicas e normandas, e depois o francês médio, padronizado pelo Renascimento. A fundação da Academia Francesa, em 1635, marcou a consolidação do francês moderno, cujas normas gramaticais e ortográficas perduram até hoje.

Essas trajetórias distintas refletem histórias únicas, mas também laços culturais profundos, especialmente no Brasil do século XIX, quando a França era potência cultural durante a *Belle Époque*. A influência francesa chegou ao país por meio de missões artísticas e arquitetônicas, impactando culinária, moda, literatura, arquitetura, artes e, consequentemente, a língua: foco deste estudo.

Dando continuidade à reflexão estruturalista de Saussure, destaca-se outro aspecto fundamental: o caráter momentâneo dos estados do sistema linguístico, aquilo que ele define como sincronia. Assim como no xadrez, em que importa a disposição atual das peças no tabuleiro independentemente dos lances que as antecederam, na análise sincrônica da língua considera-se o estado da língua em um dado momento, sem recorrer à sua evolução histórica: “Numa partida de xadrez, qualquer posição dada tem como característica singular estar libertada de seus antecedentes” (Saussure, 2006, p. 105). Essa concepção evidencia que o estado atual da língua se impõe como objeto legítimo de análise, dispensando necessariamente o conhecimento de seus estágios anteriores, tal como um observador que compreende o jogo a partir da configuração presente do tabuleiro, sem precisar conhecer os movimentos prévios. Essa perspectiva sincrônica contribuiu para o declínio do interesse pela linguística histórica tradicional, que por muito tempo ocupou papel central nos estudos linguísticos.

Entretanto, é necessário ressaltar a importância da abordagem diacrônica, especialmente para esta pesquisa, que busca justamente compreender as transformações sofridas pelos galicismos ao longo do tempo. A análise histórica permite revelar as motivações sociais, culturais e ideológicas que justificam mudanças de sentido, forma e uso. O estudo diacrônico possibilita ainda identificar processos de conservação ou rejeição de determinados termos, fenômeno que a sincronia isolada não contempla plenamente.

Com o passar do tempo, especialmente após o advento da linguística estrutural, a linguística diacrônica perdeu centralidade, tornando-se secundária, mas permanece

relevante. Algumas palavras caem em desuso devido à carga ideológica negativa associada à sua etimologia, como “denegrir”, que carrega um sentido racista implícito. Termos como “escravo”, “índio” e “tribo” vêm sendo substituídos por “escravizado”, “indígena” e “aldeia”, “comunidade”, “terra” ou “território”, refletindo a superação de conotações depreciativas herdadas do período colonial. A etimologia dessas palavras revela as ideologias por trás dos conceitos originais, justificando a continuidade dos estudos etimológicos.

À luz dessas considerações, esta pesquisa analisa diacronicamente determinados galicismos no português brasileiro, investigando suas transformações semânticas, ortográficas e fonéticas em relação ao francês. Apoiada nos princípios saussurianos, assume que a difusão e adaptação desses termos decorrem da interação entre a resistência local e a expansão cultural entre as línguas.

O objetivo geral deste trabalho é investigar a etimologia de vocábulos de origem francesa incorporados ao português brasileiro, com ênfase em suas transformações semânticas, fonéticas e ortográficas ao longo do tempo. Para atender a esse propósito central, estabelecem-se como objetivos específicos: inventariar as formas e os sentidos assumidos pelos galicismos nos principais dicionários do francês e do português; analisar as convergências e divergências entre os significados e grafias desses vocábulos, considerando tanto os registros lexicográficos quanto os usos efetivos na contemporaneidade; e compreender os fatores históricos, culturais e sociais que motivaram tais modificações no processo de adaptação desses termos.

O embasamento teórico inclui Saussure (2006), para compreender sincronia e diacronia e analisar dicotomias linguísticas; Faraco (2008), para discutir a evolução e história da língua; Ferreira (2017) e Rozeaux (2017), para abordar a relação histórica entre Brasil e França; e Pimenta (2002), para analisar a influência francesa no vocabulário brasileiro. Metodologicamente, o estudo baseia-se em levantamento bibliográfico abrangente em fontes físicas e digitais, mapeando galicismos no português do Brasil e seus significados e grafias em ambas as línguas, com destaque para a análise comparativa dos dicionários de português e francês com destaque para a análise comparativa dos dicionários de português e francês, como o *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*, o *Michaelis Moderno Dicionário da Língua Portuguesa*, o *Larousse Dictionnaire de Français* e o *Le Robert Micro*.

Dividido em três capítulos, o trabalho inicia com conceitos fundamentais de semântica, etimologia e mudanças linguísticas ao longo do tempo, abordando sincronia e

diacronia. O segundo capítulo discute a origem e evolução histórica da língua portuguesa e suas influências culturais, com ênfase no período colonial e na *Belle Époque*. O terceiro capítulo analisa os galicismos no português brasileiro, seus processos de adaptação e transformações, ilustrados por exemplos de dicionários e uso atual. Espera-se contribuir para o entendimento dos processos linguísticos que permeiam a incorporação e transformação dos galicismos no português do Brasil, ampliando o diálogo entre língua, cultura e história.

Tendo delineado um panorama geral da pesquisa, o próximo capítulo dedicar-se-á à apresentação dos fundamentos conceituais que alicerçaram esta investigação. Serão elucidados, de modo sistemático, os eixos teóricos centrais, suas inter-relações e suas contribuições para a compreensão da problemática estudada, contextualizando as principais referências.

Capítulo I – A língua em movimento: fundamentos da transformação linguística

1.1 O espírito de campanário e o conservadorismo Linguístico: a força de intercuro e a difusão de inovações na língua

No campo da linguística histórica, a análise da mudança linguística exige a consideração não apenas de aspectos estruturais, mas também de fatores sociais, culturais e ideológicos. Ferdinand de Saussure (2006) destaca duas forças fundamentais que moldam esse processo: a força de intercuro (*force d'intercourse*), que atua como uma força centrípeta, promovendo a unificação e a difusão das inovações linguísticas entre diferentes comunidades, e o espírito de campanário (*esprit de clocher*), uma força centrífuga que expressa o apego de cada grupo à sua forma de falar, resistindo às mudanças externas.

Segundo Saussure (2006), o espírito de campanário representa o “amor local, a fidelidade de cada comunidade aos seus próprios costumes e à maneira de falar que lhe é habitual” (Saussure, 2006, p. 235). Essa fidelidade está ligada à formação dos hábitos linguísticos na infância, o que confere a eles uma força duradoura. Saussure enfatiza:

Esse espírito de campanário é a primeira força que se encontra pela frente quando um fato de língua se propaga. É tão poderoso quanto a força de intercuro, talvez até mais. Com efeito, os hábitos locais são os primeiros que cada indivíduo contrai em sua infância; daí sua força e sua persistência. Daí também seu isolamento: a maioria dos homens vive no meio de seus conterrâneos; esse meio reforça os hábitos comuns. (Saussure, 2006, p. 235).

Essa resistência local às inovações linguísticas mostra que as mudanças na língua não ocorrem de forma uniforme, mas encontram barreiras nas práticas consolidadas e nos vínculos afetivos dos falantes com suas formas de expressão. Tais forças conservadoras, ancoradas em contextos sociais e afetivos, revelam como a língua está profundamente ligada à identidade coletiva e ao sentimento de pertencimento. Ainda que as transformações ocorram, elas são mediadas por dinâmicas internas e externas que desafiam ou reforçam os usos estabelecidos. É nesse contexto que Saussure complementa sua análise, destacando o caráter dual e contraditório do comportamento linguístico das massas:

A propagação dos fatos de língua está sujeita às mesmas leis que regem qualquer outro costume, a moda, por exemplo. Em toda massa humana, duas forças agem sem cessar simultaneamente e em sentidos contrários: de um lado, o espírito particularista, o ‘espírito de campanário’; de outro, a força de intercurso, que cria as comunicações entre os homens (Saussure, 2006, p. 238).

Esse comportamento conservador contribui diretamente para a formação de dialetos e variantes regionais, evidenciando que a língua não é apenas um sistema abstrato, mas também um marcador social e identitário. Carlos Alberto Faraco (2007) reforça essa ideia ao afirmar que as práticas linguísticas de uma comunidade são pautadas por uma memória coletiva que se manifesta na repetição das formas consagradas pelo uso. A mudança, portanto, convive com a força da tradição, que atua como freio às inovações. Esse freio evidencia o papel do espírito de campanário como uma força centrífuga que promove a diversidade, dificultando a homogeneização da linguagem ao proteger as formas locais.

Pierre Bourdieu (1998) acrescenta outra dimensão importante ao afirmar que "a língua é também um marcador de classe, de origem, de pertencimento; seu uso não é neutro, mas socialmente situado" (Bourdieu, 1998, p. 92). Assim, a resistência às inovações linguísticas pode ser interpretada como um gesto de afirmação identitária, frequentemente inconsciente, mas eficaz na manutenção de fronteiras simbólicas entre os grupos sociais. William Labov (2008) também reforça esse ponto ao afirmar que “os indivíduos conservam traços fonológicos e lexicais por fidelidade ao grupo com o qual se identificam social e afetivamente” (Labov, 2008, p. 113). Nesse sentido, o espírito de campanário não apenas preserva a diversidade linguística, mas também funciona como instrumento de coesão comunitária.

A linguística histórica e comparativa reconhece que esse conservadorismo identitário encontra limites na ação da força de intercurso, entendida como força centrípeta que promove o contato, a troca e a circulação de formas linguísticas entre grupos sociais e regiões. Saussure (2006) observa:

É o intercurso que traz a uma vila os viandantes de outras localidades, que desloca uma parte da população por ocasião de uma festa ou de uma feira, que reúne sob bandeiras os homens de províncias diversas etc. Numa palavra, é um princípio unificador, que contraria a ação dissolvente do espírito de campanário. (Saussure, 2006 p. 238-239).

A força de intercuro, portanto, é responsável por mitigar os efeitos da fragmentação linguística, criando pontes entre comunidades e facilitando a circulação de inovações. Ela é intensificada por fatores como mobilidade populacional, comércio, escolarização, redes sociais e meios de comunicação. Dessa maneira, é possível compreender que a variação e a mudança linguística não ocorrem de forma aleatória, mas são produto das interações sociais e da tensão entre forças centrífugas (conservadoras) e centrípetas (inovadoras).

Outro fator importante para a compreensão da mudança linguística é a separação territorial. Quando uma comunidade linguística se fragmenta geograficamente, a tendência à diferenciação se intensifica. Como aponta Saussure (2006):

Só quando nos damos conta de que, numa massa unilíngua, a coesão varia de acordo com os fenômenos, de que as inovações não se generalizam todas, de que a continuidade geográfica não impede diferenciações perpétuas, é que podemos abordar o caso de uma língua que se desenvolve paralelamente em dois territórios separados. (Saussure, 2006, p. 241).

Mesmo pequenas separações geográficas podem levar ao surgimento de variantes linguísticas distintas, e o isolamento tende a acentuar essas diferenças. Contudo, como também observa Saussure, é um erro atribuir a diferenciação apenas ao isolamento, como fizeram os primeiros indo-europeístas. A teoria das ondas, de Johannes Schmidt, contribuiu para uma visão mais ampla, ao mostrar que inovações podem se propagar de forma desigual mesmo em territórios contíguos.

Assim, a continuidade territorial não garante a homogeneidade linguística, embora possibilite a existência de dialetos intermediários que mantenham certo grau de solidariedade entre as variedades. No isolamento, essa solidariedade tende a se romper, o que acentua o papel das forças centrífugas. Saussure (2006) reforça:

No isolamento, toda relação é virtualmente rompida a partir do momento da separação, ao passo que na continuidade geográfica subsiste uma certa solidariedade, mesmo entre partes manifestamente diferentes, contanto que estejam ligadas por dialetos intermediários. (Saussure, 2006, p. 244).

Portanto, compreender a tensão entre o espírito de campanário e a força de intercuro (forças centrífuga e centrípeta), respectivamente é essencial para analisar os processos de variação e mudança nas línguas. Essas forças não atuam isoladamente, mas

em constante interação, configurando a complexa dinâmica entre tradição e inovação, entre identidade local e comunicação ampla. Mais do que fenômenos linguísticos, são expressões de práticas sociais, culturais e históricas que moldam o modo como os indivíduos usam e percebem a língua.

Ademais, é necessário reconhecer como certas ideologias linguísticas reforçam o espírito de campanário, promovendo atitudes excludentes e preconceituosas em relação a variedades diferentes. A crença na superioridade de uma língua pode alimentar visões distorcidas sobre os falantes de outros idiomas, como evidencia Saussure:

Acrescentemos ainda que cada povo crê na superioridade do seu idioma. Um homem que fala outra língua é facilmente considerado como incapaz de falar; assim, a palavra grega bárbaro parece ter significado 'tartamudo' e estar aparentado ao latim *balbus*; em russo, os alemães são chamados de *Nyêmtsy*, isto é, 'os mudos'. (Saussure, 2006, p. 222).

Estudar a coexistência entre o conservadorismo identitário e o dinamismo relacional permite compreender melhor os processos de mudança linguística e desenvolver uma postura crítica frente às ideologias que naturalizam exclusões sociais e preconceitos. Ao equilibrar o papel das forças centrífugas e centrípetas, podemos compreender a linguagem como um fenômeno vivo, em constante transformação, reflexo das complexas relações sociais que a sustentam. Nesse contexto, torna-se fundamental compreender os mecanismos internos que estruturam a linguagem. Assim, ao nos debruçarmos sobre o conceito de signo linguístico, adentramos a base teórica que permite explicar como os sentidos se constroem, se fixam ou se deslocam ao longo do tempo.

Dessa maneira, o estudo do signo linguístico se apresenta como ponto de partida essencial para a compreensão dos processos de significação. Ao nos aprofundarmos nesse conceito central da linguística, temos acesso aos fundamentos teóricos que explicam como os sentidos se constroem, se estabilizam, se modificam ou até mesmo se perdem ao longo do tempo. O signo linguístico é a unidade fundamental de significação e, ao compreendê-lo, lançamos luz sobre as articulações entre forma e conteúdo, som e sentido, expressão e representação.

Na próxima seção, exploraremos o conceito de signo linguístico, suas características, suas implicações teóricas e os principais aportes dos estudiosos que contribuíram para a sua formulação e evolução.

1.2 Princípios gerais do signo linguístico

A teoria do signo linguístico formulada por Ferdinand de Saussure constitui um dos fundamentos da linguística moderna. Saussure propõe uma nova maneira de compreender a linguagem, deslocando o foco da análise da simples descrição de palavras para o funcionamento interno da língua como sistema. O signo linguístico, neste modelo, é concebido como uma entidade psíquica que une, indissociavelmente, dois elementos: o significante e o significado.

Para Saussure (2006), o significante não deve ser confundido com o som físico, mas sim com a imagem acústica, isto é, com a representação mental do som. O significado, por sua vez, corresponde ao conceito evocável por essa imagem. Essa abordagem rompe com a noção tradicional de que a linguagem é um simples reflexo da realidade, pois mostra que a ligação entre som e ideia não é natural, mas fruto de uma convenção. Como afirma o autor:

O signo linguístico une não uma coisa e um nome, mas um conceito e uma imagem acústica. [...] Consideremos o signo no seu todo, tal como acaba de ser definido: temos a impressão de que se trata de uma entidade concreta. Em realidade, porém, no plano da linguagem, há apenas diferenças sem termos positivos (Saussure, 2006, p. 80).

Essa concepção inaugura a visão estrutural da linguagem, na qual os valores dos signos derivam das relações diferenciais que mantêm entre si. Um signo não vale por seu conteúdo intrínseco, mas por aquilo que o distingue dos demais.

O primeiro princípio que Saussure estabelece com base nessa concepção é o da arbitrariedade do signo linguístico. Ele afirma que não existe um vínculo natural entre o significante e o significado. Assim, diferentes línguas utilizam formas distintas para representar o mesmo conceito. Essa arbitrariedade, porém, não implica aleatoriedade: uma vez estabelecido pela convenção social, o signo se torna relativamente fixo. Nas palavras do autor: “O laço que une o significante ao significado é arbitrário, ou, ainda, como preferem dizer, imotivado: quer dizer que ele é desprovido de qualquer vínculo natural com o significado que lhe está associado” (Saussure, 2006, p. 81). A consequência dessa arbitrariedade é que o sistema da língua é fechado em si mesmo, e cada unidade só é compreensível em função de sua oposição às demais. Saussure exemplifica essa ideia com a diversidade de palavras que diferentes línguas utilizam para nomear o mesmo

animal, como o boi, mostrando que não há nada na natureza do objeto que justifique a escolha de um significante em detrimento de outro.

O segundo princípio formulado pelo linguista suíço é o do caráter linear do significante. Como o significante é uma imagem acústica, ele se desenvolve no tempo e só pode ser percebido sucessivamente. Isso quer dizer que os elementos que compõem a cadeia falada ocorrem um após o outro, jamais simultaneamente. Saussure (2006) afirma que:

O significante, sendo de natureza auditiva, desenvolve-se no tempo, e isso tem por consequência que representa uma extensão e que essa extensão é mensurável numa só dimensão: é uma linha. [...] Se representarmos essa extensão por uma linha, perceberemos facilmente que o significante ocupa nela um espaço determinado (Saussure, 2006, p. 84).

Esse aspecto linear é essencial para a formação dos enunciados e para a constituição das relações sintagmáticas. A linguagem, por ser sucessiva, se organiza em uma cadeia de signos que são ordenados de modo a produzir sentido, e essa ordenação só é possível graças à linearidade do significante.

Saussure aprofunda a discussão sobre a estabilidade dos signos ao abordar, no capítulo seguinte, o paradoxo entre imutabilidade e mutabilidade do signo linguístico. O autor reconhece que, embora os signos sejam frutos da convenção, eles tendem a se conservar no tempo, em função de sua aceitação coletiva. Conforme suas palavras:

O signo linguístico, por mais livre que seja em sua origem, não é por isso menos imposto à massa falante, que não pode mudá-lo. [...] A língua resiste a qualquer substituição, porque representa uma herança social recebida dos antepassados e aceita sem discussão (Saussure, 2006, p. 85).

A imutabilidade decorre, portanto, da função social da língua. Como a comunicação depende da estabilidade dos signos, alterações abruptas comprometeriam a inteligibilidade. No entanto, Saussure admite que a língua muda com o tempo, ainda que lentamente. Essa mutabilidade é uma força contrária à imutabilidade, impulsionada por fatores históricos, culturais e fonéticos. Assim, o autor afirma: “A língua apresenta uma característica que não se encontra em nenhuma outra instituição: a de não tolerar a modificação. [...] Mas essa imutabilidade não é absoluta; e, apesar disso, nenhuma língua conhece um momento em que esteja absolutamente imutável” (Saussure, 2006, p. 89). Os princípios gerais propostos por Saussure estabelecem que a linguagem não é um simples reflexo da realidade, mas um sistema estruturado, cujos signos são arbitrários, lineares e

sujeitos à tensão entre estabilidade e transformação. Esses fundamentos inauguram a linguística estrutural e continuam sendo pilares para os estudos contemporâneos sobre linguagem.

Ao equilibrar o papel das forças centrífugas e centrípetas, podemos compreender a linguagem como um fenômeno vivo, em constante transformação, reflexo das complexas relações sociais que a sustentam. Essas forças, que operam em direções opostas uma promovendo a diversidade e a mudança, e a outra buscando a unidade e a normatização, revelam a natureza dialética da linguagem. Nesse contexto, torna-se fundamental compreender os mecanismos internos que estruturam esse sistema dinâmico, pois é por meio deles que os sujeitos constroem sentidos, compartilham experiências e negociam significados em diferentes situações comunicativas.

Nesse sentido, o estudo do signo linguístico se apresenta como ponto de partida essencial para a compreensão dos processos de significação. Ao nos aprofundarmos nesse conceito central da linguística, temos acesso aos fundamentos teóricos que explicam como os sentidos se constroem, se estabilizam, se modificam ou até mesmo se perdem ao longo do tempo. O signo linguístico é a unidade fundamental de significação e, ao compreendê-lo, lançamos luz sobre as articulações entre forma e conteúdo, som e sentido, expressão e representação.

Com base nessa compreensão, os princípios gerais propostos por Saussure estabelecem que a linguagem não deve ser entendida como um mero reflexo da realidade, mas como um sistema autônomo, regido por regras internas. Nesse sistema, os signos linguísticos são definidos por três características fundamentais: a arbitrariedade, a linearidade e a tensão entre imutabilidade e mutabilidade. A arbitrariedade revela que não há vínculo natural entre o significante e o significado; a linearidade indica que os signos se realizam no tempo de forma sucessiva; e a tensão entre estabilidade e mudança demonstra que, embora a língua resista a alterações bruscas, ela está em constante transformação. Esses fundamentos inauguraram a linguística estrutural e continuam servindo de base para os estudos contemporâneos sobre linguagem.

Na próxima seção, aprofundaremos a distinção entre sincronia e diacronia, categorias essenciais para compreender a língua tanto em sua dimensão estática quanto em seu processo histórico de mudança, conforme delineado por Saussure.

1.3 Cronos linguístico: sincronia e diacronia na evolução da língua

Para compreender o funcionamento da linguagem, é importante conhecer alguns conceitos fundamentais desenvolvidos por Ferdinand de Saussure, um dos principais teóricos da linguística moderna. Em sua obra *Curso de Linguística Geral (CLG)*, o autor apresenta quatro dicotomias que ajudam a organizar o estudo da língua: sincronia e diacronia, língua e fala, significante e significado, e sintagma e paradigma. Este trabalho tem como objetivo principal abordar a dicotomia entre sincronia e diacronia, destacando suas diferenças e contribuições para o entendimento da língua. Enquanto a sincronia analisa a língua em um determinado momento, como um recorte estático, a diacronia observa suas transformações ao longo do tempo, revelando aspectos históricos e culturais que influenciam a forma como falamos e escrevemos. Ao longo deste texto, será possível perceber como essas duas perspectivas se complementam e por que são essenciais para uma análise mais completa e aprofundada do fenômeno linguístico.

Saussure disserta sobre sincronia como um estudo da língua em um momento estático, é uma linguística que faz um recorte da época. Ela não está ligada à história da língua nem à sua evolução ao decorrer do tempo, isso está ligado à diacronia, da qual falaremos mais à frente. Um exemplo de sincronia hoje são as abreviações da palavra advindo das redes sociais, esse é um exemplo sincrônico que mostra a descrição da língua em um determinado período sem levar em consideração sua história: descreve o atual momento da língua. Sobre a diacronia, Saussure explica o seguinte:

Linguística diacrônica estuda, não mais as relações entre os termos coexistentes de um estado de língua, mas entre termos sucessivos que se substituem uns aos outros no tempo. Com efeito, a imobilidade absoluta não existe [...] todas as partes da língua estão submetidas à mudança; a cada período corresponde uma evolução mais ou menos considerável. Esta pode variar de rapidez e de intensidade sem que o princípio seja enfraquecido; o rio da língua corre sem interrupção; que seu curso seja tranquilo ou caudaloso é consideração secundária. (Saussure, 2006, p. 163)

Apesar de a sincronia e a diacronia se complementarem, são diferentes nesse aspecto. Esta última (a diacronia) busca as raízes das palavras, enquanto a outra busca a descrição da gramática. Podemos, então, afirmar que a sincronia está dentro da diacronia, ela é um recorte da dicotomia diacronia. Saussure (2006) destaca a natureza da língua que pode haver mudanças. Porém, na sincronia as mudanças não são levadas em consideração como na diacronia, que se atenta às transformações fonéticas, gramaticais e/ou no sentido das palavras.

Saussure discorre acerca da natureza dinâmica da língua com a distinção feita entre a linguística diacrônica e a linguística sincrônica. A primeira faz uma análise evolutiva da língua ao longo do tempo, observando a incessante transformação e a substituição de termos e estruturas linguísticas. A língua é reputada a um sistema em que todas as partes estão em permanente movimento. Conforme Saussure (2006), não existe imobilidade absoluta; cada elemento da língua muda, tendo correlação, tempo e proporção de espaço. Assim, cada estágio da linguística é o efeito de um processo evolutivo que pode diferir em termos de ritmo e intensidade.

O autor propõe a imagem de um rio da língua para simbolizar o movimento contínuo. O citado acompanhamento pode ser realizado a diversas velocidades e graus de intensidades. No entanto, o movimento em si é inevitável. Ao suscitar essa analogia, Saussure demonstra a importância das mudanças sociais, culturais e históricas para a assimilação da evolução da língua. Dessa forma, a análise diacrônica preenche a visão sincrônica que considera a língua em um determinado recorte temporal. A fim de proporcionar uma compreensão precisa das complexidades da comunicação e do desenvolvimento linguístico, a perspectiva do autor confirma que a língua pode ser vista independentemente de seu desenvolvimento anterior.

Quando falamos de linguística diacrônica, deixamos de lado a gramática e os termos que coexistem entre si na língua de forma estática. Porém, realizamos uma análise da história da palavra, no qual é feito um estudo da fonética:

A fonética é toda fonética, constitui o primeiro objeto da linguística diacrônica; com efeito, a evolução dos sons é incompatível com a noção de estado; comparar fonemas ou grupos de fonemas com o que foi anteriormente equivale a estabelecer uma diacronia. A época antecedente pode ser a mais ou menos próxima; mas quando uma e outra antecedente pode ser mais ou menos próxima; mas uma e outra se confundem, a fonética deixa de intervir; só resta a descrição dos sons de um estado de língua, e compete à fonologia conduzi-la. (Saussure, 2006, p. 164)

Saussure traz a relação entre a fonética, a fonologia e a arguição diacrônica da língua. O estudo se concentra na natureza da fonética como um campo que lida com a evolução dos sons, o que a torna incompatível com a ideia de um estado fixo da língua. Segundo Saussure, a fonética estuda as mudanças sonoras ao decorrer do tempo, destacando como os fonemas e grupos de fonemas se modificam ao longo do tempo.

O autor afirma que comparações entre os fonemas e suas formas contemporâneas implicam uma análise diacrônica. Saussure ressalta que o estudo da evolução dos sons

deve considerar o contexto histórico; essa abordagem permite uma compreensão mais ampla da dinâmica das línguas, já que as mudanças fonéticas revelam não apenas as transformações sonoras, mas aspectos culturais e sociais que influenciam a língua.

Em contraposição, a fonologia se dedica à descrição dos sons em um determinado estado da língua, não se preocupando com a evolução das palavras. Essa área analisa a organização e as regras que regem os fonemas em um sistema linguístico específico. Portanto, a fonologia permite entender como os sons interagem e se combinam, fornecendo estruturas que são essenciais para a análise de significados e a comunicação.

Saussure (2006) nos traz uma reflexão da língua não como um sistema fixo, mas como um organismo em dissemelhança. A fonética, ao focar na evolução, e a fonologia, ao se concentrar na estrutura complementam-se, oferecendo visão holística das línguas, quanto às suas configurações atuais, permitindo uma análise que reconhece tanto a mudança quanto a estabilidade. Saussure (2006) estabelece uma clara separação entre fonética e fonologia, ressaltando suas funções distintas no estado da língua; essa contribuição é fundamental para a linguística moderna, pois enfatiza a importância de entender tanto as transformações ao longo do tempo quanto às estruturas subjacentes que sustentam a comunicação.

1.4 Diacronia e as mudanças fonéticas

O autor se debruça sobre as mudanças fonéticas na linguística, ressaltando que essas transformações estão ligadas aos sons e não às palavras em si. Essa distinção é muito importante porque as mudanças que acontecem nos fonemas afetam de maneira uniforme todos os contextos em que esses sons aparecem.

Vimos [...] que a mudança fonética não afeta as palavras e sim os sons. O que se transforma é um fonema; que tem sucesso isolado, como todos os sucessos diacrônicos, mas que tem por consequência alterar de maneira idêntica todas as palavras em que configure o fonema em questão; é nesse sentido que as mudanças fonéticas são absolutamente regulares (Saussure, 2006, p. 167).

Quando um fonema sofre alteração, essa mudança se reflete de forma consistente em todas as palavras que o contêm, evidenciando a regularidade intrínseca das transformações fonéticas. Entretanto, essa regularidade não se traduz em previsibilidade intuitiva, pois a evolução dos sons segue uma lógica interna da língua que é sistemática,

mas não imediatamente perceptível, ressaltando a complexidade do processo diacrônico descrito por Saussure.

A ideia de que as mudanças fonéticas são sistêmicas se relaciona ao modo como as línguas evoluem com o tempo. Essa regularidade se distingue das mudanças lexicais, que podem ser mais variadas e dependentes do contexto. Ao observar como os sons se comportam, o autor sugere que podemos ter uma visão mais clara da evolução linguística, reconhecendo que a estrutura sonora é o elemento que realmente se transforma de maneira consistente. Ao focar nas mudanças fonéticas, conseguimos perceber uma camada de regularidade que destaca a complexidade da evolução das línguas. Os sons são, na verdade, a base fundamental sobre a qual as palavras e seus significados se constroem e se transformam, revelando a riqueza da comunicação humana.

No que se refere a essas mudanças fonéticas, elas são classificadas em duas mudanças absolutas: “são extremamente raras; amiúde, só parecem absolutas pelo caráter oculto ou muito geral da condição” (Saussure, 2006, p. 167). Porém, a mudança condicional “repousa numa visão superficial das coisas; é mais racional falar, como se começa a fazer cada vez mais” (Saussure, 2006, p. 168), ou seja, as mudanças condicionais nada mais são do que a combinação de vários fonemas ou a aproximação dos sons. Essas mudanças podem ser por fatores espontâneos ou por mutações, como descreve o autor:

São espontâneas quando produzidos por uma causa interna, e combinatórios quando resultam da presença de um ou vários outros fonemas... As mutações consonânticas ou “Lautverschiebungen” do germânico são o tipo da mudança espontânea; assim, o K1 indo-europeu se tornou h em proto-germânico (cf. latim *collun* e gótico *hals*), o proto-germânico t, conservado em inglês, se torna z (pronunciado ts) em alto alemão (cf. gótico *taihun*, inglês *ten*, alemão *zehn*). Ao contrário, a passagem do latim *ct*, *pt* ao italiano *tt* (cf. *factum* → *fatto*, *captivum* → *cattivo*) é um fato combinatório, de vez que o primeiro elemento foi assimilado ao segundo. (Saussure, 2006, p. 168).

Em outras palavras, as mudanças fonéticas espontâneas são a mudança de som de uma palavra na qual não tem provocação ou contexto, ao contrário da combinatória, que depende da interação entre os sons. Na combinatória, as mudanças são feitas pela aproximação dos sons, o que faz a assimilação, a espontânea, não há uma lógica para ocorrer essa mudança.

Para ilustrar melhor essa distinção entre mudanças fonéticas combinatórias e espontâneas, podemos observar fenômenos concretos tanto no português do Brasil quanto

no francês da França. No português brasileiro, um exemplo claro de mudança combinatória é a palatalização de /t/ e /d/ antes de /i/, como em:

tia → [ˈtʃia]

dia → [ˈdʒia]

Isso acontece porque o som da vogal /i/, articulado próximo ao palato, influencia os sons consonantais anteriores, puxando-os para uma articulação mais próxima, facilitando a pronúncia. Outro caso típico é a nasalização de vogais antes de consoantes nasais, como em:

bom → [bõ]

canto → [ˈkẽtu]

A consoante nasal influencia a vogal anterior, que se torna nasalizada, com possível desaparecimento da consoante na fala rápida. No francês da França, observa-se a *liaison* obrigatória, como em:

les amis → [lez_ami]

O “s” final de *les*, normalmente mudo, é pronunciado como /z/ quando a palavra seguinte inicia por vogal. Essa mudança combinatória evita o hiato entre vogais e torna a fala mais fluida. Outro exemplo é a assimilação vocálica antes do /ʁ/, como em:

parler → [paʁ.le]

Onde a vogal que precede o /ʁ/ pode ser modificada ou alongada por influência desse som uvular forte. Á nas mudanças espontâneas, encontramos fenômenos que não são diretamente influenciados por sons vizinhos. No português do Brasil, é comum a redução vocálica em sílabas fracas, como em:

janela → [ʒaˈnela] → [ʒaˈnele]

Na fala rápida, motivada pela tendência a destacar a sílaba tônica e economizar esforço nas demais. Também ocorre a abertura das vogais médias em determinadas regiões, como porta pronunciado:

[ˈpɔʁta] em vez de [ˈpoʁta]

No francês, um fenômeno espontâneo notável é a perda do /ə/ (**e caduc**), como em:

je ne sais pas → [ʒ sɛ pa]

Onde o /ə/ é omitido para agilizar a fala. Além disso, houve ao longo do tempo a **leni(c)ão** de consoantes, como o antigo /r/ vibrante que evoluiu para o atual /ʁ/ uvular, mais suave e fácil de articular.

Esses exemplos mostram como as mudanças fonéticas não apenas seguem uma lógica de regularidade sistêmica, como apontado por Saussure, mas também são movidas por fatores fisiológicos, articulatórios e até sociais, sempre em busca de maior economia e fluidez na comunicação.

As mudanças fonéticas são um passo importante para podermos entender o que ocorre com os empréstimos (apropriação de palavras de origem estrangeira) e como elas são modificadas, tanto no seu som quanto em seu significado. Ao decorrer do tempo, essas palavras se modificam por diversos fatores, dentre os quais, Saussure (2006) cita a lei do menor esforço onde se diminui a massa das palavras. Em outras palavras, o indivíduo busca sempre assimilar sons, busca encontrar o som que está próximo ao do sistema fonológico da sua L1 para entender o som daquele termo que ouviu a primeira vez e não conhece.

Um exemplo claro disso ocorre com os galicismos palavras de origem francesa que foram adaptadas ao português. Por exemplo:

- "Abajur" (do francês abat-jour), que em francês se pronuncia aproximadamente [abaˈʒuʁ], foi adaptado para [abaˈʒur] no português brasileiro. A vogal nasal e o /ʁ/ uvular francês foram substituídos por sons mais comuns ao português.

- "Biju" (do francês bijou), que se pronuncia [bizu] em francês, teve o /ʒ/ e a vogal final adaptados ao português como [bi'zu], simplificando a articulação e acomodando-se ao padrão prosódico da língua.
- "Guichê" (do francês guichet), originalmente com a pronúncia [gifɛ], foi aportuguesado como [gi'ʃe], com simplificação e reinterpretação das vogais e consoantes finais conforme o sistema do português.

Essas alterações mostram como a fonologia da língua de chegada (o português) molda os empréstimos para torná-los mais naturais aos seus falantes. A assimilação ocorre não apenas por conveniência articulatória, mas também por familiaridade perceptiva, ou seja, o falante reconhece e reproduz aquilo que está mais próximo do que já conhece.

Ainda sobre essa questão da lei do menor esforço e das mudanças fonéticas que acontecem em palavras de origem estrangeiras, temos a questão das mudanças semânticas, que estão relacionadas às mudanças de significado das palavras que falaremos na próxima sessão.

1.5 Semântica e o conceito de “lei” linguística

Saussure disserta sobre o conceito de “lei” na língua, essencialmente no que se refere às transformações linguísticas, diferenciando os fenômenos sincrônicos e diacrônicos. As leis sincrônicas se referem às regularidades ocorridas em um período da língua, enquanto as leis diacrônicas se remetem à evolução da língua no decurso de tempo.

No grau sincrônico, o significado das palavras deve ser entendido como a parte de um sistema de signos, no qual a língua funciona como uma rede de relações de diferença. Segundo Saussure (2006), o significado de uma determinada palavra depende de sua distinção em relação a outras palavras do sistema. Isso pressupõe que as palavras não têm significado estático, mas são definidas pelas relações que elas estabelecem com outros significantes.

No caso da semântica pode-se observar uma regularidade no uso das palavras, uma regularidade observada em um determinado momento da língua, enquanto as leis diacrônicas se referem à evolução da língua ao longo do tempo. No contexto da

semântica, essa distinção é crucial, pois a mudança de significado das palavras resulta de um conjunto de fatores históricos e sociais.

Em relação à semântica sincrônica, pode-se observar uma relação que elas estabelecem com as outras palavras do sistema. Isso implica que as palavras não têm um significado fixo, mas são definidas pelas relações que elas estabelecem com outros significantes, segundo Saussure:

O tempo, que assegura a continuidade da língua, tem outro efeito, em aparência contraditório com o primeiro: o de alterar mais ou menos rapidamente os signos linguísticos e, em certo sentido, pode-se falar, ao mesmo tempo, da mutabilidade do signo (Saussure, 2006, p. 89).

No caso da semântica sincrônica, pode-se observar uma regularidade no uso das palavras em uma língua em determinado momento, mas essas regularidades não são imperativas. Saussure (2006, p. 108) fala que “a lei sincrônica é geral, mas não imperativa.” Sem dúvida, impõe-se aos indivíduos pela sujeição do uso coletivo, mas não consideramos aqui uma obrigação relativa às pessoas que falam.” Elas refletem um estado de coisas na língua em um dado momento; isso se alinha com a ideia de Saussure de que o sistema de significante é arbitrário, ou seja, a relação entre o significante (a forma da palavra, ou seja, a imagem acústica da palavra) e o significado (o conceito associado à palavra) é determinado pela convenção social e pela diferença em relação a outros signos no sistema.

No que se refere ao nível diacrônico, essas mudanças semânticas são observadas ao longo do tempo e não seguem uma lei regular. Essas transformações no significado das palavras acontecem por fatores históricos e culturais, como o uso popular e as influências externas, e não por uma regularidade imposta na língua.

Tendo descrito o fenômeno das mudanças semânticas na língua, na próxima seção falaremos sobre as mudanças sintáticas e morfológicas. Elas também são essenciais para entendermos melhor sobre os galicismos e suas contribuições no português do Brasil.

1.6 Das mudanças sintáticas e morfológicas

A morfologia é um ramo fascinante da linguística que se dedica ao estudo das formas das palavras. Ela investiga como cada palavra, considerada como um bloco de construção, pode ter suas partes ajustadas e reorganizadas para criar diferentes significados. Em essência, a morfologia analisa esses blocos e suas variações.

Uma das primeiras áreas de interesse da morfologia é a categorização das palavras. As palavras podem ser classificadas em substantivos, adjetivos, artigos, pronomes, numerais, verbos, advérbios, preposições, conjunções e interjeições. Cada uma dessas categorias possui suas próprias regras e características específicas. Por exemplo, os verbos apresentam diversas formas para expressar diferentes tempos (passado, presente e futuro) e modos (indicativo e subjuntivo). Além disso, variam em pessoa, número, voz e aspecto. Já os substantivos podem variar para indicar número (singular ou plural) ou gênero (masculino ou feminino).

Além da categorização, a morfologia se ocupa das flexões das palavras. Flexão é o processo pelo qual as palavras alteram suas terminações ou formas para expressar diferentes significados. Um exemplo simples é a transformação de "menino" para "meninos" para indicar pluralidade. Nos verbos, a flexão permite que se indique quem está realizando a ação e quando ela ocorre. Por exemplo, "canto" (eu canto agora) versus "cantei" (eu cantei no passado).

Outro aspecto importante é a distinção entre morfologia e sintaxe. Enquanto a sintaxe estuda como as palavras se combinam para formar frases e sentenças, a morfologia foca na estrutura interna das palavras. Se uma frase fosse um jogo de xadrez, a morfologia seria o estudo das peças individuais (seus formatos, movimentos e valores), enquanto a sintaxe seria a estratégia que organiza essas peças no tabuleiro para formar jogadas coerentes e vitoriosas. Conforme Saussure:

A morfologia trata das diversas categorias de palavras (verbos, substantivos, adjetivos, pronomes etc.) e das diferentes formas de flexão (conjugação, declinação). Para separar este estudo da sintaxe, alega-se que esta tem por objeto as funções próprias das unidades linguísticas, ao passo que a morfologia só se ocupa de sua forma; da mesma forma que se contenta, por exemplo, com dizer que o genitivo do grego Phúlax, phúlakos, é a forma do genitivo de 'guardião', e a sintaxe ensina o emprego dessas duas formas. (Saussure, 2006, p. 156-157).

É como ser um detetive das palavras, desvendando suas formas e funções para compreender melhor como comunicamos ideias complexas por meio da linguagem. Ao fazer isso, a morfologia revela a incrível diversidade e flexibilidade da língua humana.

Mudanças morfológicas e sintáticas são complexos fenômenos que refletem na dinâmica das línguas ao longo do tempo. Segundo Saussure (2006), essas transformações nem sempre obedecem a um padrão claro e simples. No caso das mudanças morfológicas

e sintáticas, ele destaca que, em algumas situações, um único fenômeno pode dar origem a várias manifestações específicas, mas a essência da transformação é única. Saussure ilustra isso ao se referir ao desaparecimento das formas do antigo caso sujeito no francês. Para entendermos melhor valos aos exemplos:

Latim → Francês: Substantivos com Caso Sujeito (Nominativo) e Objeto (Acusativo)

Exemplo: lupus (o lobo)

Quadro 1 – Formas do caso sujeito e objeto em latim, francês antigo e moderno.

Função	Latim	Francês Antigo	Francês Moderno
Sujeito	lúpus	li leus	le loup
Objeto	Lupum	Leu	le loup

- No latim e no francês antigo, o sujeito e o objeto tinham formas diferentes.
- No francês moderno, a mesma forma serve para os dois, e a ordem das palavras é que determina a função sintática.
- Pronomes pessoais

Exemplo: “eu” e “me”

Quadro 2- Pronomes pessoais no caso sujeito e objeto em latim e francês moderno.

Função	Latim	Francês Moderno
Sujeito	Ego	Je
Objeto	Me	me / moi

- Aqui, ainda existe uma distinção de formas, mas mesmo os pronomes passaram por uma reorganização moi passou a ter usos diferentes (objeto tônico, com preposição, etc.), mostrando a mesma tendência de reconfiguração da estrutura gramatical.

Para Saussure, embora esse fenômeno possa parecer uma série de mudanças distintas, na verdade, todas as manifestações são, na sua essência, resultados de um único fato histórico. Ele afirma:

Em certa época, quase todas as formas do antigo caso sujeito desapareceram em francês; não há nisso um conjunto de fatos que obedecem à mesma lei? Não, pois todos não passam de manifestações múltiplas de um só e mesmo fato isolado. Foi a noção particular de caso

sujeito que foi extinta e seu desaparecimento acarretou naturalmente o de toda uma série de formas (Saussure, 2006, p. 109).

Isso implica que as transformações sintáticas e morfológicas não são fenômenos isolados ou independentes, mas estão profundamente interligados e devem ser compreendidos em um processo histórico e sistemático mais amplo.

No mesmo sentido, Saussure (2006), observa que as mudanças morfológicas, como as que ocorrem nas palavras e em suas formas derivadas, também podem ser analisadas com a ajuda de comparações entre diferentes períodos históricos da língua. Em sua análise de mudanças fonéticas, ele destaca que uma comparação morfológica deve ser frequentemente acompanhada de considerações fonéticas para entender as transformações de maneira completa. Por exemplo, ele examina a relação entre as palavras latinas *Patior* e *passus*, sugerindo que essa transformação morfológica pode ser compreendida ao se observar a evolução de outras formas, como *facio* e *factus*, ou *dicto* e *dictus*. Sobre isso, Saussure escreve:

No exame do latim *Patior* e *passus*, faço intervir *faciō*, *dictus*, etc., porque *Passus* é uma formação da mesma natureza; é apoiando-me na relação morfológica *faciō* e *factus*, *dicō* e *diaus*, etc., que posso estabelecer a mesma relação numa época anterior entre *Patior* e **Pattus* (Saussure, 2006, p. 255).

Essa observação sugere que as mudanças morfológicas, embora inicialmente pareçam fenômenos isolados, muitas vezes fazem parte de uma rede interconectada de transformações linguísticas que envolvem tanto aspectos fonéticos quanto morfológicos. Saussure também faz uma importante distinção entre fenômeno diacrônico e fenômeno sincrônico. Para Saussure, a disposição rigorosa do sistema linguístico pode criar a ilusão de que os fenômenos diacrônicos seguem uma lei rígida e determinista, mas ele alerta para o fato de que, na realidade, essas mudanças são mais complexas e resultam de processos históricos que podem ser reduzidos a regras simples ou gerais. “É a disposição rigorosa deste que cria a ilusão de que o fato diacrônico obedece às mesmas condições que o sincrônico” (Saussure, 2006, p. 109).

Esses pontos ressaltam a natureza dinâmica e histórica das mudanças sintáticas e morfológicas. As transformações não podem ser vistas apenas como alterações superficiais ou isoladas, mas devem ser compreendidas como parte de um sistema maior, no qual a morfologia e a sintaxe interagem com a fonologia e outras dimensões da língua.

A análise histórica dessas mudanças exige uma abordagem integrada, que leve em conta não apenas aspectos morfológicos, mas também as relações fonéticas, sintáticas e etimológicas que influenciam a evolução da língua ao longo do tempo.

Na próxima sessão, entraremos na etimologia das palavras e na etimologia popular para entendermos melhor como funcionam todas essas mudanças que dissertamos nas sessões anteriores.

1.7 Etimologia e etimologia popular

Segundo Saussure (2006), a etimologia não deve ser vista como uma disciplina isolada ou um ramo específico da linguística evolutiva, mas como uma aplicação especializada dos princípios que governam os fenômenos linguísticos tanto no aspecto sincrônico quanto no diacrônico. Em sua concepção, a etimologia busca rastrear as origens das palavras e entender como elas se transformaram ao longo do tempo, seja por mudanças no som, no significado ou por outras alterações linguísticas.

Saussure exemplifica essa ideia com casos práticos. Ele observa, por exemplo, que a palavra francesa “*sel*” vem do latim *sal* devido a uma simples alteração fonética. Da mesma forma, a palavra *labouter*, que originalmente significava trabalhar a terra, provém do antigo francês *laboàwer*, que tinha o sentido mais geral de “trabalhar”, devido a uma mudança de significado. Outro exemplo citado por Saussure é o verbo comer, que vem do latim *cubare* (significando estar deitado), passando por modificações tanto no som quanto no sentido.

Esses exemplos ajudam a ilustrar que a etimologia não se limita a mudanças sonoras, mas também pode envolver transformações semânticas das palavras ao longo do tempo. Além disso, ele menciona o caso de *pommier*, que vem de *pomme*, destacando como a etimologia pode envolver mudanças morfológicas, nesse caso, a palavra sofre transformação para dar origem a outras palavras por meio de sufuxação. Para Saussure, o objetivo da etimologia é entender “as relações das palavras com outras palavras”, conectando os termos em um sistema mais amplo, e não analisando palavras isoladamente (Saussure, 2006, p. 220).

Outro ponto fundamental na reflexão de Saussure sobre etimologia é a sua relação com o conceito de arbitrariedade do signo. Esse conceito sugere que não há uma ligação necessária entre o som e o significado de uma palavra. Assim, quando a etimologia busca explicar a origem das palavras, ela não parte de uma relação natural entre o som e o seu

sentido, mas sim de um processo de "redução a termos conhecidos". Isso significa que, ao investigar as palavras e suas raízes, a etimologia as compara com outras palavras de origem comum. Saussure afirma que "explicar uma palavra é reduzi-la a outras palavras", o que revela o caráter relacional e histórico dessa disciplina. Esse processo de "redução a termos conhecidos" sugere que a etimologia, como um ramo da Linguística, busca situar as palavras dentro de uma rede de significados que evoluem ao longo do tempo, tanto no plano sincrônico quanto diacrônico (Saussure, 2006, p. 220).

A etimologia, portanto, não se limita a estudar palavras isoladas, mas se ocupa também da formação de "famílias de palavras", isto é, do estudo das relações entre palavras que compartilham uma origem comum. Além disso, a etimologia investiga elementos formativos da língua, como prefixos e sufixos, essenciais para entender como as palavras se estruturam e mudam ao longo do tempo. Saussure observa que, enquanto a linguística, seja ela estática ou evolutiva, descreve fatos linguísticos, a etimologia se distingue ao estudar o processo de formação das palavras e a evolução de seus significados. Ele declara: "A etimologia faz a história de famílias de palavras, assim como a faz dos elementos formativos, prefixos, sufixos, etc." (Saussure, 2006, p. 220).

Finalmente, Saussure deixa claro que, embora a etimologia utilize recursos da fonética, morfologia e semântica, ela não se preocupa com os detalhes das operações linguísticas envolvidas. Ou seja, a etimologia não se propõe a fazer uma análise sistemática de cada processo linguístico, mas utiliza as ferramentas da linguística para entender a origem e a transformação das palavras ao longo do tempo. Nesse sentido, a etimologia pode ser vista mais como uma "aplicação prática" dos princípios linguísticos do que uma disciplina independente com métodos próprios.

Para Saussure, a etimologia é, essencialmente, o estudo das origens e transformações das palavras, baseado nas relações entre palavras e seus significados ao longo do tempo. Ao utilizar os recursos da Linguística, a etimologia se distingue por sua abordagem histórica e relacional, sem se restringir a um método fixo de investigação. Seu objetivo é sempre compreender as palavras dentro de um contexto dinâmico e em constante evolução.

A etimologia popular, por sua vez, ocorre quando palavras são modificadas em sua forma ou sentido devido ao uso inadequado ou pouco familiar de uma parte da população, "acontece-nos por vez estropiar palavras cuja forma e cujo sentido nos são pouco familiares, e às vezes o uso consagra tais deformações" (Saussure, 2006, p.202), ou seja, palavras que não são de uso comum ou que se tornam distorcidas ao longo do

tempo podem, eventualmente, ser legitimadas por uma determinada comunidade, embora o significado original se perca ou se altere. Um exemplo disso é a expressão “cuspido e escarrado”, segundo a revista Carta capital:

[...] “cuspido e escarrado”, de extração popular, na atualidade, e nada mais é do que a antiga expressão “esculpido e encarnado”, da qual se originou. Ora, dizer que o filho é o pai esculpido faz sentido. Você não acha? Em uma escultura pode-se tentar a reprodução de uma figura qualquer, sendo o filho, então, comparado a uma escultura do pai, uma cópia em carne e osso. E ainda mais com o reforço de encarnado, que aqui não significa “vermelho”, mas “encarnou”, que tem a imagem de que se parece (CUSPIDO e escarrado: Quando hoje se quer dizer que o filho é muito parecido com o pai, usa-se essa expressão estranha. [S. l.], 27 maio 2016.¹

Nesse sentido, Xavier (2000, p. 175) também comenta sobre a origem popular da expressão “cagado e cuspido”:

A expressão cagado e cuspido é uma desfiguração de esculpido em Carrara, usada para indicar pessoas de fisionomias parecidas ou com notável semelhança física. Xavier (2000:175) diz que o termo esculpido (talhado a cinzel ou escopro) não é familiar à gente iletrada, foi logo trocado por um mais conhecido: cuspido. O termo cagado, acredita-se que tenha surgido da expressão em Carrara (cidade da Itália, conhecida pela excelência de seus mármore.)²

Há outra variante para tal expressão: esculpido e encarnado, sugerindo que o rosto e o espírito de alguém estivessem entranhados no rosto ou no corpo de outra pessoa.

A expressão popular "cuspido e escarrado", amplamente utilizada para indicar que alguém é muito parecido com outra pessoa, é um exemplo claro de etimologia popular. De acordo com a Carta Capital (2016), a forma atual dessa expressão deriva de uma transformação fonética e semântica da antiga expressão "esculpido e encarnado". Originalmente, a expressão possuía um sentido metafórico, em que o filho era comparado a uma “escultura viva” do pai, ou seja, uma réplica em carne e osso da figura paterna. O termo "encarnado", nesse contexto, não faz referência à cor vermelha, mas sim ao ato de "encarnar", de tomar forma corpórea.

Este processo de transformação também é evidenciado por Dicionário informal (2007), que aponta a variante "cagado e cuspido" como uma evolução ainda mais

¹ Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/cultura/cuspido-e-escarrado/>. Acesso em: 20 abr. 2025.)

² ALMEIDA, Marcos. Cagado e cuspido. [S. l.], 22 nov. 2007. Disponível em: <https://www.dicionarioinformal.com.br/cagado+e+cuspido/>. Acesso em: 22 abr. 2025, 15:30.

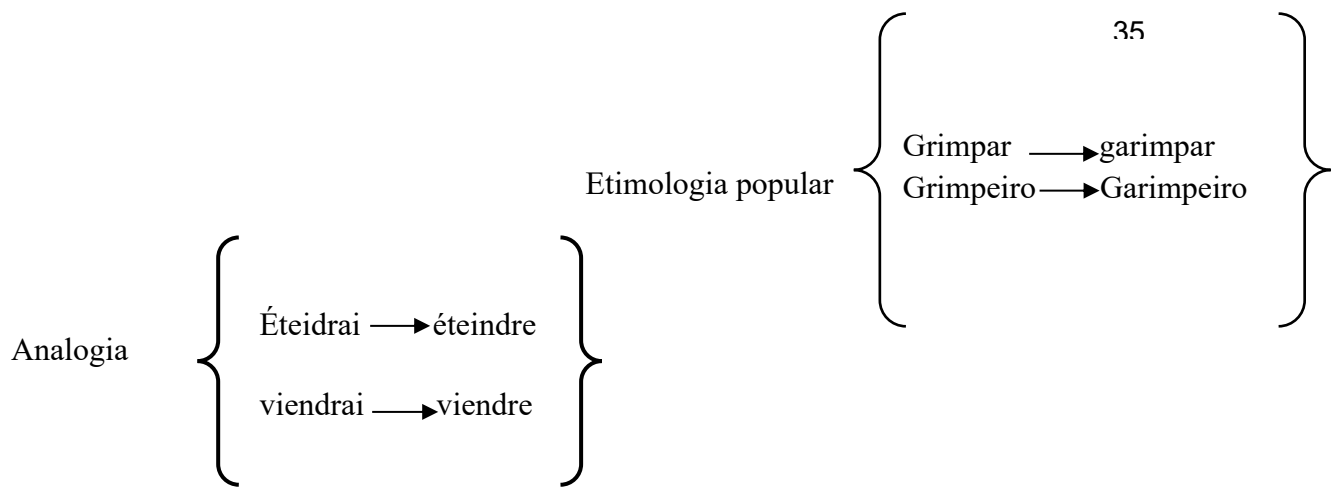
distorcida de "esculpido em Carrara", expressão usada para descrever uma semelhança física muito marcante. Para Almeida, a mudança de "esculpido" para "cuspido" e "cagado" reflete a falta de familiaridade com o termo original e a adaptação de palavras mais comuns e compreensíveis para a população em geral. Dessa forma, o fenômeno da etimologia popular se dá por meio de alterações fonéticas e semânticas que, com o tempo, acabam por consolidar as novas formas, embora o significado original se perca ou se modifique. Com o tempo, no entanto, a pronúncia popular distorceu a expressão original, que acabou se tornando "cuspido e escarrado" e "cagado e cuspido", uma versão que, apesar de soar menos lógica em termos de significado literal, foi consagrada pelo uso e plenamente compreendida no contexto comunicativo, o que caracteriza a etimologia popular, conforme definido por Saussure (2006, p. 202). Essa transformação ocorre justamente com as palavras pouco familiares; por seu som ou sentido tendem a ser reinterpretadas pelos falantes de acordo com o que lhes parece mais conhecido ou mais natural.

A etimologia popular traz a forma em que aquela população escuta e pensa que é o som daquela palavra e a escrita. Geralmente são palavras estrangeiras nas quais o indivíduo ou a população não tem ideia do som, é o primeiro contato com a palavra e com o som. O autor afirma que:

A etimologia popular não age, pois, senão em condições particulares, e não atinge mais que as palavras raras, técnicas ou estrangeiras, que as pessoas assimilam imperfeitamente. A analogia, ao contrário, é um fato absolutamente geral, que pertence ao funcionamento normal da língua. Esses dois fenômenos, tão semelhantes por certos lados, se opõem na sua essência; devem ser cuidadosamente distinguidos (Saussure, 2006, p. 204).

Segundo Saussure, isso acontece com palavras de origens estrangeiras. Podemos aplicar isso no galicismo, que são palavras de origem francesa, que passaram por diversas modificações semânticas, morfológicas e fonéticas no decorrer do tempo. Para entendermos melhor a diferença entre analogia e etimologia popular exemplificaremos:

Analogia {
 Vossa mercê
 Vossemecê
 Vosmecê
 Você



Os exemplos apresentados como, *grimpar* → *garimpar* e *grimpeiro* → *garimpeiro* revelam como palavras de origem estrangeira (no caso, do francês *grimpar*) foram assimiladas de maneira imperfeita pelo português brasileiro. Isso acontece porque, como afirma Saussure (2006, p. 204), a etimologia popular incide especialmente sobre palavras raras, técnicas ou estrangeiras, cujo som original é mal interpretado pela população. Assim, a palavra original é adaptada ao sistema fonológico do português de forma equivocada, mas funcional, gerando uma nova forma consagrada pelo uso.

Os exemplos de analogia, como *vossa mercê* → *vossemecê* → *vosmecê* → *ocê*, demonstram um processo diferente. Aqui, não se trata de erro na assimilação de uma palavra estrangeira, mas da tendência natural da língua de simplificar e regularizar estruturas com base em modelos existentes. Esse é um processo comum na formação de palavras no português, e ocorre internamente, dentro do próprio sistema linguístico. Nesse caso, a evolução da forma é gradual e responde a padrões fonológicos e morfológicos regulares. Outro exemplo relevante no esquema é a adaptação fonética de verbos franceses: *éteindre* → *viendrai* transformam-se, popularmente, em *éteidrai* → *viendre*. São tendências naturais da língua de simplificar e regularizar estruturas com base em modelos existentes.

Portanto, enquanto a etimologia popular está ligada a distorções causadas pela incompreensão de termos pouco familiares, a analogia é um mecanismo ativo e regular da língua, que visa tornar seus elementos mais coerentes e fáceis de usar.

Para entendermos melhor como determinadas palavras passaram a integrar o vocabulário do português do Brasil, é necessário observar os movimentos históricos e culturais que moldaram essa incorporação. Um exemplo interessante é o galicismo, ou seja, o uso de palavras ou expressões de origem francesa no português. Esse fenômeno pode ser analisado a partir de uma metáfora: o jogo de xadrez.

No tabuleiro das relações linguísticas, o francês ocupou, durante muito tempo, o posto de peça dominante, como a rainha, movimentando-se com liberdade e influenciando os espaços por onde passava. O português, por sua vez, adaptava suas estratégias, incorporando esses movimentos e traduzindo-os em novas formas de expressão. Nesse jogo simbólico, os galicismos não apenas revelam a influência francesa sobre a língua portuguesa, mas também demonstram como a língua é um campo de constante negociação e adaptação, onde as palavras são peças que mudam de lugar conforme os interesses e contextos culturais. Na próxima seção, abordaremos com mais profundidade essa relação entre Brasil e França, analisando como o francês se tornou referência cultural e linguística em diversos momentos da história brasileira.

1.8 Galicismo e a metáfora do jogo do xadrez: A linguagem como um sistema relacional

A reflexão estruturalista de Saussure propõe uma das metáforas mais fecundas para a compreensão da língua: o jogo de xadrez. Ao descrever o funcionamento do sistema linguístico, Saussure lança mão dessa comparação para ilustrar de forma acessível e precisa os conceitos de sincronia e diacronia, valor e sistema. O xadrez, com suas peças, regras e movimentos, se apresenta como uma analogia eficaz para elucidar a natureza relacional e convencional da linguagem. Esse paralelo permite observar o caráter sistemático da língua e sua organização enquanto estrutura dinâmica, mas regida por princípios regulares. Nesse sentido, insere-se o galicismo linguístico, uma corrente que valoriza a herança linguística e cultural francesa. A metáfora de Saussure ganha ainda mais sentido quando situada nesse contexto, visto que seu pensamento influencia profundamente a linguística moderna e o estudo das línguas românicas, sobretudo o francês. A tradição francesa de análise linguística valoriza a ordem, a estrutura e a clareza, elementos que ressoam com a proposta saussuriana de sistematização da linguagem.

A primeira semelhança notável entre a língua e o jogo de xadrez está na noção de sistema de valores: “O valor respectivo das peças depende da sua posição no tabuleiro, do mesmo modo que na língua cada termo tem seu valor pela oposição aos outros termos.” (Saussure, 2006, p. 105). No xadrez, uma peça vale pelo que desempenha no tabuleiro, em relação às outras. Da mesma forma, na língua uma palavra só tem valor porque se opõe às demais dentro do sistema. Esse é um dos princípios fundamentais da linguística estrutural: o valor dos elementos linguísticos não é intrínseco, mas relacional. Assim

como no xadrez, o valor de uma peça não depende de suas características isoladas, mas da posição que ocupa e das relações que estabelece no tabuleiro. Da mesma forma, na língua, uma palavra não possui valor por si só, mas adquire significado em função das diferenças que mantém em relação às demais unidades do sistema. É a rede de oposições que define cada termo, e não uma essência fixa e independente.

Outro aspecto fundamental da comparação é o caráter momentâneo dos estados do sistema, o que Saussure chama de sincronia. No xadrez, o que importa é a posição atual das peças, não os lances anteriores. Do mesmo modo, na linguística sincrônica, observa-se o estado da língua em um dado momento, sem considerar sua evolução histórica. “Numa partida de xadrez, qualquer posição dada tem como característica singular estar libertada de seus antecedentes.” (Saussure, 2006, p. 106). Essa independência dos estados sincrônicos permite que a descrição da língua seja feita sem apelo a seu passado. O estado atual da língua se impõe como objeto legítimo de análise, assim como um observador do xadrez pode compreender o jogo ao ver o tabuleiro, sem conhecer os lances anteriores. Essa abordagem é fundamental para os estudos de gramática descritiva e análise estrutural.

Entretanto, o sistema também muda. Saussure utiliza o movimento das peças no xadrez para representar a dimensão diacrônica da língua. Cada movimento altera o estado do jogo, assim como uma mudança fonética, morfológica ou sintática transforma a língua com o tempo. “Cada lance do jogo de xadrez movimenta apenas uma peça; do mesmo modo, na língua, as mudanças não se aplicam senão a elementos isolados.” (Saussure, 2006, p. 105). A comparação reforça a ideia de que mesmo pequenas alterações, como uma mudança em um único som, podem ter grandes repercussões no sistema como um todo. Assim como no xadrez, onde um lance pode mudar o rumo da partida, na língua uma transformação localizada pode desencadear novos arranjos de sentido.

Ao tratar das regras, Saussure estabelece mais um elo entre a língua e o jogo. As regras do xadrez podem ser analisadas de maneira análoga às regras da língua. Elas são estabelecidas antes do início do jogo, não são criadas pelos jogadores e permanecem constantes durante toda a partida. Do mesmo modo, os falantes não escolhem livremente as regras da língua; elas são produto de uma convenção coletiva e histórica. Conforme o autor, “essa regra, admitida de uma vez por todas, existe também em matéria de língua; são os princípios constantes da Semiologia” (Saussure, 2006, p. 105). Esses princípios constantes asseguram a estabilidade do sistema, mesmo diante das variações individuais. A linguagem, como o jogo, opera dentro de um conjunto fixo de possibilidades mesmo

que as jogadas possam variar. No entanto, diferentemente do jogador de xadrez, o falante não tem intenção consciente de alterar o sistema.

Saussure chama atenção para essa distinção ao afirmar que, enquanto o jogador age com propósito, a língua muda espontaneamente, sem plano ou direção definida. Conforme o autor, “para que a partida de xadrez se parecesse em tudo com a língua, seria mister imaginar um jogador inconsciente ou falta de inteligência” (Saussure, 2006, p. 106). O autor enfatiza que as mudanças linguísticas ocorrem de forma difusa, muitas vezes sem intenção ou percepção consciente dos falantes. A analogia se torna, assim, ainda mais esclarecedora ao ilustrar a autonomia da língua em relação à vontade individual.

Saussure também analisa a identidade das unidades linguísticas a partir do seu valor funcional, comparando-a com as peças de xadrez. No jogo, a identidade de uma peça, como o cavalo, não está necessariamente ligada ao seu aspecto físico, mas sim ao papel que desempenha no sistema do jogo. Por exemplo, qualquer objeto que ocupe a posição do cavalo e respeite suas regras de movimento poderia, em tese, substituí-lo, sem prejuízo para o funcionamento do sistema. Da mesma forma, na língua, o significado de uma unidade linguística não é determinado por uma essência própria ou isolada, mas pelo lugar que ocupa e pelas relações que mantém com os demais elementos do sistema linguístico. Saussure sintetiza essa ideia ao afirmar “vê-se, pois, que nos sistemas semiológicos, como a língua, nos quais os elementos se mantêm reciprocamente em equilíbrio de acordo com regras determinadas, a noção de identidade se confunde com a de valor, e reciprocamente.” (Saussure, 2006, p. 128). Esse princípio é fundamental para o estruturalismo: as unidades linguísticas só adquirem sentido e função no interior do sistema que as organiza, jamais de maneira isolada.

Saussure associa a linguística sincrônica ao conceito de gramática, no sentido de um sistema de regras e valores em funcionamento. Assim como se pode falar da “gramática do jogo de xadrez” ou da “gramática da Bolsa”, pode-se entender a gramática da língua como a descrição de um sistema ativo e complexo. Conforme o autor:

A Linguística estática ou descrição de um estado de língua pode ser chamada de Gramática, no sentido muito preciso e ademais usual que se encontra em expressões como ‘gramática do jogo de xadrez’, [...] em que se trata de um objeto complexo e sistemático, que põe em jogo valores coexistentes (Saussure, 2006, p. 156).

Essa concepção de gramática como sistema de valores inter-relacionados reforça o papel da análise estrutural. A gramática não é apenas uma lista de regras normativas, mas uma representação do funcionamento interno da língua em seu estado atual. Em suma, a metáfora do xadrez serve para elucidar conceitos centrais da linguística estrutural: sistema, valor, sincronia, diacronia e mudança. Ao relacionar o funcionamento da língua com o jogo, Saussure torna visível a lógica interna da língua, não como um conjunto de palavras isoladas, mas como uma estrutura viva e dinâmica, construída coletivamente. No campo galicista, essa perspectiva adquire especial relevância, pois contribui para a compreensão do francês não apenas como herança cultural, mas como sistema em constante transformação e interação com seus falantes.

Essa relação dinâmica entre língua, cultura e identidade coletiva se aprofunda ainda mais quando observamos a conexão entre linguagem e civilização. Saussure reconhece essa ligação ao afirmar:

Incluem elas, primeiramente, todos os pontos em que a Linguística confina com a Etnologia, todas as relações que podem existir entre a história duma língua e duma raça ou civilização. Essas duas histórias se associam e mantêm relações recíprocas. Isso faz recordar um pouco as correspondências verificadas entre os fenômenos linguísticos propriamente ditos [...]. Os costumes duma nação têm repercussão na língua e, por outro lado, é em grande parte a língua que constitui a Nação. (Saussure, 2006, p. 29).

Essa passagem enfatiza a reciprocidade entre o desenvolvimento linguístico e os costumes de uma sociedade. A língua não é apenas reflexo da cultura, mas também agente formador da identidade nacional. Essa perspectiva será fundamental para compreendermos, no próximo capítulo, o contexto histórico de europeização do Brasil, especialmente no que diz respeito à imitação da cultura francesa. A seguir, analisaremos como o francês, enquanto língua de prestígio e símbolo de sofisticação, foi incorporado ao imaginário nacional brasileiro em determinados períodos da história como parte de um projeto de modernidade e de distinção cultural.

Capítulo II – Ecos da França: o legado cultural Francês na formação do Português brasileiro

2.1 A europeização do Brasil: avanços, contradições e desafios

O Brasil viveu um fenômeno histórico e cultural que remonta ao período colonial, quando começou a assimilar valores, práticas, instituições e modelos europeus em sua organização política, econômica, social e cultural. Esse processo se intensificou com a vinda da família real portuguesa, consolidando um movimento de europeização que impactaria profundamente a sociedade brasileira. Como aponta Freyre, o brasileiro do século XIX foi abandonando muitos de seus hábitos tradicionais para adotar modos de vida europeus (Freyre, 2013).

Esse processo não foi homogêneo nem espontâneo. Houve intensa assimilação e imitação de costumes, muitas vezes influenciada por pressões externas, como a presença britânica nos tratados comerciais. A europeização do Brasil no século XIX atingiu também a esfera social, alterando hábitos e costumes da população. Para Freyre, essa experiência de contato renovado com a Europa assumiu um caráter ainda mais profundo:

A colônia portuguesa da América adquirira qualidades e condições de vida tão exóticas do ponto de vista europeu – que o século XIX, renovando o contato do Brasil com a Europa, teve para o nosso País o caráter de uma europeização. Em certo sentido, o de uma reconquista (Freyre, 2013, p. 269-270).

D. Pedro II foi um dos principais representantes desse alinhamento. Seu comportamento, vestuário e mentalidade refletiam fortemente o modelo europeu, preferindo a sobriedade aristocrática em detrimento das tradições tropicais. Essa preferência simbolizava o alinhamento do Brasil à civilização industrial e burguesa europeia (Freyre, 2013).

A influência não se restringiu à elite. Padrões europeus passaram a ditar normas de vestuário, alimentação e até práticas de saúde pública. Em 1849, o médico Joaquim de Aquino Fonseca relacionava o aumento da tuberculose no Império ao uso de roupas inadequadas para o clima tropical e às mudanças alimentares trazidas da Europa (Freyre, 2013).

As crianças também foram afetadas, sobretudo as meninas, obrigadas a usar roupas pesadas e desconfortáveis, incompatíveis com o clima brasileiro. Freyre observa

que elas se tornaram “martirezinhos das modas europeias”, vestindo trajes que limitavam movimentos e simbolizavam a busca exagerada por parecer europeu (Freyre, 2013).

Esse movimento de europeização não se limitou apenas a costumes cotidianos, mas esteve ligado também a transformações mais amplas na circulação de ideias e imagens. Como observa Flechet e colaboradores, a emergência de novas mídias ampliou a difusão da cultura europeia, especialmente a francesa:

Com efeito, a partir da segunda metade do século XIX, emerge certo número de mídias ou de transformações midiáticas que prefiguram a cultura de massa tal qual ela se desenvolve nos anos 1930 e 1950, tornando possível uma difusão de imagens cada vez mais ampla. A imprensa ilustrada, os periódicos de grande tiragem, o rádio, o cinema e, em seguida, a televisão no último terço do século XX constituem diversos vetores de representações e imagens da França, num sentido amplo, que não concernem apenas às elites urbanas apaixonadas por Paris e ávidas de estratégias de distinção (Flechet; et al., 2017, p. 14).

A europeização do Brasil no século XIX, portanto, foi um processo complexo que impactou profundamente a sociedade. Trouxe novos hábitos e ideias, mas também impôs padrões inadequados à realidade tropical. A análise de Freyre evidencia a ambiguidade desse fenômeno, marcado por avanços, contradições e desafios que moldaram a identidade nacional.

Nesse contexto, a educação também começou a refletir essa aproximação com a Europa. A adoção de modelos pedagógicos estrangeiros, o prestígio da língua francesa e a valorização de padrões acadêmicos europeus transformaram práticas escolares e intelectuais no Brasil. Esses aspectos serão aprofundados na próxima seção, onde analisaremos como a influência francesa moldou a formação educacional brasileira.

2.2 A influência da educação francesa na formação do sistema educacional brasileiro

A influência do francês no Brasil começou entre o final do século XVII e se estendeu durante o século XIX até o século XX, especialmente com a chegada da família real portuguesa em 1808. Antes desse período, a educação no Brasil colônia era realizada pelos jesuítas. Conforme Freyre:

À proporção que o ensino dos jesuítas foi criando pelas cidades da colônia elitezinhas de letrados, quase todos simples latinistas untuosos, seráficos, de livro de missa no bolso – dos quais, entretanto, se

desgarraram alguns temperamentos agrestes como o de Gregório de Matos – a leitura dos livros latinos tornou-se a única leitura nobre e digna: Virgílio, Tito Lívio, Horácio, Ovídio. Quem lesse Diana ou alguma novela, ou romance em língua popular tinha o olhar desconfiado do Santo Ofício e do jesuíta dentro de casa (Freyre, 2013, p. 274).

Nesse contexto, a literatura popular não era valorizada, porém, obras em latim, eram consideradas as únicas dignas de leitura. A educação era controlada pela igreja e ler livros como romances ou novelas, era visto com desconfiança pela igreja católica e pelo santo ofício.

Nesse período, a burguesia brasileira estava essencialmente restrita ao estudo do latim e cultura clássica, o que reflete a forte influência religiosa e controle da igreja católica sobre a educação e o conhecimento. No entanto, com a chegada dos frades franciscanos no século XVIII, houve uma mudança importante. Em 1772, por ordem régia, os franciscanos fundaram o primeiro esboço de uma universidade no Brasil. Diferente dos jesuítas, que priorizavam o latim, os franciscanos introduziram o ensino de línguas estrangeiras tidas como modernas, como o inglês e o francês (Freyre, 2013). Entretanto, a atuação dos franciscanos foi desorganizada e ineficaz, eles foram vistos como “boêmios da ação religiosa” por terem uma abordagem mais flexível e menos rígidas e hierárquica em relação à vida religiosa e à missão de evangelizar em relação aos jesuítas (Freyre, 2013). Todavia, a ideia dos franciscanos não teve tanto sucesso assim, mas uma semente para o que estava por vir. A partir de 1759, a educação foi centralizada por parte do estado; nesse período, foram criadas regras para concursos e a escolha dos livros utilizados nas aulas e a censura de obras consideradas inadequadas. Como Ghiraldelli (2001, p. 15) observa: “embora tais medidas, na prática, tenham desarticulado o incipiente sistema educacional da época, esse período ainda formou intelectuais para o Brasil”. Embora essas reformas tenham sido de forma desorganizada no sistema educacional vigente, elas contribuíram para a formação de importantes intelectuais como José Joaquim de Azeredo Coutinho e Gilberto Luiz Alves que conforme Ghiraldelli (2001) fundou o seminário de Olinda 1800.

Entretanto, as transformações profundas que ocorreram no Brasil, não só na educação, mas em vários quesitos, foi com a chegada da família real em 1808, quando Portugal foi invadido pelas tropas de Napoleão e a corte portuguesa se mudou para o Brasil, sob a proteção dos ingleses. Com a chegada de D. João VI ao Rio de Janeiro, o Brasil passou a ser sede do reino português, o que trouxe uma série de mudanças políticas e culturais. Ghiraldelli (2001, p. 16) destaca que “uma série de cursos, tanto

profissionalizantes em nível médio como em nível superior, bem como militares, foram criados para fazer do local algo realmente parecido com uma Corte”. Além disso, medidas como a abertura dos portos, a criação da Imprensa Régia e a fundação do Jardim Botânico do Rio de Janeiro marcaram esse período, contribuindo para o desenvolvimento cultural e educacional do país.

Essas mudanças, embora tenham sido motivadas por necessidades políticas e estratégicas, tiveram um impacto duradouro na educação brasileira. Elas ajudaram a estruturar um sistema de ensino mais organizado e abriram caminho para futuros avanços, tanto na formação de profissionais quanto no desenvolvimento intelectual do Brasil. Esse período foi, portanto, um marco importante na história da educação no país, refletindo as transformações sociais e políticas da época.

Mas a influência da cultura francesa no sistema educacional brasileiro veio com o tratado de paz entre os dois países e, por conseguinte, com a missão artística. Sobre isso, Schwarcz afirma que:

Da parte da Corte portuguesa, a ideia foi apoiada pelo conde da Barca – o ministro António Araújo de Azevedo – o qual, formado pela ilustração francesa, concebeu o projeto de criar uma Academia de Belas Artes no Brasil, organizada com artistas de reputação no ambiente francês. Com efeito, transmigrada a corte, era preciso dotá-la de uma nova memória e, nessa sociedade majoritariamente iletrada, nada melhor do que ter à disposição uma nova iconografia para criar uma representação oficial. E assim se faria: em vez de uma Corte imigrada e bastante isolada diante da política europeia, surgiriam imagens inaugurais de um Império nos trópicos, agraciado por alegorias clássicas e que viriam legitimar sua permanência (Schwarcz, 2017, p. 114-115).

Diante de uma sociedade majoritariamente iletrada do Brasil colônia e início do império, a utilização da arte para criar uma iconografia oficial era um passo necessário para estabelecer uma identidade visual forte e distinta. A ideia de uma corte imigrada e bastante isolada que estava distante da política europeia. A solução de imagens grandiosas, associando o Brasil ao legado da arte clássica europeia, ajudaria a estabelecer a credibilidade política e social do novo governo imperial. Porém, além disso, tinha a Academia de Belas Artes, que era um projeto artístico liderado por Azevedo. Foi uma tentativa de implantar um ensino superior no Brasil e uma estratégia de tornar o Brasil um país civilizado, avançado e alinhado com as grandes potências da época.

A influência da cultura francesa na educação brasileira foi marcante durante a transição entre a monarquia e a primeira república e sua consolidação. Entre esses dois regimes, a França vivia seu auge, que era chamada de *Belle Époque*. Paris já era conhecida como a cidade luz, uma referência. O modelo educacional francês era sinônimo de refinamento, erudição, sofisticação e civilização, tornando-se um referencial para as elites do Brasil que buscavam se aproximar de modelos e modos europeus. Porém, a influência não era restrita só à educação formal, ela se estendia aos hábitos culturais, à moda e até mesmo à organização da sociedade. Para a elite brasileira, alinhar-se aos padrões europeus era um meio de exteriorizar desenvolvimento e modernidade. Nesse contexto, Ambrogi destaca que:

É recorrente a atribuição de peculiaridades e distinção social, ter modos e comportamentos franceses, tidos como civilizados, remetendo, por contraste, à ideia de não pertencimento ao Brasil atrasado e provinciano. Falar francês e estudar em um Liceu à moda francesa eram meios para ser considerado civilizado, bem como passar temporadas no velho continente para higienizar os trajes e se atualizar quanto à moda, às leituras e aos eventos sociais (Ambrogi, 2017, p. 43).

A valorização da cultura francesa teve um reflexo direto na organização educacional brasileira, principalmente no contexto das elites. O modelo educacional francês não era só referência pedagógica, além de ser um símbolo de condição e distinção social. Esse processo reforçava a ideia de que a educação deveria estar associada à sofisticação e à formação intelectual de uma elite. Dominar os costumes junto à língua francesa tornou-se, portanto, um diferencial para aqueles que buscavam destaque dentro da sociedade. Como enfatiza Ambrogi:

A educação no Brasil no limiar da Primeira República, bem como após sua proclamação e consolidação, esteve calcada em dogmas estrangeiros, em especial para as elites. Destaca-se o modelo francês, por ser considerado o melhor e que representava a civilidade, a elegância e o requinte (Ambrogi, 2017, p. 45).

A ideia de dogma estrangeiro trazido por Ambrogi mostra que as elites brasileiras aderiram, de forma quase inquestionável, a influências externas, considerando-as superiores e associadas a um conceito de progresso e refinamento. Além da influência no currículo e na metodologia de ensino, a arquitetura dos edifícios escolares e o uso de uniformes padronizados foram aspectos fundamentais para consolidar esse modelo. As

escolas passaram a ser projetadas para se diferenciarem das demais construções urbanas, reforçando a ideia de que a educação deveria simbolizar ordem e progresso.

No que se refere à estrutura física das escolas, esta servia não apenas para proporcionar um ambiente adequado ao ensino, mas também para transmitir a sensação de disciplina e hierarquia, características fundamentais do modelo educacional francês. A separação entre a escola e o ambiente cotidiano dos estudantes também era um princípio essencial desse modelo. A escola deveria ser um espaço distinto, que proporcionasse não apenas a aprendizagem formal, mas também a internalização de valores considerados superiores. Como destaca Henry (2017, apud Ambrogi, 2017), a escola deveria ser um espaço distinto, um "monumento" que causasse impacto e emoção na criança, proporcionando-lhe uma experiência única e surpreendente.

Contudo, a tentativa de replicação do modelo educacional francês no Brasil resultou em um processo de exagero e artificialidade, que distorcia as práticas tradicionais do país, tornando-as uma espécie de caricatura das elites europeias (Ambrogi, 2017). Essa adesão acrítica aos modelos estrangeiros não considerava as particularidades culturais, sociais e econômicas do Brasil, o que resultava em uma educação muitas vezes desconectada da realidade da grande maioria da população, incapaz de atender às necessidades e desafios específicos do contexto brasileiro. Assim, em vez de proporcionar uma experiência verdadeiramente transformadora e enraizada na realidade local, o sistema educacional replicava um ideal distante e pouco prático, afastando-se da realidade do país.

Outro aspecto essencial da influência francesa foi a introdução de novos métodos pedagógicos, como o modelo pestalozziano, baseado na observação e na experiência direta. Essa abordagem buscava romper com a educação puramente teórica e torná-la mais significativa e acessível. Ambrogi afirma: “Outro aspecto relevante refere-se aos métodos educacionais utilizados. Deve-se destacar a aplicação do modelo pestalozziano por meio do manual intitulado 'Lições de Coisas” (Ambrogi, 2017 p. 50). Dessa forma, a influência francesa na educação brasileira foi determinante na formação do sistema de ensino do período republicano, moldando tanto os espaços escolares quanto as abordagens pedagógicas e as representações sociais sobre a educação. No entanto, a adoção acrítica desse modelo contribuiu para reforçar uma visão elitista e excludente, na qual a educação servia mais como um marcador social do que como um direito universal. Esse fenômeno perpetuou desigualdades e impediu a construção de um modelo educacional mais

alinhado à realidade brasileira, cujos efeitos ainda podem ser observados na estrutura educacional do país atualmente.

Na próxima seção, falaremos sobre a influência francesa na literatura brasileira. Essa influência foi profunda, especialmente entre os séculos XIX e XX. Durante esse período, os escritores brasileiros foram fortemente influenciados por movimentos literários franceses, como o Romantismo, o Realismo, o Naturalismo e o Simbolismo. Autores como José de Alencar e Machado de Assis incorporaram elementos do estilo francês em suas obras, enquanto o Parnasianismo, inspirado em poetas como Baudelaire e Verlaine, dominou a poesia brasileira com nomes como Olavo Bilac. Além da estética e das temáticas, a cultura francesa também influenciou o pensamento intelectual e acadêmico no Brasil, consolidando-se como um referencial de sofisticação literária.

2.3 Influência francesa na literatura brasileira: um diálogo cultural e literário

As marcas da França na cultura do Brasil vão muito além da Missão Artística de 1816. A relação entre os dois países sempre esteve marcada por um processo dinâmico de troca cultural, no qual coexistem a admiração e a resistência. A princípio, a Revolta de 1789 simbolizou a rejeição de certos ideais francês, mas, com o tempo, a França tornou-se uma referência não apenas na educação, mas também nas artes, na moda e no estilo de vida, moldando profundamente o imaginário cultural brasileiro (Ferreira, 2017).

No século XIX e início do século XX, essa influência se fez sentir de maneira especial na literatura, impulsionada pelo contato com escritores franceses e pela presença marcante de livreiros e editores que trouxeram para o Brasil obras fundamentais do pensamento e da estética europeia. Nesse contexto, as traduções, adaptações e a circulação de livros franceses desempenharam um papel importante na formação de intelectuais e escritores brasileiros, influenciando estilos, temáticas e abordagens literárias (Ferreira, 2017).

Além da presença de obras e autores franceses, a cultura literária brasileira foi fortemente impactada pelo hábito de leitura e pelos modelos editoriais vindos da França. A difusão de correntes literárias como o romantismo, o realismo e o simbolismo tiveram grande repercussão na produção nacional, sendo autores como Victor Hugo, Balzac, Flaubert e Charles Baudelaire algumas das principais referências para os escritores brasileiros da época. Esse intercâmbio moldou não apenas a literatura, mas também os hábitos de leitura e o mercado editorial no Brasil.

Na busca por uma identidade cultural que se aproximasse dos padrões europeus, o país embarcou em um processo de transferência cultural que, na maioria das vezes, foi unilateral e apenas ocasionalmente bilateral. Essa tendência levou a elite brasileira a absorver profundamente a cultura francesa em diversos aspectos. Como destaca Ferreira (2017, p. 86): “Lia-se em francês, a educação das crianças era realizada sob os cuidados de preceptoras francesas e os currículos escolares incluíam obras, modos e tradições de comportamento de etiquetas à francesa.” Observa-se, assim, que a elite brasileira não se limitava a reproduzir apenas o ensino e o currículo francês, mas também imbuía os alunos na literatura, nas tradições e nas normas de etiqueta do país europeu.

A literatura, ao longo da história, tem sido um reflexo das trocas culturais entre diferentes sociedades. Esse processo de transferência cultural ocorreu por meio de diversos movimentos literários, que absorveram influências estrangeiras e as adaptaram às suas realidades locais. Segundo Candido (2000, p. 36), "no arsenal da história literária, dispomos, para o nosso caso, de conceito como: período, fase, momento, geração; grupo, corrente; escola, teoria, tema; fonte e influência". Isso demonstra como a literatura se estrutura em torno de elementos que se interligam e que são moldados pelo contexto histórico e pelas trocas culturais.

Durante o século XVIII, a Europa, em especial a Inglaterra e a França, desempenhou um papel central na disseminação de tendências culturais e artísticas. O Iluminismo, movimento filosófico e cultural que marcou esse período, exerceu grande influência na literatura. Candido explica que:

por ilustração, entende-se o conjunto das tendências ideológicas próprias do século XVIII, de fonte inglesa e francesa na maior parte: da natureza, divulgação apaixonada do saber, crença na melhoria da sociedade por seu intermédio, confiança na ação governamental para promover a civilização e o bem-estar coletivo. Sob o aspecto filosófico, fundem-se nela racionalismo e empirismo; nas letras, pendor didático e ético visando empenhá-las na propagação das luzes (Candido, 2000, p. 41).

Dessa forma, observa-se que a literatura do período incorporava não apenas os ideais filosóficos da época, mas também um compromisso com a disseminação do conhecimento e a valorização do progresso social.

No contexto do Arcadismo, essa transferência cultural se manifestou de maneira singular em diferentes países. A influência do Classicismo francês, a herança greco-latina e as tendências setecentistas moldaram a produção literária do período. Candido (2000,

p. 42) sintetiza essa composição afirmando que "a sua fórmula seria mais ou menos as seguintes: Arcadismo-Classicismo francês + herança greco-latina + tendência setecentista". Assim, percebe-se que o Arcadismo, mesmo apresentando particularidades em cada localidade, manteve uma base comum que refletia as principais correntes literárias e filosóficas da época.

Dessa forma, a literatura se configura como um espaço de intercâmbio cultural, no qual as ideias e estéticas de diferentes períodos e regiões se entrelaçam, resultando em movimentos literários que, embora distintos, compartilham elementos comuns. O estudo dessas influências permite compreender a riqueza da tradição literária e a sua constante evolução ao longo do tempo.

Nesse contexto de trocas e transformações, destaca-se a chegada do Neoclassicismo ao Brasil, cujas raízes estão profundamente entrelaçadas com a tradição europeia. O Neoclassicismo chegou ao Brasil por meio da influência portuguesa, que, por sua vez, o adotou dos espanhóis. Esses últimos, juntamente com os ingleses, utilizavam essa designação para referir-se à imitação do Classicismo francês que se espalhou por toda a Europa no século XVIII. Na literatura brasileira e portuguesa, o termo se mostra útil, pois permite compreender o movimento da Arcádia Lusitana, influenciado pela doutrinação de Verney, cujo objetivo era combater o cultismo. Segundo Candido:

nessa empresa, os reformadores se inspiraram na condição de Boileau, procuraram redefinir a imitação direta dos gregos e romanos, sobretudo teórico, Anacreote, Virgílio, Horácio, e tentaram restabelecer vários padrões do período de excelência clássico na literatura portuguesa, o século XVI, promovendo, sob muitos aspectos, um verdadeiro Neoquinetismo (Candido, 2000, p. 41).

Assim, o Neoclassicismo reforçou a ligação da literatura portuguesa e brasileira com os padrões estéticos da Antiguidade Clássica e com as influências do Classicismo francês. A presença da cultura e da literatura francesas, no entanto, não se restringiu ao Arcadismo e ao Neoclassicismo. No século XIX, o Romantismo encontrou na França um de seus principais polos de desenvolvimento, especialmente nas obras de Victor Hugo, Lamartine e Chateaubriand. Mais tarde, o Realismo e o Naturalismo também foram profundamente influenciados pelos franceses, sendo Balzac e Zola figuras centrais na consolidação dessas correntes. Essas influências demonstram que a literatura, independentemente de sua origem, sempre esteve em constante diálogo com diferentes tradições culturais.

Nesse mesmo panorama de trocas culturais, outro ponto significativo que mostra as contribuições feitas pela literatura francesa à literatura brasileira se deu por meio da influência de Charles Baudelaire, que inspirou escritores nacionais, incluindo o renomado Machado de Assis. No Brasil, essas percepções finisseculares começaram a se manifestar a partir da década de 1880, especialmente entre os jovens poetas que, influenciados pelo autor francês, se autodenominaram Grupo dos Novos. Machado de Assis já percebia essa influência e, em seu ensaio *Nova Geração* (1879), apontava para a presença de uma inspiração baudelaيرية entre determinados poetas brasileiros. Ele chamava atenção para o surgimento de uma nova dicção poética que se afastava da poesia realista ou científica, então predominante, e a definia como uma poesia moderna (Oliveira, 2017).

Esse reconhecimento da influência de Baudelaire evidencia como a literatura francesa exerceu um papel fundamental na renovação estética da poesia brasileira. O movimento simbolista, que se consolidou nas décadas seguintes, encontrou nas ideias baudelafricanas um de seus pilares, incorporando elementos como a musicalidade dos versos, a sugestão em detrimento da descrição direta e a busca pela expressão do subjetivo e do misterioso. Dessa forma, a poesia brasileira passou a explorar temas como a melancolia, o desencanto e a dualidade entre o belo e o grotesco, elementos recorrentes na obra do poeta francês.

Além disso, a presença da literatura francesa não se limitou à poesia, mas também influenciou a prosa. Machado de Assis, embora frequentemente associado ao realismo, também dialogou com essa tradição literária, sobretudo em sua fase madura, ao explorar o psicológico e o irônico em suas narrativas. Assim, a recepção das ideias de Baudelaire e de outros escritores franceses não apenas enriqueceu a literatura nacional, mas também contribuiu para a construção de um estilo próprio, em que a influência estrangeira era ressignificada à luz das particularidades culturais e sociais do Brasil.

Essa influência duradoura demonstra como a literatura francesa desempenhou um papel fundamental na modernização das letras brasileiras, tanto na poesia quanto na prosa. O diálogo com Baudelaire e outros escritores franceses não apenas expandiu as possibilidades expressivas dos autores nacionais, mas também consolidou uma tradição literária mais complexa e sofisticada. Assim, longe de uma simples imitação, a apropriação das ideias francesas contribuiu para o desenvolvimento de uma identidade literária brasileira, capaz de absorver e transformar influências estrangeiras em algo autenticamente nacional. Dessa forma, a literatura brasileira reafirmava sua posição no cenário global, enriquecida por esse intercâmbio cultural contínuo. O Brasil era tão

influenciável pela cultura europeia francesa que, segundo Oliveira (2017), a França não apenas servia como modelo de sofisticação, mas também exercia um papel determinante na organização das hierarquias sociais e culturais do país. Esse fenômeno se refletia principalmente na adoção de costumes, na moda, na literatura e nas artes cênicas, onde a presença francesa era marcante.

Sua influência é plenamente percebida no Brasil através de um cenário dominado por representações de peças teatrais francesas, traduzidas ou não, e pela publicação, em tradução quase simultânea, de romances franceses nos folhetins ‘franco-brasileiros’ e também pela presença de uma população francesa que vivia na corte (Oliveira, 2017, p. 48).

Um verdadeiro farol cultural para a elite brasileira, especialmente aquela que gravitava em torno da corte no Rio de Janeiro, a influência francesa se materializou, sobretudo, no teatro, na literatura e nas práticas sociais da época. O domínio das peças teatrais francesas nos palcos brasileiros não ocorreu por acaso; a dramaturgia francesa, notadamente a comédia e o drama romântico, eram vistas como refinada, espelhando os valores e a moral da burguesia europeia. Muitos desses textos chegavam ao território brasileiro com traduções quase imediatas; contudo, não era raro que fossem encenados em sua língua original, considerando o conhecimento do francês por parte da elite brasileira. Isso evidencia uma apropriação direta e seletiva da cultura estrangeira. No caso do Brasil, tal apropriação foi conduzida de forma estratégica, com a adoção de elementos da cultura francesa como arte, literatura e moda não de maneira indiscriminada, mas com o objetivo de aproximação simbólica àquilo que era considerado o centro da civilização e do progresso: a França. A elite brasileira via nesse país não apenas um modelo de refinamento cultural, mas também um espelho de modernidade, refletindo o ideal de nação que o Brasil aspirava se tornar. No campo literário, tal influência manifestou-se com a proliferação dos romances franceses nos folhetins dos jornais brasileiros, os chamados folhetins franco-brasileiros.

A incorporação da cultura francesa pela elite brasileira não se deu apenas por meio da apreciação estética ou simbólica de seus produtos culturais, mas também por intermédio da atuação de agentes europeus que passaram a operar diretamente no Brasil. Essa presença ativa de editores, livreiros e impressores franceses evidencia que a influência estrangeira não se restringiu ao consumo, mas se expandiu para a produção e mediação cultural no território nacional. Nesse contexto, destaca-se a figura de François

Plancher de la Noé, cuja inserção no cenário editorial brasileiro representou não apenas a transferência de técnicas tipográficas, mas também a introdução de um repertório ideológico alinhado aos valores europeus, o que contribuiu de forma significativa para o fortalecimento da cultura letrada no Brasil do século XIX.

François Plancher de la Noé, "livreiro e editor bem conhecido na Europa e na França, sobretudo pelos textos políticos, uma das principais motivações para sua transferência para o Brasil" (Ferreira, 2017, p. 281), chegou acompanhado de outro impressor francês, Cremiè. Ambos trouxeram consigo não apenas conhecimento técnico, mas também um acervo ideológico que impactou diretamente o ambiente editorial local. Essa atuação reforça a ideia de que a cultura francesa exerceu um papel estruturante no processo de formação intelectual e simbólica das elites brasileiras, contribuindo para a construção de um imaginário de modernidade ancorado nos valores europeus.

A atuação dos franceses nas artes gráficas também teve destaque. Técnicas originárias da Europa foram incorporadas às oficinas brasileiras, dando novo fôlego à tipografia nacional. Um exemplo relevante é o de Villeneuve, cuja tipografia teve "longa vida, chegando a ser dirigida por seu filho, que tinha nascido no Rio de Janeiro. A oficina tipográfica, originalmente, situou-se também na rua do Ouvidor, n. 95, e, em segundo momento, na mesma rua, no n. 65" (Ferreira, 2017, p. 282-283). Além disso, Villeneuve, em parceria com Mongenot, adquiriu o *Jornal do Commercio* em 1832, demonstrando o grau de inserção dos franceses no ambiente jornalístico e comercial da época.

Entretanto, a profissionalização dos livreiros e impressores no Brasil ocorreu de forma lenta, sobretudo se comparada aos padrões europeus. Conforme observa Ferreira (2017), "a Europa, sobretudo a França, tinha um papel hegemônico indiscutível, e o barateamento da produção levou muitos dos agentes do mercado editorial brasileiro a imprimir seus livros em Paris" (Ferreira, 2017 p. 283). Isso demonstra como o mercado francês ainda ditava as diretrizes de produção e consumo de material impresso, mesmo após a independência política do Brasil.

Apesar disso, o mercado editorial brasileiro começava a despertar interesse por parte de empresários franceses, seja por sua novidade, seja pelas "brechas legais que permitiam o consumo de livros em francês, mesmo aqueles que estariam mais vulneráveis à censura na Europa" (Ferreira, 2017, p. 283). Dessa forma, o Brasil tornou-se um terreno fértil tanto para a difusão de ideias quanto para a inserção de práticas editoriais modernas. Os mecanismos de publicação e difusão de impressos como jornais, calendários e

litografias já estavam consolidados entre esses franceses, que vinham com interesses comerciais articulados ao mercado internacional. Conforme Ferreira:

apesar da imigração francesa para o Brasil ser numericamente discreta, alguns franceses que aqui permaneciam passaram a ser vistos como pessoas que estavam dispostas a 'qualquer coisa', a tal ponto que o termo 'negócio afrancesado' tornou-se sinônimo, por algum tempo, de negócios escusos (Ferreira, 2017, p. 287).

Isso evidencia a ambiguidade com que os franceses eram percebidos: ao mesmo tempo em que eram agentes modernizadores, também carregavam a pecha de oportunistas. Portanto, os livreiros e impressores franceses tiveram um papel fundamental na formação do mercado editorial brasileiro. Trouxeram técnicas, experiências e ideologias que ajudaram a moldar a imprensa nacional, embora também enfrentassem desafios relacionados à aceitação social e à adaptação ao contexto político e cultural brasileiro. Na próxima seção, abordaremos o Iluminismo, movimento filosófico e cultural originado na França no século XVIII, que teve como pilares a razão, o progresso, a liberdade e a valorização do conhecimento. Essas ideias atravessaram fronteiras e chegaram ao Brasil por meio de livros, panfletos e das próprias ações de intelectuais e agentes franceses. Examinaremos como esses princípios iluministas influenciaram profundamente o imaginário franco-brasileiro, contribuindo para a formação de discursos políticos, sociais e educacionais que marcaram o processo de construção de uma identidade nacional, especialmente no contexto de transformações históricas e culturais vividas no século XIX.

2.4 O iluminismo francês na formação do pensamento brasileiro

Nesta seção, abordaremos o Iluminismo francês e sua profunda influência sobre diversas revoltas que emergiram no Brasil colonial e imperial, em especial aquelas que tinham como ideal maior a conquista da independência. Os ideais de liberdade, igualdade e fraternidade, tão fortemente difundidos pelos filósofos iluministas como Voltaire, Rousseau e Montesquieu, atravessaram o Atlântico e encontraram eco em terras brasileiras, despertando o desejo de transformação social, política e econômica. Movimentos como a Inconfidência Mineira e a Conjuração Baiana foram exemplos diretos de revoltas influenciadas pelo pensamento iluminista, que propunha o fim dos regimes absolutistas e o fortalecimento da razão como instrumento de libertação. Além

das revoltas, o Iluminismo também exerceu forte impacto sobre a formação intelectual de diversos pensadores brasileiros, como Joaquim José da Silva Xavier (Tiradentes), Cláudio Manuel da Costa, Tomás Antônio Gonzaga e José Bonifácio, que passaram a refletir criticamente sobre a realidade do país, propondo caminhos para uma sociedade mais justa e autônoma.

Para entender melhor como essas ideias ganharam força e se propagaram, é fundamental contextualizar o Iluminismo dentro do cenário europeu, onde surgiu como um movimento denominado “Século das Luzes”. De acordo com Grespan (2001), “mais que uma atitude mental o iluminismo foi movimento de ideias, no sentido forte de um processo de constituição e acumulação de saber sempre renovado e sempre capaz de ser modificado até nos fundamentos” (Grespan, 2001 p. 15-16). Tal movimento teve início na Europa no século XVII, alcançando seu auge no século XVIII. Conforme destaca o autor:

O Iluminismo nasce de um contexto revolucionário, que é o que lhe conferiu o aspecto crítico pelo qual se definiu e constituiu. Veremos com detalhes adiante que no âmbito das Revoluções na Inglaterra do século XVII — a Puritana de 1640 e a Gloriosa de 1688 — é elaborado e consagrado um pensamento crítico, marcando decisivamente o século seguinte em toda a Europa (Grespan, 2001, p. 19).

Esses acontecimentos históricos não apenas transformaram estruturas políticas, como também consolidaram princípios fundamentais, como os direitos naturais inalienáveis à vida, à liberdade e às propriedades. A partir dessa perspectiva, observa-se que as revoluções inglesas constituem a base para a emergência do pensamento iluminista. As Revoluções Puritana (1640) e Gloriosa (1688) não apenas redefiniram a estrutura de poder na Inglaterra, como também promoveram profundas transformações na forma de pensar vigente, abrindo caminho para eventos futuros, como a Revolução Francesa.

Essas transformações evidenciaram o potencial da razão e da crítica como instrumentos de reforma das estruturas políticas tradicionais, servindo de inspiração para os principais pensadores do século XVIII. O Iluminismo expandiu tais ideias, aplicando-as não apenas ao campo político, mas também à religião, à ciência e à organização social. Filósofos como Voltaire, Rousseau e Montesquieu defenderam valores como a liberdade de pensamento, a separação dos poderes e o progresso da humanidade, consolidando um legado que influenciaria diretamente revoluções como a Americana (1776) e a Francesa

(1789). Dessa forma, o Iluminismo deve ser compreendido não apenas como um movimento intelectual, mas como a culminação de um processo revolucionário iniciado na Inglaterra do século XVII, que transformou profundamente os paradigmas ocidentais relacionados ao poder, à liberdade e à razão.

Já no contexto brasileiro, ainda que sob o domínio colonial de Portugal, é possível perceber o eco dessas ideias iluministas. A partir do século XVIII, as ideias iluministas especialmente as originadas na França ultrapassaram os limites do continente europeu e passaram a influenciar diversas regiões do mundo. Um exemplo notável é o Marquês de Pombal, que, apesar de representar o absolutismo ilustrado, promoveu reformas significativas no ensino durante o período colonial. Como explica Ghiraldelli, Pombal foi, de certa forma, a corporificação do Iluminismo na administração portuguesa, ao implementar mudanças que visavam modernizar a educação e reduzir a influência da Igreja, especialmente dos jesuítas. Conforme o autor:

A Companhia de Jesus foi expulsa de Portugal e do Brasil quando o Marquês de Pombal, então Ministro de Estado em Portugal, empreendeu uma série de reformas no sentido de adaptar aquele país e suas colônias ao mundo moderno, tanto do ponto de vista econômico quanto político e cultural. Neste último campo, tratava-se da implementação de idéias mais ou menos próximas do Iluminismo (Ghiraldelli, 2001 p. 14-15).

Entre essas mudanças, destacou-se a reforma educacional, cuja proposta passou a se afastar do modelo religioso, dando lugar a uma formação mais voltada para as línguas modernas, a literatura, a formação profissional e as ciências naturais. Diferentemente dos jesuítas, cuja educação se concentrava nas chamadas "aulas régias" focadas no ensino da leitura e da escrita, essa nova abordagem buscava preparar os indivíduos de forma mais ampla e prática.

Enquanto isso, os ideais de liberdade e razão se infiltravam lentamente no imaginário social e intelectual brasileiro, ainda que de forma velada. Paralelamente, os ideais de liberdade, razão e crítica às estruturas absolutistas começaram a ganhar espaço entre intelectuais, religiosos e membros das elites locais. A influência do Iluminismo francês no Brasil ocorreu de maneira gradual e, muitas vezes, clandestina, mas foi fundamental para inspirar movimentos de contestação ao domínio português, como a Inconfidência Mineira e a Conjuração Baiana. Esses movimentos refletiram o impacto profundo do pensamento iluminista europeu, evidenciado tanto na valorização dos

direitos naturais quanto no desejo por autonomia política e social, contribuindo para a formação do pensamento político brasileiro nascente.

Com isso, percebe-se que a difusão das ideias iluministas no Brasil se deu de maneira complexa, por meio de redes intelectuais e práticas culturais específicas. A filosofia das luzes foi fundamental para a modernidade política brasileira, estando presente desde o final do século XVII até o século XX, segundo Fléchet *et al.* (2017):

Da filosofia das Luzes como ingrediente da Inconfidência Mineira em 1789 até o sucesso da french theory (Foucault, Derrida, Deleuze, Lyotard, Guattari e outros) nos meios acadêmicos tupiniquins a partir dos anos 1970, passando pela apropriação do lema “Ordem e Progresso”, de Augusto Comte, na bandeira da República ou pela renovação urbanística do Rio de Janeiro conforme as regras e preceitos do Barão de Haussmann sob o impulso de Pereira Passos, poderíamos tranquilamente ser levados a deduzir que o Brasil contemporâneo [...] seria um herdeiro tropical de uma França concebida como a matriz de todas as liberdades, a mãe das letras e das artes, o coração da civilização por excelência. (Fléchet *et al.*, 2017, p. 9)

Outro aspecto marcante da influência iluminista está na própria simbologia nacional brasileira. O Iluminismo esteve na origem dos ideais de cidadania, liberdade e valorização da ciência, especialmente no século XIX. Um exemplo disso está na bandeira do Brasil: a expressão “Ordem e Progresso”, presente nela, é uma adaptação direta da máxima positivista do filósofo francês Augusto Comte: “*L’amour pour principe et l’ordre pour base; le progrès pour but*”. Comte teve grande influência entre militares e intelectuais brasileiros. Além disso, o desenho da bandeira, com sua esfera azul e faixa branca, remete à racionalidade e ao universalismo do Iluminismo, que via na matemática e na ciência a base para uma sociedade moderna e livre.

Esse processo de disseminação das ideias iluministas se deu por diversos canais, contribuindo de forma decisiva para a formação da identidade nacional. A difusão das ideias iluministas também se deu por meio de livros, panfletos, revistas, intercâmbios e traduções. Conforme Fléchet *et al.*:

Desde o final do século XIX, com a fundação das primeiras Alianças Francesas no exterior, e ainda mais a partir dos anos 1920, com o desenvolvimento de uma diplomacia especificamente destinada à América Latina, [...] as imagens foram também alimentadas por uma política cultural cujos principais componentes foram revelados por um grande número de trabalhos. (Fléchet *et al.*, 2017, p. 15)

No entanto, é importante reconhecer que essa incorporação das ideias iluministas no Brasil não foi plena, mas seletiva e condicionada por fatores locais. Conforme é dito por Mello (2017), embora o Iluminismo tenha se enraizado no Brasil, ele não foi incorporado de forma plena, e sim parcial, de maneira seletiva, para atender aos interesses das elites. Conforme afirma o autor: “O país era marcado por uma estrutura social agrário-escravocrata, conservadora e paternalista, seriam profundos os conflitos” (Mello, 2017, p. 224).

Essa apropriação fragmentada reforça a complexidade da recepção do Iluminismo em solo brasileiro. Nesse sentido, o Iluminismo aparece como algo importado de maneira fragmentada, às vezes até parodiado, como apontado quando o autor fala da criação de uma nova temporalidade simbólica, que desloca o calendário republicano iluminista para uma dimensão mais popular e ambígua: “Sugere-se que o calendário republicano brasileiro deixe de ser regido pelos ideais iluministas, passando a contemplar as festas populares do *Le poison d'avril*.” (Mello, 2017, p. 225)

Além disso, elementos simbólicos e culturais foram reinterpretados de modo a refletir as ambiguidades do contexto brasileiro. Essa apropriação distorcida dos ideais franceses mostra que o Iluminismo no Brasil não foi simplesmente “importado”, mas reinventado com base nas ambiguidades culturais e sociais do país. As revistas brasileiras da época, por exemplo, lidavam com essas contradições de forma crítica e paródica, incorporando também outros elementos da cultura francesa, para além da razão iluminista: “Servindo-se da chave da paródia, as revistas brasileiras lidam com as ambiguidades dessa situação integrando outras fontes da herança cultural francesa.” (Mello, 2017, p. 224)

Por fim, é preciso reconhecer as contradições internas do próprio Iluminismo francês. Os franceses que vinham ao Brasil, segundo o autor, “eram mobilizados não só pela liberdade de expressão na imprensa, mas também pelos sonhos e fantasias projetados em outros corpos e continentes.” (Mello, 2017, p. 225). Isso revela que o Iluminismo não era apenas razão e universalismo, mas também desejo, imaginação e exotismo elementos que se conectavam com o Brasil de maneira mais fluida e contraditória.

Diante do exposto, é possível perceber que o Iluminismo francês exerceu profunda e duradoura influência sobre o pensamento político, social e cultural do Brasil, especialmente durante o período colonial e imperial. Desde as revoluções inglesas do século XVII, que serviram de base para o desenvolvimento do Iluminismo, até a consolidação de valores como liberdade, razão, progresso e cidadania, observamos como

essas ideias atravessaram fronteiras e encontraram terreno fértil entre intelectuais, movimentos sociais e instituições brasileiras.

A difusão do Iluminismo no Brasil, embora marcada por limitações e seletividades, foi fundamental para inspirar revoltas como a Inconfidência Mineira e a Conjuração Baiana, além de moldar a atuação de figuras-chave na luta pela independência e na formação do Estado nacional. Reformas educacionais, símbolos nacionais, práticas culturais e debates intelectuais evidenciam o quanto o legado iluminista se fez presente, ainda que adaptado às peculiaridades da sociedade brasileira.

Ao mesmo tempo, é preciso reconhecer que essa apropriação não foi homogênea nem isenta de contradições. A presença do Iluminismo no Brasil revela-se complexa: ora como instrumento de emancipação, ora como ferramenta de controle; ora como inspiração crítica, ora como referência parodiada e reinterpretada. Essa dualidade reforça a importância de compreender o Iluminismo não como um pacote fechado de ideias, mas como um processo histórico vivo, sujeito a ressignificações conforme os contextos em que foi inserido.

Portanto, ao analisarmos a influência do Iluminismo francês no Brasil, compreendemos não apenas a origem de muitos dos ideais que ainda moldam nosso imaginário político, como também os limites e contradições que atravessaram e ainda atravessam a construção de nossa identidade nacional.

Na próxima seção, voltaremos nosso olhar para um capítulo singular dessa história: a fundação de São Luís do Maranhão, a única cidade brasileira erguida sob domínio francês. Trata-se de um caso emblemático em que a presença francesa ultrapassou o campo das ideias e se concretizou no espaço urbano, deixando marcas culturais, arquitetônicas e históricas que ainda hoje ecoam na paisagem e na memória do país.

2.5 França equinocial e a origem de São Luís do Maranhão: a utopia francesa no trópico americano

A fundação da cidade de São Luís do Maranhão, em 1612, inscreve-se em um dos episódios mais singulares da história colonial brasileira: a tentativa da França de estabelecer uma colônia permanente na costa norte do Brasil, conhecida como França Equinocial. Trata-se de uma breve, mas significativa presença francesa em território brasileiro, que contraria a tradicional narrativa luso-brasileira da formação nacional

exclusivamente ligada à colonização portuguesa. O projeto francês não se limitava à conquista territorial; tratava-se da realização de uma utopia política, religiosa e cultural. Esta seção explora as motivações, os protagonistas e os desdobramentos desse empreendimento, com base na análise de Guy Martinière (2011), além de autores como Andrea Daher 2018 e Claude d'Abbeville 1874.

No início do século XVII, a França buscava afirmar-se como potência colonial, em meio à hegemonia ibérica sobre os territórios do Novo Mundo. Inspirada pelo sucesso da Nova França na América do Norte, sobretudo após a fundação de Québec em 1608, a monarquia francesa passou a almejar a criação de um império tropical no hemisfério sul. Como observa Martinière (2011, p. 252), "essa monarquia não desejava, desse modo, criar na América do Sul, na costa do Brasil, um império ultramarino, a 'França Equinocial', tal como a cidade de Quebec [...] havia se tornado a capital da 'Nova França'".

Henrique IV, monarca pragmático e visionário, incentivou expedições ao norte do Brasil e à região da atual Guiana Francesa. O Tratado de Tordesilhas, embora ainda invocado pelas coroas ibéricas, não era reconhecido por outras potências europeias. A vasta costa entre o Amazonas e o Orinoco era, portanto, vista como terra de oportunidade. A missão francesa ao Maranhão foi concebida como parte de um grande projeto de expansão ultramarina, que unia interesses geopolíticos, econômicos e religiosos.

O comando da expedição francesa foi confiado ao nobre Daniel de La Touche, senhor de La Ravardière, que já conhecia a região após uma viagem anterior em 1604. Juntaram-se a ele François de Razilly, Nicolas de Harlay, cerca de quinhentos homens e quatro missionários capuchinhos. A frota partiu de Cancale em março de 1612 e desembarcou na ilha do Maranhão em julho do mesmo ano. Em 8 de setembro, fundaram o forte de Saint-Louis, em homenagem a Luís IX (São Luís) e ao então jovem rei Luís XIII.

Segundo Martinière (2011, p. 255), "foram fundados o forte de Saint-Louis, a origem da cidade, e o porto de *Sainte-Marie*, em homenagem a Maria de Médicis, a rainha-mãe". A missão dos capuchinhos tinha como objetivo a catequese dos povos indígenas, especialmente os Tupinambás. O caráter religioso da missão era tão central quanto seu propósito político. O padre Claude d'Abbeville narra, em suas obras, a receptividade dos indígenas à presença francesa e sua disposição para se converter ao cristianismo.

Martinière (2011) destaca que a fundação de Saint-Louis não foi apenas uma ocupação territorial, mas uma tentativa concreta de edificar uma sociedade sob os ideais da monarquia cristã francesa. Tratava-se de uma utopia: uma cidade ideal nos trópicos, símbolo da missão civilizadora da França.

O impacto da colônia francesa não se limitou ao Maranhão. Em 1613, seis indígenas Tupinambás foram levados a Paris como “embaixadores” da nova colônia. A chegada desses indígenas causou grande comoção. Foram batizados solenemente, participaram de cerimônias públicas e foram recebidos na corte por Maria de Médicis e pelo jovem Luís XIII. A narrativa construída era de sucesso missionário e harmonia entre franceses e indígenas. Como descreve Martinière:

O Maranhão foi um dos espetáculos parisienses. A cerimônia de batismo ocorreu no convento dos Capuchinhos na rua Faubourg Saint-Honoré. Gravuras e relatos circularam pela França, promovendo o empreendimento. Andrea Daher observa que a missão capuchinha foi transformada em uma verdadeira campanha publicitária (Daher, 2018 apud Martinière, 2011, p 257).

Durante a audiência no Louvre, um dos indígenas, Itapoucou, dirigiu-se ao rei em sua língua nativa, dizendo: “eles permanecem seus humildes súditos e amigos fiéis de todos os franceses” (Pianzola, 1991, p. 24). O rei, comovido, respondeu que os protegeria como a seus próprios súditos. Essas cenas de teatralidade política e religiosa reforçavam o ideal utópico da França Equinocial, como um projeto civilizatório exemplar.

A presença francesa no Maranhão provocou imediata reação da Coroa portuguesa. Tropas comandadas por Jerônimo de Albuquerque e Alexandre de Moura foram enviadas para retomar o controle da região. Em novembro de 1615, após intensos combates, os franceses capitularam. La Ravardière foi derrotado e a França abandonou a colônia.

Contudo, o golpe mais simbólico ao projeto equinocial veio da própria França. Como observa Martinière (2011, p. 259), o livro do padre Yves d'Évreux, que narrava as “coisas memoráveis” da missão capuchinha no Maranhão, foi destruído antes mesmo de ser amplamente distribuído. Publicado com “privilégio do Rei”, o livro foi recolhido e queimado, em um ato claro de *damnatio memoriae*. A aliança diplomática entre a França e a Espanha, consolidada com o casamento de Luís XIII e Ana d'Áustria, filha de Felipe III, inviabilizou qualquer continuidade da colonização francesa no Brasil.

A utopia foi oficialmente enterrada. Segundo Martinière (2011, p. 260), "a capital sonhada, Saint-Louis, transformou-se em capital abandonada". Apesar da vitória portuguesa, alguns vestígios da presença francesa permaneceram. O nome da cidade, originalmente Saint-Louis, foi adaptado para São Luís, resistindo às tentativas de rebatismo como "Forte Filipe". O nome francês foi preservado pelo uso popular, evidenciando uma permanência cultural que transcendeu a derrota militar.

Com a reorganização administrativa da colônia portuguesa, São Luís foi elevada à categoria de capital do novo Estado do Maranhão, criado em 1621. A cidade passou a exercer um papel importante na administração do norte da colônia portuguesa, tornando-se sede de província, depois de capitania, e mais tarde da província imperial do Maranhão.

Durante séculos, a origem francesa de São Luís permaneceu marginalizada nos relatos oficiais da história do Brasil. Somente no século XX e, com mais ênfase, nas últimas décadas, a cidade passou a reivindicar essa herança. A inscrição do centro histórico de São Luís na lista do Patrimônio Mundial da Humanidade pela UNESCO, em 1997, representou um marco nessa valorização. No dossiê de inscrição enviado pelo Brasil à UNESCO, foi destacado que a cidade fora fundada pelos franceses em 1612. Como afirma Martinière (2011, p. 254), "no volumoso dossiê [...] era explicitamente lembrado que, na origem da criação dessa 'cidade equatorial', encontrava-se uma 'expedição francesa'".

A recuperação simbólica da França Equinocial foi apropriada como estratégia de valorização cultural e turística. Em discurso citado por Martinière (2011, p. 253), a então governadora Roseana Sarney declarou que o reconhecimento da UNESCO representava "o reconhecimento por parte da mais importante entidade cultural do mundo do nosso patrimônio e dos esforços empreendidos para sua preservação". A breve existência da França Equinocial, embora historicamente relegada ao esquecimento, oferece elementos importantes para uma releitura crítica da formação do Brasil. A fundação de São Luís por franceses revela que o território brasileiro foi objeto de disputas e utopias diversas. O episódio desmistifica a ideia de uma colonização homogênea e exclusivamente portuguesa.

A utopia da monarquia de Luís XIII, projetada sobre os trópicos, combina fê, espetáculo, política e propaganda. O empreendimento francês fracassou militarmente, mas deixou marcas simbólicas que resistiram ao tempo. Hoje, São Luís se apresenta como cidade plural, que reivindica sua herança africana, indígena, portuguesa e, também, francesa.

Apesar da curta duração da França Equinocial, sua presença deixou traços profundos e duradouros no imaginário e na cultura brasileira, especialmente na cidade de São Luís e em certos aspectos da identidade nacional. Ainda que a dominação portuguesa tenha prevalecido, alguns elementos franceses permaneceram, seja na linguagem, nas tradições populares ou nos ideais políticos que, posteriormente, inspirariam os movimentos republicanos.

Um dos legados culturais mais visíveis está nas festividades populares do Maranhão. As quadrilhas juninas, hoje amplamente associadas às festas de São João, apresentam traços coreográficos e musicais que remetem às danças de salão francesas do século XVII e XVIII, como o “quadrille”. Segundo Martinière (2011), há uma “francesidade festiva” nas expressões culturais do Nordeste, resquício de uma influência indireta que se perpetuou mesmo após o fim da ocupação francesa.

No campo linguístico, permanecem também galicismos no português brasileiro, vocábulos oriundos do francês, adaptados ao uso cotidiano. Palavras como birô (do francês bureau), abat-jour, maquiagem, etiqueta e batom foram incorporados ao idioma, especialmente no período imperial, quando a cultura francesa era sinônimo de sofisticação e civilização para as elites brasileiras. Embora não estejam diretamente vinculadas à França Equinocial, essas influências demonstram a penetração cultural francesa nas décadas e séculos seguintes.

Além disso, a própria arquitetura do centro histórico de São Luís, tombado como Patrimônio da Humanidade, carrega influências do urbanismo francês e europeu oitocentista, notadamente nos azulejos importados de Lisboa e nos sobrados de fachadas geométricas. A organização do espaço urbano também foi moldada por ideias de civilidade e estética herdadas do ideário europeu.

Portanto, ainda que a tentativa de colonização francesa no Maranhão tenha sido efêmera, ela deixou marcas profundas no tecido cultural e simbólico do Brasil. Como conclui Martinière (2011, p. 260), a França Equinocial pode ser entendida não apenas como um fato histórico isolado, mas como “um episódio simbólico de longa duração, cuja influência ressurgiu sempre que o Brasil se volta para si mesmo em busca de suas origens plurais”.

Na próxima seção, abordaremos as contribuições da culinária francesa para a formação do gosto e do imaginário da elite brasileira. Analisaremos como essa influência se consolidou ao longo do tempo, manifestando-se não apenas nos hábitos alimentares, mas também na valorização simbólica da gastronomia francesa como sinônimo de

sofisticação, requinte e status social. Tal influência refletiu-se em práticas cotidianas, na linguagem, nos modos de consumo e na construção de uma identidade cultural inspirada nos modelos europeus, especialmente os de origem francesa.

2.6 Transferência cultural: a influência da culinária francesa no gosto brasileiro

O Brasil é um país marcado pela fusão de diversas culturas, como a indígena, africana e europeia. Segundo Doria (2009), essa miscigenação "deglutiu" a cozinha brasileira, ou seja, a gastronomia do país tornou-se uma síntese de várias tradições culturais, com raízes provenientes da incorporação de elementos de diferentes heranças. O autor utiliza o termo "deglutir" como sinônimo de "absorver", destacando o processo de assimilação dessas influências culturais. Quando discutimos a culinária brasileira, não podemos deixar de mencionar a significativa influência da França.

A contribuição francesa para a culinária brasileira é uma das mais marcantes e impactantes no cenário gastronômico nacional. Desde o período colonial até os dias atuais, as influências francesas moldaram práticas, técnicas e sabores que se tornaram essenciais no cardápio brasileiro. A presença dessa tradição culinária reflete-se tanto na sofisticação quanto na fusão de ingredientes locais com técnicas europeias. Como aponta Doria:

Durante o século XIX, após a Independência, os jornais cariocas publicavam anúncios de oferta e procura de cozinheiros franceses, aptos a realizar cardápios domésticos baseados nessa tradição. Da mesma forma, em cafés, pensões, hotéis e restaurantes, é frequente a menção a essa culinária como garantia de excelência. Ainda hoje, as grandes portas de entrada das influências externas são as grandes cidades brasileiras, como São Paulo e Rio de Janeiro. Nessas cidades, circula livremente uma 'cozinha internacional' – um amálgama de heranças que já perderam as marcas de suas origens (Doria, 2009, p. 17-18).

A adoção da culinária francesa no Brasil não foi um fenômeno isolado, mas parte de um contexto cultural europeu mais amplo, especialmente francês, que se estendeu do século XVII ao século XIX. Durante esse período, a França era uma potência mundial, e falar francês, vestir-se como um francês e consumir comida francesa eram sinais de erudição. As elites brasileiras, após a chegada da corte de Dom João VI e, posteriormente, durante o período imperial, adotaram o francês como língua oficial, além de abraçarem os costumes franceses, incluindo a gastronomia.

A culinária brasileira é marcada por uma complexa rede de influências culturais, fruto de processos históricos que envolveram colonização, migração e trocas simbólicas. Nesse contexto, a França ocupa um papel de destaque, sobretudo a partir do século XX, quando passa a influenciar diretamente os modos de produção, apresentação e valorização da gastronomia no Brasil. Mais do que uma simples incorporação de receitas estrangeiras, o contato com a alta gastronomia francesa transformou o campo culinário brasileiro, introduzindo técnicas, estéticas e discursos que redefiniram o status da cozinha nacional.

Na década de 1970, deu-se início ao que Previatti (2021) denomina de “missão gastronômica francesa”, liderada pelo renomado *chef* Paul Bocuse. Trata-se de um projeto que, à semelhança das missões artísticas e intelectuais do século XIX, buscava exportar modelos culturais franceses ao Brasil. Nessa nova missão, porém, a gastronomia ocupava o centro da ação cultural. Como explica a autora, “compreendemos aqui que o objetivo da difusão dos princípios da *Nouvelle Cuisine* parte da premissa da instauração de uma geografia de poder” (Previatti, 2021, p. 332). Tal afirmação remete à ideia de uma relação assimétrica entre centro e periferia, em que a França seria o polo irradiador de cultura legítima.

Na década de 1970, o renomado chef francês Paul Bocuse esteve no Brasil como parte de uma iniciativa voltada à promoção da culinária francesa em território nacional. Durante sua permanência, visitou importantes centros urbanos como São Paulo, Rio de Janeiro e Brasília, onde avaliou as possibilidades para a realização de um Festival de Gastronomia Francesa. Esse evento contaria com a participação de chefs de seu prestigiado restaurante na França, além de outros grandes nomes da cozinha internacional. Demonstrando interesse não apenas em divulgar a tradição gastronômica de seu país, Bocuse revelou também a intenção de expandir seus negócios para o Brasil, considerando a exportação de vinhos de sua própria produção e a abertura de um restaurante, possivelmente no Rio de Janeiro. Em entrevista concedida à revista *Veja* em 1975, o chef confirmou tais projetos:

Revista *Veja* – A repercussão desta sua visita não faz pensar em planos para uma futura casa brasileira?

Bocuse – Sim, eu penso nisso. Estou, é claro, representando a cozinha francesa, mas divulgo também o nome de Paul Bocuse, que inclui uma pequena produção de vinhos. Eu penso não só em vir a exportar esses vinhos para o Brasil como em abrir um restaurante por aqui, talvez no Rio (*Veja*, 1975 apud Previatti, 2021, p. 335).

Em suas visitas ao Brasil nos anos 1970, Paul Bocuse tinha como companhia constante os integrantes do renomado grupo "La bande à Bocuse". Essa associação reunia grandes nomes da alta gastronomia francesa daquele período, incluindo Jean e Pierre Troisgros, Paul Haeberlin, Alain Chapel, Louis Outhier, René Lasserre, Pierre Laporte, Gaston Lenôtre, Roger Vergé, Raymond Oliver, Charles Barrier e Michel Guérard. Mais do que um círculo de amigos, o coletivo era uma força motriz que promovia tanto as carreiras de seus membros quanto a disseminação dos ideais da Nouvelle Cuisine. Este movimento transformou a culinária francesa ao introduzir um conceito mais leve e inovador, que privilegiava o sabor autêntico dos ingredientes e técnicas de preparo refinadas. Em uma entrevista à revista *Veja*, quando indagado sobre a essência dessa "nova cozinha", Bocuse foi o encarregado de explicá-la.

Revista *Veja* – O que se deve entender, afinal, por uma “nova cozinha francesa”?

Bocuse – Antes de mais nada, é uma nova visão do que se deve ser uma refeição. Hoje em dia as pessoas se movimentam pouco, usam o automóvel para tudo, quase não praticam exercícios. Há ainda o fato de que todos, homens e mulheres, têm a preocupação de não engordar, o que muda o antigo conceito do bom gourmet. Agora, esse conhecedor da boa mesa é uma pessoa sensível, que preza o... (*Veja*, 1975 *apud* Previatti, 2021, p. 335).

Esse discurso contribuiu decisivamente para transformar a percepção da culinária brasileira, desencadeando o processo que Previatti (2021) denomina “gastronomização das cozinhas populares”, ou seja, a elevação de ingredientes e pratos tradicionais, antes associados às camadas sociais marginalizadas, ao patamar da alta gastronomia, graças ao olhar refinado e às técnicas de chefs consagrados. Alimentos típicos da região amazônica, como o jambu, o tucupí e o pirarucu, passaram a ser reconhecidos como expressões legítimas da identidade culinária nacional, sobretudo após as incursões de Bocuse pelo Norte do país. Em Belém do Pará, segundo a pesquisadora, o chef francês teria exclamado: “*Il faut sauver la cuisine brésilienne!*” [É preciso resgatar a cozinha brasileira!], enfatizando a importância do retorno às raízes e da valorização dos sabores autênticos como estratégia para o fortalecimento da gastronomia brasileira no cenário internacional (Previatti, 2021, p. 336). Além disso, a passagem de Bocuse e de seu grupo pelo Brasil não apenas aproximou as tradições culinárias francesa e brasileira, mas também despertou o interesse de chefs locais em visitar e reinventar pratos regionais com novas técnicas, consolidando um diálogo intercultural que se mantém vivo até os dias atuais.

Esse processo de revalorização das cozinhas regionais brasileiras não se limitou ao universo dos grandes restaurantes ou à atuação de chefs renomados; ele repercutiu também na formação de profissionais da área gastronômica, influenciando os currículos e as metodologias de ensino de instituições dedicadas à capacitação de cozinheiros no país. A incorporação de técnicas e princípios franceses passou a orientar o modo como a gastronomia era ensinada no Brasil, especialmente em escolas como o Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (Senac), que se tornou uma referência nesse processo de profissionalização do setor. Assim, a cozinha, antes vista predominantemente como uma atividade doméstica ou familiar, ganhou status de profissão regulamentada e técnica, amparada em modelos de ensino herdados da tradição culinária europeia, notadamente a francesa.

Esse intercâmbio de saberes e práticas reforçou o caráter plural da cultura alimentar brasileira, tradicionalmente marcada pela fusão de influências indígenas, africanas e portuguesas, mas agora aberta também às contribuições de outras tradições, como a francesa. Como destaca Doria (2009), no estudo “Gastronomia no Brasil e no mundo”, o repertório culinário nacional passou a refletir essa miscigenação ampliada, incorporando elementos estrangeiros sem perder a autenticidade de seus sabores locais. Esse movimento não apenas qualificou a mão de obra no setor gastronômico, como também contribuiu para a consolidação de uma cozinha brasileira contemporânea, capaz de dialogar com as exigências do mercado global sem abdicar de suas raízes culturais.

A valorização da estética na apresentação dos pratos e o papel central do chef como figura de prestígio cultural são outros traços herdados da culinária francesa. O chef deixa de ser um agente anônimo para se tornar um “mediador cultural”, como aponta Previatti (2021), atuando diretamente na construção simbólica do gosto e do status. Essa mudança se reflete inclusive no vocabulário adotado por restaurantes e escolas culinárias, que passaram a utilizar expressões como chef, *mise en place*, menu, degustação, entre outras.

A difusão da alta gastronomia francesa no Brasil também resultou no surgimento de uma nova categoria de consumo culinário: o “*gourmet*”. Esse termo, anteriormente restrito a ambientes de refinamento europeu, passou a ser amplamente utilizado no Brasil a partir da década de 1990, como sinônimo de sofisticação e distinção no ato de comer. Segundo Bourdieu (2011), o gosto é um marcador de classe social, e práticas alimentares gourmetizadas expressam formas de distinção simbólica no espaço social. Nesse sentido,

o “*gourmet*” não é apenas uma preferência gustativa, mas uma prática cultural que envolve status, linguagem e consumo.

No Brasil, o conceito de “*gourmet*” ganhou força justamente em meio à valorização dos princípios da culinária francesa, especialmente em restaurantes de grandes centros urbanos como São Paulo e Rio de Janeiro. Como aponta Previatti (2021), a chegada dos chefs franceses ao Brasil inaugurou um novo campo de disputas simbólicas pela legitimidade do saber culinário, sendo que “a atuação desses profissionais elevou a cozinha à categoria de arte e inseriu o chef no campo das celebridades culturais” (Previatti, 2021, p. 334).

Além disso, pratos originalmente franceses foram incorporados ao cardápio brasileiro, ora mantendo suas características originais, ora sofrendo adaptações ao gosto local. Um exemplo marcante é o *croque-monsieur*, sanduíche tradicional francês feito com pão, presunto, queijo e molho bechamel, que passou a ser oferecido em cafés e padarias brasileiras com variações mais leves ou com ingredientes locais. Outro prato que se popularizou no Brasil foi a *quiche lorraine*, torta aberta com recheio de ovos, creme de leite e bacon, que frequentemente aparece em versões brasileiras com legumes, frango ou queijo minas.

Na área da confeitaria, a influência francesa foi ainda mais evidente. Doces como *éclairs*, *tarte tatin*, *mille-feuille*, *macarons* e *soufflés* passaram a ser preparados por confeitadores brasileiros que estudaram em instituições como o Le Cordon Bleu ou que seguiram receitas clássicas francesas adaptadas ao paladar local. Conforme destaca Doria (2009), a chegada de técnicas europeias, como a *pâtisserie* francesa, elevou o padrão de preparo e apresentação dos doces brasileiros, promovendo a união entre tradição e sofisticação.

Essas práticas reforçaram a tendência de valorização do saber técnico na cozinha, o que levou também à distinção entre o cozinheiro doméstico e o chef profissional. A figura do chef de cozinha, personificada por nomes como Claude Troisgros, Laurent Suaudeau e Emmanuel Bassoleil, tornou-se símbolo da modernização e da sofisticação do setor gastronômico brasileiro. Esses chefs, conforme apontado por Previatti (2021), não apenas reproduziram técnicas francesas em solo nacional, mas também reinterpretaram ingredientes locais sob a ótica da culinária francesa, resultando em uma “cozinha de fusão” que unia tradição regional e inovação estética.

Essa valorização da técnica, da estética e da origem francesa está intimamente ligada à construção do que se convencionou chamar de “culinária gourmet”. Como afirma

Poulain (2011 *apud* Previatti, 2021, p. 340), são ressignificados quando submetidos ao *savoir-faire* dos chefs, ganhando status de iguarias da alta gastronomia.

Assim, pode-se afirmar que a contribuição francesa à culinária brasileira ultrapassa a simples presença de receitas ou ingredientes. Ela se manifesta na forma como o ato de cozinhar e de comer foi ressignificado, elevando-se a um campo simbólico e estético, com códigos próprios, espaços de consagração e uma linguagem de prestígio. Ao mesmo tempo, a incorporação da estética do gourmet no cotidiano urbano como em cafeterias, empórios, supermercados e programas de televisão ampliou o alcance desse modelo, reforçando a centralidade da França como referência no campo da gastronomia internacional. Esse processo resultou não apenas na elevação do padrão culinário, mas também na reconfiguração da identidade alimentar brasileira, que passou a dialogar com os valores da alta cozinha sem, no entanto, abandonar suas raízes locais. Dessa forma, a influência francesa continua sendo um dos pilares fundamentais da construção simbólica e material da gastronomia brasileira contemporânea.

No capítulo seguinte, será analisado um grupo de palavras de origem francesa, dentre as quais muitas pertencem ao campo da culinária. Essas palavras serão organizadas em grupos, conforme os diferentes tipos de mudanças linguísticas cujos conceitos foram definidos ao longo do presente trabalho, como alterações semânticas, influências da etimologia popular, modificações fonéticas e transformações morfológicas.

Capítulo III – Galicismos em trânsito: uma viagem diacrônica pela língua portuguesa

3.1 Análise do galicismo na perspectiva do português do Brasil

Este capítulo dedica-se ao estudo de cerca de 100 palavras de origem francesa incorporadas ao português brasileiro, selecionadas a partir de levantamento próprio que considerou tanto a experiência profissional quanto pesquisas em diferentes fontes. Essas palavras serão organizadas em grupos, conforme os tipos de transformações que sofreram ao longo do tempo.

A primeira parte tratará das mudanças fonéticas, entendidas como alterações que atingem os sons das palavras (Saussure, 2006). Nessa perspectiva, será analisado se tais modificações decorrem de fatores internos da língua caracterizando mudanças espontâneas ou da interação entre fonemas em contextos específicos correspondendo às mudanças combinatórias (Saussure, 2006). Essa distinção possibilita compreender até que ponto os galicismos se adaptaram ao sistema sonoro do português por influência direta do contato linguístico ou por evolução natural.

Em seguida, serão examinadas as mudanças ortográficas, ou seja, as adaptações gráficas que acompanharam ou sucederam a incorporação dos galicismos. Tais alterações refletem o esforço de adequação do léxico estrangeiro às convenções do português, resultando em simplificações de grafia, substituição de caracteres inexistentes no sistema ortográfico nacional ou ajustes motivados por reformas ortográficas. Esse processo evidencia como a escrita, assim como a pronúncia, se molda às necessidades de integração do empréstimo lexical.

Dessa forma, a análise conjunta das mudanças fonéticas e ortográficas permitirá não apenas compreender a dinâmica de adaptação dos galicismos ao português, mas também distinguir transformações influenciadas pelo francês daquelas oriundas de tendências internas da língua. Tal abordagem prepara, ainda, a discussão da seção seguinte, que se concentrará nas mudanças fonéticas mais recentes do português.

3.2 Palavras que não sofreram alterações significativas

Do ponto de vista fonético, a análise dos galicismos mostra como os sons emprestados do francês são adaptados, ou não, ao sistema fonológico do português. Para

Saussure, “a língua é um sistema de signos em que o significante (a imagem acústica) se vincula de maneira arbitrária ao significado” (Saussure, 2006, p. 80). Ao serem incorporadas, as palavras passam por transformações que buscam adequar o significante aos sons reconhecíveis na nova língua, embora em certos casos se mantenham a grafia e a pronúncia originais, indicando resistência à assimilação completa.

Carlos Faraco observa que o contato entre línguas promove adaptações fonológicas que seguem regras da língua receptora. Assim, *croquis*^{3 4}, *sommelier*^{5 6}, *reprise*^{7 8}, *mise-en-scène*^{9 10}, *Avant-première*^{11 12}, *Déjà-vu*^{13 14}, *Coiffure*^{15 16}, *Réveillon*^{17 18}, com adequação sonora que inclui a nasalização final e a pronúncia /ʒ/, evidenciando o funcionamento interno da língua como sistema em constante reorganização.

Entretanto, alguns vocábulos foram incorporados sem mudanças expressivas, preservando forma e valor cultural. É o caso de *croquis*, *sommelier*, *reprise*, *mise-en-scène*, *avant-première*, *déjà-vu*, *coiffure* e *réveillon*. Essas palavras mantêm em grande parte a forma original, com pequenas adaptações prosódicas, reforçando a ideia saussuriana de que a língua é uma construção social e histórica. O termo *réveillon*, derivado do verbo *réveiller* (“acordar”), ilustra bem esse fenômeno: incorporado sem

³LAROUSSE. *Croquis*. Dictionnaire de français. Disponível em: <https://www.larousse.fr/dictionnaires/francais/croquis/20670>. Acesso em: 3 jun. 2025.

⁴DICIO. *Croqui*. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/croqui/>. Acesso em: 3 jun. 2025.

⁵LAROUSSE. *Sommelier*. Dictionnaire de français. Disponível em: <https://www.larousse.fr/dictionnaires/francais/sommelier/73407>. Acesso em: 3 jun. 2025.

⁶DICIO. *Sommelier*. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/sommelier/>. Acesso em: 3 jun. 2025.

⁷LAROUSSE. *Reprise*. Dictionnaire des synonymes. Disponível em: <https://www.larousse.fr/dictionnaires/synonymes/reprise/18188>. Acesso em: 3 jun. 2025.

⁸DICIO. *Reprise*. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/reprise/>. Acesso em: 3 jun. 2025.

⁹LAROUSSE. *Mise en scène*. Dictionnaire de français. Disponível em: <https://www.larousse.fr/dictionnaires/francais/mise/51755>. Acesso em: 3 jun. 2025.

¹⁰DICIO. *Mise-en-scène*. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/mise-en-scene/>. Acesso em: 3 jun. 2025.

¹¹LAROUSSE. *Avant-première*. Dictionnaire français-anglais. Disponível em: <https://www.larousse.fr/dictionnaires/francais-anglais/avant-premi%C3%A8re/6963>. Acesso em: 3 jun. 2025.

¹²INFOPÉDIA. *Avant-première*. Dicionário da Língua Portuguesa. Disponível em: <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/avant-première>. Acesso em: 3 jun. 2025.

¹³LAROUSSE. *Déjà-vu*. Dictionnaire de français. Disponível em: <https://www.larousse.fr/dictionnaires/francais/d%C3%A9j%C3%A0-vu/22991>. Acesso em: 3 jun. 2025.

¹⁴DICIO. *Déjà-vu*. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/deja-vu/>. Acesso em: 3 jun. 2025.

¹⁵LAROUSSE. *Coiffure*. Dictionnaire de français. Disponível em: <https://www.larousse.fr/dictionnaires/francais/coiffure/18121>. Acesso em: 3 jun. 2025.

¹⁶INFOPÉDIA. *Coiffure*. Dicionário da Língua Portuguesa. Disponível em: <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/coiffure>. Acesso em: 3 jun. 2025

¹⁷LAROUSSE. *Réveillon*. Dictionnaire de français. Disponível em: <https://www.larousse.fr/dictionnaires/francais/r%C3%A9veillon/69069>. Acesso em: 3 jun. 2025.

¹⁸DICIO. *Réveillon*. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/reveillon/>. Acesso em: 3 jun. 2025.

alterações significativas, passou a designar no português a festa da virada do ano, evocando também sofisticação e prestígio cultural vinculados à tradição francesa.

A análise fonética evidencia, portanto, a plasticidade da língua em incorporar novos signos, ajustando-os total ou parcialmente ao seu sistema sonoro. Isso confirma a natureza dinâmica e relacional do signo linguístico, mostrando como fatores culturais e simbólicos influenciam diretamente o modo de assimilação dos empréstimos.

Na próxima seção, serão examinadas as palavras que sofreram mudanças fonéticas mais marcantes em sua adaptação ao português, a fim de identificar padrões regulares desses processos e compreender melhor os limites da assimilação fonética na língua receptora.

3.3 Palavras com mudanças fonéticas

A incorporação de palavras francesas no vocabulário da língua portuguesa é um fenômeno de longa data, relacionado não apenas a aspectos históricos e culturais, como também a fatores sociais e estéticos. Palavras oriundas do francês, conhecidas como galicismos, adentram o português, muitas vezes preservando sua forma gráfica, mas sofrendo adaptações fonéticas significativas. Tais mudanças ocorrem para que os vocábulos se ajustem ao sistema fonológico do português brasileiro, que difere substancialmente do francês.

De acordo com Ilari e Basso (2008), “as línguas não tomam emprestadas palavras como são; antes, elas as moldam, transformam e, muitas vezes, naturalizam de modo a torná-las compreensíveis e usáveis por seus falantes” (p. 112). Assim, é comum observar que sons tipicamente franceses — como o r gutural /ʁ/, o u anterior fechado /y/, ou as vogais nasais /ã/, /ẽ/ — sejam modificados ao serem inseridos no português.

Segundo Faraco (2010), “todo empréstimo lexical sofre, necessariamente, uma adaptação ao sistema fonológico da língua de chegada” (p. 67), o que explica tais transformações.

Quadro 3- Adaptação fonética de galicismos.

Palavra (PT)	Pronúncia PT	Pronúncia FR	Análise
-------------------------	-------------------------	-------------------------	----------------

Croissant	/krwa'sẽ/ ¹⁹	/kʁwa.sã/ ²⁰	Substitui-se o /ʁ/ uvular francês por /r/ e a nasalização é simplificada conforme o sistema do português.
Menu	/me'nu/ ²¹	/mɛ.ny/ ²²	O som /y/ francês (vogal anterior fechada arredondada) é substituído por /u/. O /ə/ é adaptado como /e/.
Souvenir	/suve'nir/ ²³	/su.v(ə).niʁ/ ²⁴	O /ʁ/ francês é alveolarizado (/r/) e o /ə/ é omitido, como é comum em português.
Mousse	/'musi/ ²⁵	/mus/ ²⁶	Há adição de vogal de apoio final /i/, comum no português para evitar terminações em consoante.
Madame	/ma.'dẽ.mi/	/ma.dam/	preserva a grafia, mas no português há deslocamento da tonicidade, epêntese vocálica e transferência da nasalidade do [m] final para a vogal anterior.
Foie gras	/'fwa'gras/ ²⁷	/fwa gʁɑ/ ²⁸	Mantém-se o grupo /fw/, troca-se o /ʁ/ por /r/ e pronuncia-se o "s" final.
Quiche	/'kiʃi/ ²⁹	/kiʃ/ ³⁰	Adiciona-se a vogal /i/ ao final, como estratégia de adaptação fonotática.

¹⁹INFOPÉDIA. *Croissant*. Porto: Porto Editora. Disponível em: <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/croissant>. Acesso em: 28 maio 2025.

²⁰BAB.LA. Pronúncia da palavra "croissant" em francês. Disponível em: <https://pt.bab.la/pronuncia/frances/croissant>. Acesso em: 28 maio 2025.

²¹INFOPÉDIA. Menu. Porto: Porto Editora. Disponível em: <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/menu>. Acesso em: 28 maio 2025.

²²BAB.LA. Pronúncia da palavra "menu" em francês. Disponível em: <https://pt.bab.la/pronuncia/frances/menu>. Acesso em: 28 maio 2025.

²³INFOPÉDIA. Souvenir. Porto: Porto Editora. Disponível em: <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/souvenir>. Acesso em: 28 maio 2025.

²⁴BAB.LA. Pronúncia da palavra "souvenir" em francês. Disponível em: <https://pt.bab.la/pronuncia/frances/souvenir>. Acesso em: 28 maio 2025.

²⁵INFOPÉDIA. Mousse. Porto: Porto Editora. Disponível em: <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/mousse>. Acesso em: 28 maio 2025.

²⁶EASYPRONUNCIATION. French phonetic transcription converter. Disponível em: <https://easypronunciation.com/pt/french-phonetic-transcription-converter>. Acesso em: 28 maio 2025.

²⁷INFOPÉDIA. Foie gras. Porto: Porto Editora. Disponível em: <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/foie-gras>. Acesso em: 28 maio 2025.

²⁸BAB.LA. Pronúncia da palavra "foie gras" em francês. Disponível em: <https://pt.bab.la/pronuncia/frances/foie-gras>. Acesso em: 28 maio 2025.

²⁹INFOPÉDIA. *Quiche*. Porto: Porto Editora. Disponível em: <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/quiche>. Acesso em: 28 maio 2025.

³⁰BAB.LA. Pronúncia da palavra "quiche" em francês. Disponível em: <https://pt.bab.la/pronuncia/frances/quiche>. Acesso em: 28 maio 2025.

Écharpe	/e'ʃaʁpi/ ³¹	/e.ʃaʁp/ ³²	Adiciona-se vogal final e mantém-se o /ʁ/ francês em alguns sotaques do português.
Cachecol	/ka.ʃi'kɔw/ ³³	/ka.ʃe.kɔl/ ³⁴	Sofreu alteração na estrutura silábica e timbre vocálico. A grafia também foi aportuguesada.
Décor	/de'kɔʁ/ ³⁵	/de.kɔʁ/ ³⁶	Pequeno ajuste vocálico e mudança na tonicidade; /ʁ/ mantido.
Marquise	/maʁ'kizi/ ³⁷	/maʁ.kiz/ ³⁸	Adição da vogal /i/ no final para adequar-se à fonotática do português.
Boulevard	/bu.le'vaʁ/ ou /bulə'vari/ ³⁹	/bu.lə.vaʁ/ ⁴⁰	Varia entre formas aportuguesadas com /i/ final ou mais próximas do original.

As adaptações fonéticas dos galicismos no português brasileiro refletem a necessidade de adequação ao sistema fonológico da língua receptora. Conforme destaca Bagno (2011):

a assimilação fonética é um dos mecanismos mais comuns de adaptação de empréstimos. Quando um termo estrangeiro entra em uma nova língua, os sons que ele traz consigo precisam encontrar equivalentes possíveis no sistema fonológico da língua receptora. Assim, fonemas inexistentes são substituídos por outros, frequentemente gerando pronúncias bastante diferentes da forma original. (Bagno, 2011, p. 89)

³¹ INFOPÉDIA. Écharpe. Porto: Porto Editora. Disponível em: <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/echarpe>. Acesso em: 28 maio 2025.

³² BAB.LA. Pronúncia da palavra "écharpe" em francês. Disponível em: <https://pt.bab.la/pronuncia/frances/echarpe>. Acesso em: 28 maio 2025.

³³ INFOPÉDIA. Cachecol. Porto: Porto Editora. Disponível em: <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/cachecol>. Acesso em: 28 maio 2025.

³⁴ EASYPRONUNCIATION. French phonetic transcription converter. Disponível em: <https://easypronunciation.com/pt/french-phonetic-transcription-converter>. Acesso em: 28 maio 2025.

³⁵ INFOPÉDIA. Décor. Porto: Porto Editora. Disponível em: <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/decor>. Acesso em: 28 maio 2025.

³⁶ BAB.LA. Pronúncia da palavra "décor" em francês. Disponível em: <https://pt.bab.la/pronuncia/frances/decor>. Acesso em: 28 maio 2025.

³⁷ INFOPÉDIA. Marquise. Porto: Porto Editora. Disponível em: <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/marquise>. Acesso em: 28 maio 2025.

³⁸ BAB.LA. Pronúncia da palavra "marquise" em francês. Disponível em: <https://pt.bab.la/pronuncia/frances/marquise>. Acesso em: 28 maio 2025.

³⁹ INFOPÉDIA. Boulevard. Porto: Porto Editora. Disponível em: <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/boulevard>. Acesso em: 28 maio 2025.

⁴⁰ BAB.LA. Pronúncia da palavra "boulevard" em francês. Disponível em: <https://pt.bab.la/pronuncia/frances/boulevard>. Acesso em: 28 maio 2025.

Essas transformações evidenciam a dinâmica das línguas em contato e a capacidade do português de incorporar elementos estrangeiros, adaptando-os às suas estruturas fonológicas e morfológicas. Essas transformações não ocorrem de forma aleatória, mas seguem padrões condicionados por estruturas linguísticas pré-existentes, exigindo do falante certa reorganização da percepção auditiva e da produção articulatória. O resultado disso é um vocabulário enriquecido, mas integrado de modo que não comprometa a inteligibilidade do sistema.

A fonética, nesse processo, não apenas se apresenta como um campo técnico de análise, mas como um elemento que impõe regras dentro do próprio sistema linguístico. Como explica Saussure:

O sistema linguístico é antes uma série de relações do que um simples inventário de signos. Quando um novo elemento entra no sistema, ele necessariamente afeta, e é afetado por as relações já existentes. A fonética, nesse contexto, impõe regras que visam à inteligibilidade e ao equilíbrio entre os signos. (Saussure, 2006, p. 112)

Portanto, a incorporação de galicismos e a respectiva adaptação fonética não são apenas fenômenos lexicais, mas também estruturais, pois interagem diretamente com o funcionamento interno do idioma. Tais adaptações são a prova da plasticidade linguística e da constante reconstrução do português frente às influências culturais externas. Essas transformações, que incluem não apenas ajustes fonéticos, mas também reformas na escrita, preparam o terreno para a discussão da próxima seção, a qual abordará as palavras com mudanças ortográficas derivadas do contato com outras línguas, em especial o francês.

Na próxima seção, será analisado um fenômeno complementar a essas transformações: as palavras que sofreram mudanças ortográficas em seu processo de adaptação ao português. O foco recairá sobre os casos em que a grafia foi modificada para se adequar às convenções da língua portuguesa, seja por simplificação, seja por aproximação fonética. Serão examinados exemplos específicos de galicismos que passaram por reformas gráficas significativas, buscando compreender os critérios que orientaram essas alterações e como elas refletem a interação entre sistemas linguísticos distintos. Essa análise permitirá ampliar a compreensão sobre os mecanismos de integração de estrangeirismos, contemplando não apenas a dimensão fonética, mas também gráfica.

3.4 Palavras com mudanças ortográficas

A ortografia, segundo Saussure (2006), é um sistema secundário e convencional que representa graficamente os signos linguísticos, sendo distinta da língua propriamente dita. Quando palavras francesas são incorporadas ao português, frequentemente passam por processos de adaptação ortográfica para refletir sua pronúncia adaptada ou para atender às convenções ortográficas do português.

Carlos Faraco (2010) reforça que as reformas ortográficas são tentativas de unificar e estabilizar essas convenções, muitas vezes adaptando palavras estrangeiras para reduzir a distância entre escrita e fala. Um exemplo é a adaptação de boutique para butique em registros mais informais ou populares, refletindo a tentativa de ajustar a grafia à pronúncia corrente.

A análise ortográfica dos galicismos revela como as línguas lidam com a tensão entre tradição gráfica e necessidade de inteligibilidade. A ortografia, embora não seja um elemento essencial da língua para Saussure, é uma ferramenta que influencia a percepção e o uso da linguagem no cotidiano e, por isso, é crucial em estudos sobre empréstimos linguísticos.

Observa-se, nesse contexto, que diversas palavras de origem francesa passaram por mudanças ortográficas ao serem incorporadas ao português. Isso pode ocorrer de diferentes formas, como a mudança de terminações, alterações de sons nasais, fechamentos de vogais ou simplificações gráficas:

Quadro 4 – Adaptação ortográfica de terminações.

Mudanças ortográficas		
Mudança de terminações -ET, -ER, -IER, -É, -ÉE, -ÉT, -ETT, -OT, -IT, -AIT para Ê ou Ê fechado (ê)		
Francês	Português	Tipo de Terminação que muda para -ê
Atelier ⁴¹	Ateliê ⁴²	-ier → -iê

⁴¹LAROUSSE. *Atelier*. In: Dictionnaire de français. Paris: Larousse, 2025. Disponível em: <https://www.larousse.fr/dictionnaires/francais/atelier>. Acesso em: 03 jun. 2025.

⁴²MICHAELIS. *Ateliê*. In: Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa. São Paulo: Melhoramentos, 2025. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/ateliê/>. Acesso em: 03 jun. 2025.

Bidet ⁴³	Bidê ⁴⁴	-et → -ê
Bouquet ⁴⁵	Buquê ⁴⁶	-et → -ê
Cliché ⁴⁷	Clichê ⁴⁸	-é → -ê
Crochet ⁴⁹	Crochê ⁵⁰	-et → -ê
Dégradé ⁵¹	Degradê ⁵²	-é → -ê
Dossier ⁵³	Dossiê ⁵⁴	-ier → -iê
Glacé ⁵⁵	Glacê ⁵⁶	-é → -ê
Guichet ⁵⁷	Guichê ⁵⁸	-et → -ê

⁴³LAROUSSE. *Bidet*. In: Dictionnaire de français. Paris: Larousse, 2025. Disponível em: <https://www.larousse.fr/dictionnaires/francais/bidet>. Acesso em: 03 jun. 2025.

⁴⁴MICHAELIS. *Bidê*. In: Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa. São Paulo: Melhoramentos, 2025. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/bidê/>. Acesso em: 03 jun. 2025.

⁴⁵LAROUSSE. *Bouquet*. In: Dictionnaire de français. Paris: Larousse, 2025. Disponível em: <https://www.larousse.fr/dictionnaires/francais/bouquet>. Acesso em: 03 jun. 2025.

⁴⁶MICHAELIS. *Buquê*. In: Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa. São Paulo: Melhoramentos, 2025. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/buquê/>. Acesso em: 03 jun. 2025.

⁴⁷LAROUSSE. *Cliché*. In: Dictionnaire de français. Paris: Larousse, 2025. Disponível em: <https://www.larousse.fr/dictionnaires/francais/cliché>. Acesso em: 03 jun. 2025.

⁴⁸MICHAELIS. *Clichê*. In: Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa. São Paulo: Melhoramentos, 2025. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/clichê/>. Acesso em: 03 jun. 2025.

⁴⁹LAROUSSE. *Crochet*. In: Dictionnaire de français. Paris: Larousse, 2025. Disponível em: <https://www.larousse.fr/dictionnaires/francais/crochet>. Acesso em: 03 jun. 2025.

⁵⁰MICHAELIS. *Crochê*. In: Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa. São Paulo: Melhoramentos, 2025. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/crochê/>. Acesso em: 03 jun. 2025.

⁵¹LAROUSSE. *Dégradé*. In: Dictionnaire de français. Paris: Larousse, 2025. Disponível em: <https://www.larousse.fr/dictionnaires/francais/dégradé>. Acesso em: 03 jun. 2025.

⁵²MICHAELIS. *Degradê*. In: Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa. São Paulo: Melhoramentos, 2025. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/degradê/>. Acesso em: 03 jun. 2025.

⁵³COLLINS. *Dossier*. In: Collins French-English Dictionary. Glasgow: HarperCollins, 2025. Disponível em: <https://www.collinsdictionary.com/dictionary/french-english/dossier>. Acesso em: 03 jun. 2025.

⁵⁴MICHAELIS. *Dossiê*. In: Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa. São Paulo: Melhoramentos, 2025. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/dossiê/>. Acesso em: 03 jun. 2025.

⁵⁵LAROUSSE. *Glacé*. In: Dictionnaire de français. Paris: Larousse, 2025. Disponível em: <https://www.larousse.fr/dictionnaires/francais/glacé>. Acesso em: 03 jun. 2025.

⁵⁶MICHAELIS. *Glacê*. In: Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa. São Paulo: Melhoramentos, 2025. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/glacê/>. Acesso em: 03 jun. 2025.

⁵⁷LAROUSSE. *Guichet*. In: Dictionnaire de français. Paris: Larousse, 2025. Disponível em: <https://www.larousse.fr/dictionnaires/francais/guichet>. Acesso em: 03 jun. 2025.

⁵⁸MICHAELIS. *Guichê*. In: Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa. São Paulo: Melhoramentos, 2025. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/guichê/>. Acesso em: 03 jun. 2025.

Pâté ⁵⁹	Patê ⁶⁰	-é → -ê
Soufflé ⁶¹	Suflê ⁶²	-é → -ê
Mudança de -et (/ɛ/) para é		
Francês	Português	Tipo de Terminação que muda para -ê
Ballet ⁶³	Balé ⁶⁴	-et → -é (representa /ɛ/ → /é/)
Chalet ⁶⁵	Chalé ⁶⁶	-et → -é (representa /ɛ/ → /é/)
Mudança de -eau, -ot, -o para -ô (fechado ou aberto)		
Francês	Português	Tipo de Terminação que muda para -ê
Bibelot ⁶⁷	Bibelô ⁶⁸	-ot → -ô
Bureau ⁶⁹	Birô ⁷⁰	-eau → -ô

⁵⁹COLLINS. *Pâté*. In: Collins French-English Dictionary. Glasgow: HarperCollins, 2025. Disponível em: <https://www.collinsdictionary.com/dictionary/french-english/pâté>. Acesso em: 03 jun. 2025.

⁶⁰MICHAELIS. *Patê*. In: Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa. São Paulo: Melhoramentos, 2025. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/patê/>. Acesso em: 03 jun. 2025.

⁶¹COLLINS. *Soufflé*. In: Collins French-English Dictionary. Glasgow: HarperCollins, 2025. Disponível em: <https://www.collinsdictionary.com/dictionary/french-english/soufflé>. Acesso em: 03 jun. 2025.

⁶²MICHAELIS. *Suflê*. In: Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa. São Paulo: Melhoramentos, 2025. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/suflê/>. Acesso em: 03 jun. 2025.

⁶³LAROUSSE. *Ballet*. In: Dictionnaire de français. Paris: Larousse, 2025. Disponível em: <https://www.larousse.fr/dictionnaires/francais/ballet>. Acesso em: 03 jun. 2025.

⁶⁴MICHAELIS. *Balé*. In: Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa. São Paulo: Melhoramentos, 2025. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/balé/>. Acesso em: 03 jun. 2025.

⁶⁵LAROUSSE. *Chalet*. In: Dictionnaire de français. Paris: Larousse, 2025. Disponível em: <https://www.larousse.fr/dictionnaires/francais/chalet>. Acesso em: 03 jun. 2025.

⁶⁶MICHAELIS. *Chalé*. In: Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa. São Paulo: Melhoramentos, 2025. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/chalé/>. Acesso em: 03 jun. 2025.

⁶⁷LAROUSSE. *Bibelot*. In: Dictionnaire de français. Paris: Larousse, 2025. Disponível em: <https://www.larousse.fr/dictionnaires/francais/bibelot>. Acesso em: 03 jun. 2025.

⁶⁸MICHAELIS. *Bibelô*. In: Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa. São Paulo: Melhoramentos, 2025. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/bibelô/>. Acesso em: 03 jun. 2025.

⁶⁹LAROUSSE. *Bureau*. In: Dictionnaire de français. Paris: Larousse, 2025. Disponível em: <https://www.larousse.fr/dictionnaires/francais/bureau>. Acesso em: 03 jun. 2025.

⁷⁰MICHAELIS. *Birô*. In: Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa. São Paulo: Melhoramentos, 2025. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/birô/>. Acesso em: 03 jun. 2025.

Camelot ⁷¹	Camelô ⁷²	-ot → -ô
Gigolo ⁷³	Gigolô ⁷⁴	-o → -ô
Maillot ⁷⁵	Maiô ⁷⁶	-ot → -ô
Pivot ⁷⁷	Pivô ⁷⁸	-ot → -ô
Tricot ⁷⁹	Tricô ⁸⁰	-ot → -ô

A adaptação ortográfica dos galicismos no português brasileiro evidencia a dinâmica entre a tradição escrita francesa e as necessidades fonológicas e normativas do português. Embora a ortografia seja convencional e não essencial à língua, como defende Saussure, ela desempenha um papel importante na fixação dos empréstimos e na forma como são assimilados pelo uso cotidiano.

Essas modificações, como a substituição das terminações -et por “ê” (ex.: guichê de guichet), ou de -eau, -ot, -o por “ô” (ex.: bibelô de bibelot), demonstram que a escrita busca se alinhar à pronúncia corrente da língua receptora, sem, no entanto, romper completamente com sua origem. Nesse processo, observamos a mediação entre inteligibilidade, fidelidade etimológica e norma gramatical.

A análise das mudanças ortográficas nos galicismos revela, assim, não apenas um processo técnico de adaptação gráfica, mas também um movimento social e cultural de apropriação linguística. A ortografia torna-se, portanto, um espaço simbólico de

⁷¹LAROUSSE. *Camelot*. In: Dictionnaire de français. Paris: Larousse, 2025. Disponível em: <https://www.larousse.fr/dictionnaires/francais/camelot>. Acesso em: 03 jun. 2025.

⁷²MICHAELIS. *Camelô*. In: Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa. São Paulo: Melhoramentos, 2025. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/camelô/>. Acesso em: 03 jun. 2025.

⁷³LAROUSSE. *Gigolo*. In: Dictionnaire de français. Paris: Larousse, 2025. Disponível em: <https://www.larousse.fr/dictionnaires/francais/gigolo>. Acesso em: 03 jun. 2025.

⁷⁴MICHAELIS. *Gigolô*. In: Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa. São Paulo: Melhoramentos, 2025. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/gigolô/>. Acesso em: 03 jun. 2025.

⁷⁵LAROUSSE. *Maillot*. In: Dictionnaire de français. Paris: Larousse, 2025. Disponível em: <https://www.larousse.fr/dictionnaires/francais/maillot>. Acesso em: 03 jun. 2025.

⁷⁶MICHAELIS. *Maiô*. In: Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa. São Paulo: Melhoramentos, 2025. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/maiô/>. Acesso em: 03 jun. 2025.

⁷⁷LAROUSSE. *Pivot*. In: Dictionnaire de français. Paris: Larousse, 2025. Disponível em: <https://www.larousse.fr/dictionnaires/francais/pivot>. Acesso em: 03 jun. 2025.

⁷⁸MICHAELIS. *Pivô*. In: Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa. São Paulo: Melhoramentos, 2025. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/pivô/>. Acesso em: 03 jun. 2025.

⁷⁹LAROUSSE. *Tricot*. In: Dictionnaire de français. Paris: Larousse, 2025. Disponível em: <https://www.larousse.fr/dictionnaires/francais/tricot>. Acesso em: 03 jun. 2025.

⁸⁰MICHAELIS. *Tricô*. In: Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa. São Paulo: Melhoramentos, 2025. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/tricô/>. Acesso em: 03 jun. 2025.

negociação entre línguas, onde a forma escrita contribui para naturalizar termos estrangeiros, dando-lhes um novo lugar no repertório lexical do português.

Na próxima seção, será examinado o fenômeno duplo das palavras que sofreram simultaneamente mudanças fonéticas e ortográficas em seu processo de adaptação. O objetivo será compreender como essas transformações se relacionam e se complementam, analisando casos em que ajustes na pronúncia e na grafia ocorreram de forma interdependente. Essa abordagem permitirá observar de maneira mais integral os mecanismos de assimilação linguística, destacando a complexidade do processo de incorporação de estrangeirismos.

3.5 Mudanças fonéticas e ortográficas

Alguns galicismos mantêm-se em uso no português, mesmo após caírem em desuso na própria língua francesa. Isso evidencia o que Saussure chama de "sincronia" e "diacronia": a língua deve ser analisada tanto em seu estado atual (sincronia) quanto em sua evolução histórica (diacronia). Um galicismo pode permanecer ativo em uma língua estrangeira enquanto desaparece em sua língua de origem, o que reforça a independência funcional dos signos em contextos distintos.

Faraco também destaca que o uso linguístico é profundamente influenciado por fatores socioculturais. Palavras como *maître* (que originou mestre de cerimônias ou *maître d'hôtel* no português) podem ter sido preservadas por razões de prestígio social ou tradição formal, mesmo quando já não se utilizam com a mesma frequência na França contemporânea.

A análise da atualidade dos galicismos em relação à sua origem revela o papel do uso social e cultural na fixação e na permanência lexical, confirmando a perspectiva saussuriana de que a língua é uma instituição social e histórica.

Quadro 5 – Mudanças ortográficas de galicismos.

Palavras com mudanças ortográficas	
Ortografia francesa	Ortografia Português BR
Omelette ⁸¹	Omelete ⁸²

⁸¹LAROUSSE. *Dictionnaire de français en ligne* [recurso eletrônico]. Paris: Éditions Larousse, 2025. Disponível em: <https://www.larousse.fr/dictionnaires/francais/omelette/55950>. Acesso em: 06 jun. 2025.

⁸²PRIBERAM. Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [recurso eletrônico]. Lisboa: Priberam Informática, 2025. Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/omelete>. Acesso em: 06 jun. 2025.

Baguette ⁸³	Baguete ⁸⁴
Pochette ⁸⁵	Pochete ⁸⁶
Galette ⁸⁷	Galeta ⁸⁸
Manchette ⁸⁹	Manchete ⁹⁰

A permanência de galicismos como omelete, baguete, pochete, galeta e manchete no português brasileiro evidencia o fenômeno da independência semântica e funcional dos signos linguísticos em contextos distintos. Esses vocábulos, embora tenham origem no francês, seguem em uso corrente no português, mesmo quando, em alguns casos, seu emprego na língua de origem se tornou raro, especializado ou obsoleto com exceção de baguete e galette, que ainda mantêm uso frequente e ativo no francês contemporâneo. Isso demonstra, como afirma Saussure (2006), que a língua deve ser analisada sob duas perspectivas complementares: a sincronia, que observa o funcionamento do sistema em um dado momento, e a diacronia, que investiga sua evolução histórica. A coexistência dessas palavras em estados diferentes nas duas línguas mostra que, uma vez incorporado, um termo passa a seguir o ritmo e as necessidades da língua receptora, não estando mais vinculado à trajetória de sua origem.

A língua é um sistema cuja totalidade se torna conhecível por um estado momentâneo, e cada um de seus termos é determinado por sua posição relativa ao conjunto. Estudar a língua sincronicamente é, portanto, considerá-la em si mesma e por si mesma, como um sistema de valores autônomos (Saussure, 2011, p. 113).

⁸³LAROUSSE. *Dictionnaire de français en ligne* [recurso eletrônico]. Paris: Éditions Larousse, 2025. Disponível em: <https://www.larousse.fr/dictionnaires/francais/baguette/7487>. Acesso em: 06 jun. 2025.

⁸⁴PRIBERAM. Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [recurso eletrônico]. Lisboa: Priberam Informática, 2025. Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/baguete>. Acesso em: 06 jun. 2025.

⁸⁵LAROUSSE. *Dictionnaire de français en ligne* [recurso eletrônico]. Paris: Éditions Larousse, 2025. Disponível em: <https://www.larousse.fr/dictionnaires/francais/pochette/61907>. Acesso em: 06 jun. 2025.

⁸⁶PRIBERAM. Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [recurso eletrônico]. Lisboa: Priberam Informática, 2025. Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/pochete>. Acesso em: 06 jun. 2025.

⁸⁷LAROUSSE. *Dictionnaire de français en ligne* [recurso électronique]. Paris: Éditions Larousse, 2025. Disponível em: <https://www.larousse.fr/dictionnaires/francais/galette/35888>. Acesso em: 06 jun. 2025.

⁸⁸DICIO. Dicionário Online de Português [recurso eletrônico]. São Paulo: 7Graus, 2025. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/galeta/>. Acesso em: 06 jun. 2025.

⁸⁹LAROUSSE. *Dictionnaire de français en ligne* [recurso électronique]. Paris: Éditions Larousse, 2025. Disponível em: <https://www.larousse.fr/dictionnaires/francais/manchette/49039>. Acesso em: 06 jun. 2025.

⁹⁰PRIBERAM. Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [recurso eletrônico]. Lisboa: Priberam Informática, 2025. Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/manchete>. Acesso em: 06 jun. 2025.

O caso de *pochete*⁹¹, por exemplo, é emblemático. Vinda do francês *pochette*, que designa uma pequena bolsa de mão, geralmente feminina, a palavra foi adaptada no português brasileiro para designar um objeto com função semelhante, mas com formato e uso diferentes. Agora, trata-se de uma pequena bolsa presa à cintura, muito comum nos anos 1990 e que voltou à moda nas últimas décadas. Na França, o termo *pochette* ainda é usado, mas com sentido mais restrito, enquanto no Brasil, *pochete* ganhou novos contornos culturais e estilísticos, inclusive com diferentes conotações sociais ao longo do tempo (Priberam, 2025a).

Da mesma forma, *manchete* deriva de *manchette* (Nascente, 1966, p. 464), termo francês que se refere tanto à borda da manga de uma roupa quanto ao cabeçalho de um jornal. No português, porém, seu uso se especializou como sinônimo de título de destaque em jornais, revistas e mídias digitais. Essa mudança semântica evidencia um processo de especialização lexical: o termo francês foi incorporado ao português com um recorte específico de seu significado original, que se tornou predominante e praticamente exclusivo na nova língua.

No caso de *galette*⁹², derivada de *galette*, observamos um uso ainda mais restrito. Embora em francês o termo seja amplamente utilizado para designar bolos achatados e salgados, como as tradicionais *galettes bretonnes*, no português brasileiro ele aparece de forma pontual e, muitas vezes, apenas em contextos gastronômicos especializados ou em nomes comerciais (Infopédia, 2025). Isso demonstra que nem todos os galicismos alcançam a mesma projeção ou naturalização, variando de acordo com sua utilidade, sonoridade, prestígio e contexto de uso.

O vocábulo *omelete*⁹³, por outro lado, é um exemplo de galicismo amplamente naturalizado. Apesar de manter o mesmo significado básico (um prato feito com ovos batidos), o termo passou a integrar com fluidez o vocabulário do português, a ponto de ser completamente dissociado de sua origem francesa por muitos falantes. A forma adaptada à ortografia portuguesa e a familiaridade do prato na culinária cotidiana contribuíram para sua plena integração (Priberam, 2025b).

⁹¹PRIBERAM. *Pochete*. In: *Dicionário Priberam da Língua Portuguesa* [em linha]. Lisboa: Priberam Informática. Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/pochete>. Acesso em: 6 jun. 2025. (2025a)

⁹²INFOPÉDIA. *Galette*. In: *Dicionário Infopédia de Francês-Português* [em linha]. Porto: Porto Editora. Disponível em: <https://www.infopedia.pt/dicionarios/frances-portugues/galette>. Acesso em: 6 jun. 2025.

⁹³PRIBERAM. *Omelete*. In: *Dicionário Priberam da Língua Portuguesa* [em linha]. Lisboa: Priberam Informática. Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/omelete>. Acesso em: 6 jun. 2025. (2025b)

Já *baguete*⁹⁴, palavra que em francês se refere a um tipo específico de pão alongado e crocante, foi incorporada diretamente ao português com pouca alteração formal ou semântica. No Brasil, *baguete* é geralmente usada no mesmo contexto culinário, embora às vezes ganhe sentidos figurados em gírias e expressões populares (Michaelis, 2025). Esse exemplo mostra como certos empréstimos mantêm seu sentido original quando há equivalência cultural ou forte prestígio associado ao item estrangeiro.

Esses exemplos ilustram o argumento de Carlos Faraco (2009), para quem o uso linguístico é profundamente condicionado por práticas culturais e sociais. O autor destaca que a permanência e a fixação lexical de um termo dependem mais de seu valor simbólico e funcional do que de sua origem etimológica. Assim, palavras como *maître*, preservadas em contextos formais ou de prestígio, como na alta gastronomia (*maître d'hôtel*), são mantidas não pela frequência de uso na França contemporânea, mas pelo prestígio associado ao universo francófono e ao imaginário de sofisticação que ainda permeia certos domínios da cultura brasileira. Esse processo de adaptação dos galicismos ao português não se limita apenas à permanência do termo, mas envolve também transformações em sua forma fonética, ortográfica e, muitas vezes, em seu significado. Ao serem incorporadas ao novo sistema linguístico, essas palavras passam por um processo de reconfiguração para se adequarem à fonologia e à morfologia da língua receptora. A seguir, alguns exemplos de galicismos que sofreram tais modificações no português brasileiro:

Quadro 6 – Adaptação fonética e ortográfica.

Quadro: Adaptação Fonética e Ortográfica				
palavras	Fonética em Francês	Fonética em Português	Tipo de Mudança	Observações
Crêpe Crepe	/kʁɛp/	/'krɛ.pi/	Ortográfica e silábica	O francês tem sílaba única e vogal fechada /ɛ/ com acento circunflexo; o português desdobra em duas sílabas e mantém som aberto /ɛ/ com tonicidade na primeira sílaba.

⁹⁴MICHAELIS. *Baguete*. In: *Michaelis Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa* [em linha]. São Paulo: Melhoramentos. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/baguete>. Acesso em: 6 jun. 2025.

Grève Greve	/gʁɛv/	/'grɛ.vi/	Ortográfica e silábica	A palavra francesa termina em consoante (sem vogal final); em português, a terminação vocálica cria nova sílaba com tonicidade na antepenúltima (paroxítona).
----------------	--------	-----------	---------------------------	---

Explicação Fonética e Ortográfica

Francês

- No francês, os acentos circunflexos (ê) e grave (è) marcam a vogal semiaberta anterior não arredondada /ɛ/, um som caracteristicamente aberto.
- Palavras como crêpe (/kʁɛp/) e grève (/gʁɛv/) terminam em consoantes, com a vogal /ɛ/ tônica precedendo o fechamento silábico.
- A pronúncia do "r" em francês é /ʁ/ — uma consoante uvular fricativa sonora, articulada com a parte posterior da língua na úvula.
- Como observado por Moura et al. (2023), a relação entre grafia e som é central no francês, sendo os acentos gráficos indicadores regulares da abertura vocálica: “Na análise de Durand, o acento grave ou circunflexo indica que a vogal <e> deve ser pronunciada como aberta, isto é, com maior abertura da boca” (Moura *et al*, 2023, p. 12).

Português Brasileiro

- No português, as palavras crepe e greve são paroxítonas, com a tônica também na penúltima sílaba e o "e" com som /ɛ/. Isso mantém o timbre da vogal original.
- Porém, o acento é removido e a sílaba final ganha uma vogal explícita, criando uma estrutura silábica mais típica do português.
- O "r" passa a ser /r/ — um som alveolar vibrante simples, articulado com a ponta da língua na região alveolar.

A adaptação de crêpe → crepe e grève → greve evidencia:

- Simplificação gráfica, com remoção dos acentos usados para marcar abertura vocálica no francês.

- Regularização silábica, com a adição de vogal final (estrutura CV) comum em português.
- Manutenção parcial do timbre vocálico /ε/, mas com mudança no sistema consonantal e estrutura da palavra.

Após observar as transformações fonético-ortográficas nas palavras terminadas em “ê” ou “è”, é possível ampliar a análise para outros termos franceses incorporados ao português brasileiro. Essas palavras, além de mudanças na pronúncia e na grafia, frequentemente apresentam adaptações semânticas ou morfológicas, refletindo o processo natural de apropriação lexical por meio de empréstimos linguísticos. O quadro a seguir apresenta uma seleção de exemplos representativos dessas adaptações:

Quadro 7– Mudanças fonéticas, ortográficas.

Palavra	Mudança Fonética	Mudança Ortográfica	Mudança Semântica	Observações
<i>Vernissage</i> ⁹⁵ <i>Vernissage</i> ⁹⁶	Leve	Não	Não	Apenas leve adaptação na pronúncia para o português.
<i>Façade</i> ⁹⁷ <i>Fachada</i> ⁹⁸	Sim	Sim	Não	Substituição do grupo “ç” por “ch” e adaptação da vogal final “e” muda para “a” pronunciada, conforme a estrutura fonológica e ortográfica do português.
<i>Garage</i> ⁹⁹ <i>Garagem</i> ¹⁰⁰	Sim	Sim	Não	Adaptação gráfica (-em) e sonora (nasal final).
<i>Pavillon</i> ¹⁰¹	Sim	Sim	Não	Adaptação do sufixo (-on para -ão) e da pronúncia.

⁹⁵LAROUSSE. *Vernissage*. Dictionnaire de français Larousse. Disponível em: <https://www.larousse.fr/dictionnaires/francais/vernissage/81603>. Acesso em: 11 jun. 2025.

⁹⁶MICHAELIS. *Vernissagem*. Michaelis On-line. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/busca?id=poAqM>. Acesso em: 11 jun. 2025.

⁹⁷LAROUSSE. *Façade*. Dictionnaire de français Larousse. Disponível em: <https://www.larousse.fr/dictionnaires/francais/façade/32560>. Acesso em: 11 jun. 2025

⁹⁸MICHAELIS. *Fachada*. Michaelis On-line. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/palavra/façade/N5N2N/fachada/>. Acesso em: 11 jun. 2025.

⁹⁹LAROUSSE. *Garage*. Dictionnaire de français Larousse. Disponível em: <https://www.larousse.fr/dictionnaires/francais/garage/36068>. Acesso em: 11 jun. 2025.

¹⁰⁰MICHAELIS. *Garagem*. Michaelis On-line. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/palavra/3P9Zd/garagem/>. Acesso em: 11 jun. 2025.

¹⁰¹LAROUSSE. *Pavillon*. Dictionnaire de français Larousse. Disponível em: <https://www.larousse.fr/dictionnaires/francais/pavillon/58800>. Acesso em: 11 jun. 2025.

Pavilhão ¹⁰²				
<i>Avant-garde</i> ¹⁰³ Vanguarda ¹⁰⁴	Sim	Sim	Não	Tradução literal (calque): substituição dos elementos franceses por radicais portugueses equivalentes, com preservação do sentido original.
<i>Maquillage</i> ¹⁰⁵ Maquiagem ¹⁰⁶	Sim	Sim	Não	Sufixo adaptado (-age para -agem) e som modificado.
<i>Finesse</i> ¹⁰⁷ Finesse ¹⁰⁸	Sim	Não	Não	Apenas adaptação na pronúncia; grafia e sentido mantidos.
<i>Pique-nique</i> ¹⁰⁹ Piquenique ¹¹⁰	Sim	Sim	Não	Junção dos dois radicais (pique e nique) em uma só palavra e adequação à ortografia e à prosódia do português.
<i>Chic</i> ¹¹¹ Chique ¹¹²	Sim	Sim	Não	Adição de "u" para representar o som /ʃi/.
<i>Cinéma</i> ¹¹³	Sim	Sim	Não	Remoção do acento e adaptação da prosódia.

¹⁰²MICHAELIS. *Pavilhão*. Michaelis On-line. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/palavra/qdeDA/pavilhão/>. Acesso em: 11 jun. 2025.

¹⁰³LAROUSSE. *Avant-garde*. Dictionnaire de français Larousse. Disponível em: <https://www.larousse.fr/dictionnaires/francais/avant-garde/6980>. Acesso em: 11 jun. 2025.

¹⁰⁴MICHAELIS. *Vanguarda*. Michaelis On-line. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/palavra/n2jay/vanguarda/>. Acesso em: 11 jun. 2025.

¹⁰⁵LAROUSSE. *Maquillage*. Dictionnaire de français Larousse. Disponível em: <https://www.larousse.fr/dictionnaires/francais/maquillage/49314>. Acesso em: 11 jun. 2025.

¹⁰⁶MICHAELIS. *Maquiagem*. Michaelis On-line. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/palavra/maquiagem>. Acesso em: 11 jun. 2025.

¹⁰⁷LAROUSSE. *Finesse*. Dictionnaire de français Larousse. Disponível em: <https://www.larousse.fr/dictionnaires/francais/finesse/33815>. Acesso em: 11 jun. 2025.

¹⁰⁸MICHAELIS. *Finesse*. Michaelis On-line. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/palavra/BnRGn/finesse/>. Acesso em: 11 jun. 2025.

¹⁰⁹LAROUSSE. *Pique-nique*. Dictionnaire de français Larousse. Disponível em: <https://www.larousse.fr/dictionnaires/francais/pique-nique/61102>. Acesso em: 11 jun. 2025.

¹¹⁰MICHAELIS. *Piquenique*. Michaelis On-line. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/palavra/vkdNM/piquenique/>. Acesso em: 11 jun. 2025.

¹¹¹LAROUSSE. *Chic*. Dictionnaire de français Larousse. Disponível em: <https://www.larousse.fr/dictionnaires/francais/chic/15264>. Acesso em: 11 jun. 2025.

¹¹²MICHAELIS. *Chique*. Michaelis On-line. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/palavra/BT6Up/chique/>. Acesso em: 11 jun. 2025.

¹¹³LAROUSSE. *Cinéma*. Dictionnaire de français Larousse. Disponível em: <https://www.larousse.fr/dictionnaires/francais/cinema/16277>. Acesso em: 11 jun. 2025.

Cinema ¹¹⁴				
Crépon ¹¹⁵ Crepom ¹¹⁶	Sim	Sim	Não	Mudança do final (-on para -om) e adaptação sonora.

As adaptações fonéticas e ortográficas mostram como os galicismos, ao serem incorporados ao português, sofrem transformações que os distanciam da forma original, mas os naturalizam na língua de acolhimento. Mudanças como “-ette” para “-ete”, “-ère” para “-eira”, “-oir” para “-ório”, ou a reinterpretação de sons difíceis para falantes do português são mecanismos comuns nesse processo.

O uso de termos como vernissage, fachada, garagem, pavilhão, vanguarda, maquiagem, finesse, piquenique, chique, cinema e crepom evidencia que, em muitos casos, não houve alteração significativa de sentido, apenas ajustes gráficos e fonéticos. Um exemplo relevante é vernissage: em português, o termo mantém a ideia de abertura de exposições, mas em uso restrito a contextos culturais e sofisticados. Já em francês, segundo o Larousse (2025), abrange desde a aplicação de verniz até a inauguração de mostras ou usos industriais. No Brasil, conforme o Dicionário Michaelis (2025), passou a designar, de modo mais específico, eventos ligados às artes visuais, reforçando seu vínculo com a sofisticação cultural.

Esse fenômeno confirma a tese de Saussure de que o signo linguístico é arbitrário e dependente do sistema que o acolhe. O empréstimo lexical se reconfigura conforme valores e necessidades da nova língua, pois, como afirma Saussure (2006), o valor de cada termo resulta da relação com os demais. Assim, ainda que mantenha traços da origem, o galicismo funciona de acordo com as regras do português.

Sob a perspectiva sociolinguística, Faraco (2009) lembra que a permanência desses termos também se liga ao prestígio histórico da cultura francesa e ao simbolismo de distinção que carregam. Palavras como chique, madame ou maître evocam elegância no português, funcionando como marcadores sociais.

Portanto, o estudo dos galicismos exige uma abordagem que articule etimologia, sincronia e diacronia, analisando tanto seu uso atual quanto suas transformações. Essa

¹¹⁴MICHAELIS. *Cinema*. Michaelis On-line. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/palavra/cinema/>. Acesso em: 11 jun. 2025.

¹¹⁵LAROUSSE. Crépon. Dictionnaire de français Larousse. Disponível em: <https://www.larousse.fr/dictionnaires/francais/crépon/20671>. Acesso em: 11 jun. 2025.

¹¹⁶MICHAELIS. *Crepom*. Michaelis On-line. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/palavra/crepom/>. Acesso em: 11 jun. 2025.

perspectiva evidencia o caráter dinâmico das línguas, que reelaboram elementos externos de modo criativo e funcional.

Na próxima seção, serão analisados galicismos que, ao contrário dos apresentados, sofreram mudanças semânticas mais profundas ou alterações de uso no português brasileiro.

3.6 Mudanças semânticas ou de uso

A dimensão semântica dos galicismos mostra como palavras emprestadas podem ter seu significado alterado ou expandido ao se integrarem a uma nova cultura linguística. A análise desses empréstimos permite compreender que não se trata apenas da incorporação de um vocábulo estrangeiro ao léxico português, mas de um processo dinâmico de resignificação, no qual o termo passa a funcionar de maneira diferente, adaptando-se aos contextos sociais e históricos da língua receptora.

Complementando essa perspectiva, Carlos Faraco (2009) discute como o significado das palavras se transforma com o tempo e com o uso social. Para o autor, o sentido não é fixo, mas historicamente construído nas práticas comunicativas dos falantes. Em suas palavras “Os sentidos das palavras não estão nas palavras mesmas, mas são construídos nos usos que os falantes fazem delas em contextos específicos de interação. Assim, não há sentido linguístico que não seja atravessado por elementos históricos, sociais e culturais” (Faraco, 2009, p. 79) Esse entendimento permite reconhecer que certas palavras de origem francesa, como *menu*, sofreram ampliações semânticas significativas no português contemporâneo. Originalmente vinculada ao campo da alimentação, conforme registra o Dicionário Michaelis (2005), a palavra passou a designar, também, a interface gráfica presente em dispositivos eletrônicos, como computadores, celulares e aplicativos. Essa mudança ilustra o impacto das transformações tecnológicas sobre a linguagem, ampliando o campo de uso do termo.

Nesse caso, o empréstimo não é apenas lexical, mas também funcional e conceitual, uma vez que *menu* passou a integrar um novo domínio discursivo o da informática com sentidos que vão além de sua acepção original relacionada à gastronomia. O empréstimo, nesse caso, não é apenas lexical, mas também funcional e conceitual. A seguir, observa-se uma tabela com palavras de origem francesa que sofreram alterações de sentido, forma ou uso ao serem incorporadas ao português:

Quadro 8 – Mudanças semânticas de galicismos no português brasileiro.

Termo	Sentido original em FR	Sentido da palavra no PTBR	Conclusão
Plafond ¹¹⁷ Plafon ¹¹⁸	Refere-se à superfície de um espaço interno, como o teto de uma sala (Larousse, 2025).	Adotado no português brasileiro para designar uma luminária de teto (Priberam, 2025).	O termo “ <i>plafond</i> ” foi adaptado como “plafon”, alterando o significado de “teto” para luminária.
Garçon ¹¹⁹ Garçom ¹²⁰	Significa "menino" ou "jovem do sexo masculino" (Larousse, 2025).	Profissional que atende clientes em bares e restaurantes (Michaelis, 2025)	Mudança de "menino" para profissão específica.
Garçonete 121	<i>Garçon</i> + sufixo <i>-ette</i> / Hibridismo linguístico não presente no francês <i>serveuse</i> (feminino de <i>garçon</i>): Glosbe	Forma feminina de "garçom", usada no português (Priberam, 2025).	Neologismo criado no português com sufixo "-ete", inexistente no francês.
Chauffeur 122 Chofer ¹²³	Condutor de veículo, profissional ou não (Larousse, 2025)	Condutor de veículo, geralmente com conotação profissional (Michaelis, 2025)	Adaptação com foco no aspecto profissional.
Matinée ¹²⁴ Matinê ¹²⁵	Evento realizado pela manhã ou no início da tarde (Larousse, 2025)	Sessão vespertina de cinema ou espetáculo (Michaelis, 2025)	Uso mais restrito no português.

¹¹⁷LAROUSSE. *plafond*. Dictionnaire de français. Disponível em: <https://www.larousse.fr/dictionnaires/francais/plafond>. Acesso em: 10 jun. 2025.

¹¹⁸PRIBERAM. *plafond*. Dicionário online. Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/plafond>. Acesso em: 10 jun. 2025.

¹¹⁹LAROUSSE. *garçon*. Dictionnaire de français. Disponível em: <https://www.larousse.fr/dictionnaires/francais/garçon>. Acesso em: 10 jun. 2025.

¹²⁰MICHAELIS. *Garçom*. Dicionário Michaelis online. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/busca?id=y8M5>. Acesso em: 10 jun. 2025.

¹²¹MELHORAMENTOS, Editora. *Garçonete*. *Michaelis On-line – Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa*, São Paulo, 2025. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/palavra/BRnO/gar%C3%A7onete/>. Acesso em: 10 jun. 2025.

¹²²LAROUSSE. *chauffeur*. Traduction (fr-en). Disponível em: <https://www.larousse.fr/dictionnaires/francais-anglais/chauffeur/14846>. Acesso em: 10 jun.

¹²³MICHAELIS. *Chauffeur*. Dicionário Michaelis online. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/palavra/GXBvZ/chauffeur/>. Acesso em: 10 jun. 2025.

¹²⁴LAROUSSE. *matinée*. Dictionnaire de français. Disponível em: <https://www.larousse.fr/dictionnaires/francais/matinée/49877>. Acesso em: 10 jun. 2025.

¹²⁵MICHAELIS. *Matinê*. Dicionário Michaelis online. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/busca?id=e3Ojj>. Acesso em: 10 jun. 2025.

Abat-jour ¹²⁶ Abajur ¹²⁷	Dispositivo que suaviza a luz (Larousse, 2025)	Luminária de mesa com cúpula (Priberam, 2025)	Mantém função, mas com alteração formal e fonética
Casse-tête ¹²⁸ Cassetete ¹²⁹	Pode significar quebra-cabeça ou objeto contundente (Larousse, 2025)	Bastão usado por policiais. (Priberam, 2025)	Mudança de metáfora para objeto físico.
Pantoufle ¹³⁰ Pantufa ¹³¹	Calçado doméstico confortável (Larousse, 2025).	Calçado leve e confortável (Michaelis, 2025)	Significado mantido, embora o termo esteja em desuso na França.
Petit gâteau ¹³²	Sobremesa conhecida como <i>fondant au chocolat</i> ¹³³	Bolo de chocolate com recheio cremoso (Michaelis, 2025)	Nome criado no Brasil com base em expressão francesa.
Couvert ¹³⁴ ¹³⁵	Talheres ou taxa de serviço em restaurantes (Larousse, 2025).	Entrada paga em restaurantes (Priberam, 2025)	Mudança de utensílio para refeição/serviço.
Bijouterie ¹³⁶	Arte/comércio do bijoutier; loja onde se	Adornos de pouco valor que imitam joias; ramo que produz e	O termo passou de um uso amplo em francês (atividade + loja +

¹²⁶LAROUSSE. *abat-jour*. In: *Dictionnaire de français*. Disponível em: <https://www.larousse.fr/dictionnaires/francais/abat-jour/48>. Acesso em: 10 jun. 2025

¹²⁷PRIBERAM. *abajur*. Dicionário Priberam. Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/abajur>. Acesso em: 10 jun. 2025.

¹²⁸LAROUSSE. *casse-tête*. In: *Dictionnaire de français*. Disponível em: <https://www.larousse.fr/dictionnaires/francais/casse-t%C3%AAt/13626>. Acesso em: 10 jun. 2025.

¹²⁹PRIBERAM. *cassetete*. Dicionário Priberam. Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/cassetete>. Acesso em: 10 jun. 2025.

¹³⁰LAROUSSE. *pantoufle*. In: *Dictionnaire de français*. Disponível em: <https://www.larousse.fr/dictionnaires/francais/pantoufle/57715>. Acesso em: 10 jun. 2025.

¹³¹MELHORAMENTOS, Editora. *Pantufa*. *Michaelis On-line – Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa*, São Paulo, 2025. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/palavra/m8Kow/pantufa/>. Acesso em: 7 jun. 2025.

¹³²MELHORAMENTOS, Editora. *Petit gâteau*. *Michaelis On-line – Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa*, São Paulo, 2025. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/petit%20g%C3%A2teau/>. Acesso em: 10 jun. 2025.

¹³³LE PLAT DU JOUR. *Fondant au chocolat e passeio de bateau-mouche*. *Le Plat du Jour* [em linha], [s. l.], n. d. Disponível em: <https://www.platdujour.com.br/receitas/fondant-au-chocolat-e-passeio-de-bateau-mouche/>. Acesso em: 10 jun. 2025.

¹³⁴LAROUSSE. *couvert*. In: *Dictionnaire de français*. Disponível em: <https://www.larousse.fr/dictionnaires/francais/couvert/20046>. Acesso em: 10 jun. 2025.

¹³⁵PRIBERAM. *couvert*. Dicionário Priberam. Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/couvert>. Acesso em: 10 jun. 2025.

¹³⁶LAROUSSE. *Dictionnaire de français: bijouterie*. Disponível em: <https://www.larousse.fr/dictionnaires/francais/bijouterie/9262>. Acesso em: 21 ago. 2025.

Bijuteria ¹³⁷	vendem joias ou adornos; conjunto de peças (Larousse, 2025).	comercializa tais objetos; também loja onde são vendidos (Michaelis, 2025).	objetos preciosos ou não) para um uso restrito em português, associado a adornos imitativos de menor valor.
Bâton ¹³⁸ Batom ¹³⁹	“Bastão”; cosmético <i>rouge à lèvres</i> ¹⁴⁰ (Larousse, 2025).	Cosmético para colorir os lábios (Priberam, 2025)	De “forma” em francês para “função” no português.

Um exemplo claro desse processo de ressignificação é o termo *garçon*. Em francês, designava originalmente apenas “menino” ou “jovens do sexo masculino”, sem relação profissional. No português brasileiro, passou a significar “atendente de bar ou restaurante”, vinculando-se a uma função específica no mercado de trabalho. Isso mostra como a língua receptora reorienta o valor semântico de um vocábulo, associando-o a novas práticas sociais.

A incorporação de galicismos ao português não é mecânica: o sistema linguístico os reconfigura, adaptando-os fonológica, morfológica e semanticamente. Trata-se de um processo ativo, no qual o português absorve elementos estrangeiros e os molda conforme suas necessidades. Assim, os galicismos não apenas enriquecem o vocabulário, mas também provocam alterações significativas no sistema semântico, confirmando que nenhuma língua é fechada ou imune a influências externas. Ao contrário, sua vitalidade se revela justamente na capacidade de absorver, transformar e ressignificar elementos de outras culturas linguísticas.

A análise semântica desses empréstimos mostra que não se trata de mera importação de vocábulos, mas de ressignificação marcada por fatores históricos, sociais e culturais. Como destaca Saussure (2006), o valor de um signo depende das relações que estabelece no sistema linguístico, e não de uma essência própria. Ao integrar-se ao português, a palavra rompe com suas associações originais e assume novas funções semânticas, ajustando-se à lógica interna da língua.

¹³⁷ MICHAELIS. Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa: bijuteria. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/palavra/ww7l/bijuteria/>. Acesso em: 21 ago. 2025.

¹³⁸LAROUSSE. *bâton*. In: *Dictionnaire de français*. Disponível em: <https://www.larousse.fr/dictionnaires/francais/b%C3%A2ton/8388>. Acesso em: 10 jun. 2025.

¹³⁹PRIBERAM. *batom*. Dicionário Priberam. Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/batom>. Acesso em: 10 jun. 2025.

¹⁴⁰LAROUSSE. *Rouge*. *Dictionnaire de français Larousse*, [s. l.], disponível em: <https://www.larousse.fr/dictionnaires/francais/rouge/70007>. Acesso em: 10 jun. 2025.

Complementando essa visão, Faraco (2009) ressalta que o sentido das palavras é histórico e social, construído nos usos concretos dos falantes: “Os sentidos das palavras não estão nas palavras mesmas, mas são construídos nos usos que os falantes fazem delas em contextos específicos de interação” (Faraco, 2009, p. 79). Assim, termos como *plafond*, *garçon*, *chauffeur* e *abat-jour* foram incorporados com significados distintos ou expandidos. O caso de menu é exemplar: em francês, refere-se ao cardápio de refeições, enquanto no português atual também designa interfaces gráficas em dispositivos digitais, em um alargamento semântico ligado ao avanço tecnológico. Portanto, a integração de galicismos ao português não ocorre de modo passivo, mas como adaptação ativa, em que os vocábulos estrangeiros se ajustam às regras e às necessidades expressivas da língua receptora.

Na próxima seção, serão discutidos galicismos que, embora ainda presentes no português brasileiro, caíram em desuso na língua francesa contemporânea ou sofreram mudanças de sentido significativas. Esses casos mostram como certos termos se mantêm ativos em novo contexto, mesmo após perderem vitalidade na língua de origem, ou como assumem novos significados, moldados pelas especificidades culturais do português, confirmando a autonomia criativa das línguas em contato.

3.7 Palavras de origem francesa em desuso no francês ou com mudança de sentido no português

Ao longo da história do contato linguístico entre o francês e o português, principalmente por via do prestígio cultural que a França exerceu sobre o Brasil nos séculos XVIII e XIX, uma série de palavras francesas foram incorporadas ao léxico da língua portuguesa. No entanto, algumas dessas palavras passaram por processos de mudança semântica, adaptação fonológica ou até mesmo foram mantidas no português mesmo depois de caírem em desuso ou mudarem de sentido no francês moderno. Este levantamento tem como objetivo apresentar e analisar exemplos dessas palavras, agrupando-as por categorias de uso e transformações.

As palavras aqui analisadas demonstram fenômenos típicos de empréstimo lexical, conforme discutido por autores como Carlos Faraco (2009), que destaca que “as palavras estrangeiras raramente são adotadas sem transformação”. A adoção de vocábulos do francês no português, especialmente no Brasil, ilustra tanto a permanência do prestígio cultural da França como também a tendência natural de adaptação semântica e fonológica.

A mudança de sentido, ou seja, o deslizamento semântico que ocorre com termos como garçom, plafon ou cabaré, pode ser explicada pela teoria do “deslocamento funcional” (Kristeva, 1969), em que o signo é ressignificado de acordo com as práticas culturais e necessidades comunicativas locais.

Além disso, como explica Ferdinand de Saussure (2006), “o laço entre o significante e o significado é arbitrário”. Isso se evidencia na transformação de “chauffeur” em “chofer”, onde a grafia e o som foram mantidos próximos, mas o uso real da palavra foi alterado pela cultura receptora.

Esses empréstimos também revelam um fenômeno de “fossilização lexical”, em que a palavra é mantida em português com um significado que já não é mais vigente em sua língua de origem, como “pantufa” (pantoufle), reforçando o que Tavares (2017) chama de “memória semântica do empréstimo”.

Observa-se que a apropriação desses galicismos na língua portuguesa, com alterações formais e semânticas, confirma que os empréstimos não são meras cópias linguísticas, mas sim reinterpretações moldadas por contextos culturais específicos.

Na próxima seção, será explorada a influência da língua francesa no português brasileiro a partir da perspectiva da etimologia popular. Serão analisados casos em que palavras de origem francesa foram reinterpretadas pelos falantes com base em associações fonéticas ou semânticas equivocadas, mas coerentes dentro do sistema da língua receptora. Esse fenômeno revela não apenas a criatividade linguística dos falantes, mas também os mecanismos socioculturais que orientam a adaptação de vocábulos estrangeiros, contribuindo para a construção de significados novos e, por vezes, distantes de sua origem etimológica real.

3.8 A influência da língua francesa no português brasileiro: um olhar sobre a etimologia popular

As palavras de origem francesa que se fixaram na oralidade brasileira podem ser agrupadas de três formas principais: expressões adaptadas do francês, expressões populares derivadas do francês e palavras com transformações fonéticas. Esses grupos revelam tanto processos de assimilação fonológica quanto reelaborações culturais do léxico francês.

Expressões adaptadas:

Balancê¹⁴¹, derivado do verbo francês *balancer*¹⁴² (balançar, equilibrar), foi incorporado ao português como substantivo. Em português, pode designar máquinas industriais utilizadas em processos de encadernação, cunhagem de moedas e corte de materiais. No campo cultural, ganhou destaque nas festas juninas, como passo característico da dança de quadrilha. Apesar de manter o traço semântico de oscilação, adquiriu usos específicos na cultura brasileira (Priberam, 2025; Larousse, 2025).

Alavantú¹⁴³, adaptação da expressão em *avant*¹⁴⁴, *tout* (todos para a frente), foi abasileirada por meio da oralidade, sem passar pela via escrita formal. Nas quadrilhas juninas, tornou-se comando essencial, demonstrando como a oralidade popular é capaz de absorver e transformar expressões estrangeiras, atribuindo-lhes novos valores culturais (Larousse, 2025; Dicionário Informal, 2025).

Anarriê¹⁴⁵, proveniente de *en arrière*¹⁴⁶ (para trás), sofreu adaptações fonéticas para se adequar ao sistema fonológico do português brasileiro. Manteve, no entanto, o sentido original de indicar movimento para trás na dança da quadrilha. Esse processo mostra como a fonética e o contexto cultural andam juntos na adaptação de galicismos (Governo do Brasil¹⁴⁷, 2022; Dicionário Informal, 2025a¹⁴⁸).

Zé fini¹⁴⁹, adaptação humorística de *c'est fini* (acabou), é exemplo de apropriação criativa: o termo francês foi foneticamente ajustado e associado ao apelido popular “Zé”, ganhando tom irônico e jocoso. Esse caso revela como a cultura brasileira imprime

¹⁴¹PRIBERAM. *Balancê*. Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha]. 2008-2025. Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/balanc%C3%AA>. Acesso em: 8 jun. 2025.

¹⁴²LAROUSSE. *Balancer*. Dictionnaire de français Larousse [en ligne]. 2025. Disponível em: <https://www.larousse.fr/dictionnaires/francais/balancer/7598>. Acesso em: 8 jun. 2025.

¹⁴³¹⁴³DICIONÁRIO INFORMAL. Diferença entre Alavantú e Anarriê. Disponível em: <https://www.dicionarioinformal.com.br/>

¹⁴⁴LAROUSSE. *En avant*. Dictionnaire de français Larousse [en ligne]. 2025. Disponível em: <https://www.larousse.fr/dictionnaires/francais/en%20avant>. Acesso em: 8 jun. 2025.

¹⁴⁵ G1 DISTRITO FEDERAL. Festas juninas: você sabe como surgiu o 'anarriê'? 23 jun. 2024. Disponível em: <https://g1.globo.com/df/distrito-federal/noticia/2024/06/23/festas-juninas-voce-sabe-como-surgiu-o-anarrie.ghtml>. Acesso em: 8 jun. 2025.

¹⁴⁶ EN ARRIÈRE – Tradução em português – Linguee. *Linguee*. [s.l.], [s.d.]. Disponível em: <https://www.linguee.com.br/frances-portugues/traducao/en%20Arri%C3%A8re.html>. Acesso em: 23 ago. 2025.

¹⁴⁷ BRASIL. Ministério do Turismo. Festas juninas: uma tradição que atravessa gerações e movimenta o turismo brasileiro. Governo do Brasil, 2022. Disponível em: <https://www.gov.br/pt-br/noticias/turismo/2022/06/festas-juninas-uma-tradicao-que-atraversa-geracoes-e-movimenta-o-turismo-brasileiro>. Acesso em: 09 jun. 2025.

¹⁴⁸ DICIONÁRIO INFORMAL. Anarriê. Dicionário Informal, 2025a. Disponível em: <https://www.dicionarioinformal.com.br/anarri%C3%AA/>. Acesso em: 09 jun. 2025.

¹⁴⁹DICIONÁRIO INFORMAL. Entrada “Zefini”. Disponível em: <https://www.dicionarioinformal.com.br/zefini/> (acesso em 2025).

identidade própria às expressões estrangeiras, ressignificando-as em chave de humor e oralidade (Fluency Academy¹⁵⁰, 2023; Eco, 1975¹⁵¹).

Expressões populares derivadas:

De grátis, possivelmente associada à de graça (de graça), constitui um pleonasma, pois combina a preposição “de” com o advérbio “grátis”. Apesar de ser considerado vício de linguagem, é expressão consolidada na oralidade brasileira. Sua forma reflete influências do francês culto, mas também adaptações populares que reforçam a redundância como recurso expressivo (Dias¹⁵², 2015; Infopédia¹⁵³, 2025).

Palavras com transformações fonéticas:

Ralé¹⁵⁴¹⁵⁵, com raízes no francês ralée e aproximada semanticamente de racaille¹⁵⁶, exemplifica como o português reinterpretou sons e sentidos para designar camadas sociais desfavorecidas. Esse processo mostra a sobreposição de influências lexicais e culturais, com adaptações sonoras que acompanharam mudanças de significado (Infopédia, 2025; Larousse, 2025).

De acordo com Câmara Jr. (1970), as línguas evoluem principalmente pelo contato entre povos e pela assimilação espontânea de elementos estrangeiros, o que explica a incorporação de galicismos ao português. Já Saussure (2006) enfatiza que o funcionamento do sistema linguístico é mais relevante que a origem dos vocábulos, destacando o papel das adaptações no processo de reorganização do léxico.

Assim, os galicismos não devem ser entendidos como simples empréstimos, mas como manifestações de um processo contínuo de reelaboração cultural, fonética,

¹⁵⁰ FLUENCY ACADEMY. *Zé Fini: Veja a Versão Brasileira de “C’est Fini”*. Blog Fluency Academy, 4 abr. 2021. Disponível em: <https://fluency.io/br/blog/ze-fini/> (acesso em 2025).

¹⁵¹ ECO, Umberto. *Obra Aberta*. São Paulo: Perspectiva, 1975.

¹⁵² DIAS, ProfAP. Pleonasma: vício ou virtude? *Língua Portuguesa: perguntas e respostas!*, 19 dez. 2015. Disponível em: <https://portuguesemforma.blogspot.com/2015/>. Acesso em: 09 jun. 2025

¹⁵³ INFOPÉDIA da Porto Editora. grátis. In: *Dicionário da Língua Portuguesa*. Porto: Porto Editora, consultado em 19 mar. 2025. Disponível em: <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/gratis>. Acesso em: 09 jun. 2025.

¹⁵⁴ ORIGEM DA PALAVRA. *Ralé*. Origem da Palavra. Disponível em: <https://origemdapalavra.com.br/palavras/rale/>. Acesso em: 9 jun. 2025.

¹⁵⁵ INFOPÉDIA. *Ralé*. *Dicionário Infopédia da Língua Portuguesa*. Porto Editora. Disponível em: <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/ral%C3%A9>. Acesso em: 9 jun. 2025.

¹⁵⁶ LAROUSSE. *Racaille*. *Dictionnaire de français Larousse en ligne*. Disponível em: <https://www.larousse.fr/dictionnaires/francais/racaille/65874>. Acesso em: 9 jun. 2025.

ortográfica e semântica. Termos como *balancê*, *anarriê*, *freguês*, *breguete* e *ralé* refletem a vitalidade da língua portuguesa e sua capacidade de ressignificar elementos estrangeiros, preservando ao mesmo tempo a memória cultural do contato com o francês.

Considerações finais

O estudo diacrônico nos faz entender como algumas palavras foram introduzidas no português do Brasil e nos remete às nossas origens, sabendo que o Brasil foi colonizado por Portugal, mas teve diversas outras influências. Entender como o português tem variações é entender as nossas origens.

Ao refletir sobre o estudo da evolução linguística, especialmente no que se refere às palavras de origem estrangeira, como os galicismos, percebe-se que a língua está em constante adaptação e transformação. Essas mudanças refletem não apenas as transformações sociais e culturais de uma sociedade, mas também os processos comunicativos vivenciados pelos indivíduos. A etimologia, ao investigar as origens das palavras e suas relações com outras dentro de uma mesma família, oferece um panorama detalhado dessas modificações. A língua, portanto, não é um sistema estático. Como observa Saussure (2006, p. 220), ela está sempre em movimento, moldada pelas necessidades e usos dos falantes. Essa perspectiva evidencia que o estudo etimológico vai além da análise de palavras isoladas: ele considera suas origens, bem como as transformações fonéticas, morfológicas e semânticas pelas quais passam ao longo do tempo, revelando assim a dinâmica viva da língua.

A etimologia popular, um fenômeno linguístico no qual palavras sofrem modificações por tentativas dos falantes de associá-las a termos mais familiares, revela a flexibilidade da língua. Conforme Saussure (2006, p. 220), "essas inovações, por extravagantes que sejam, não se fazem completamente ao acaso; são tentativas de explicar aproximadamente uma palavra embaraçante relacionando-a com algo conhecido". Esse processo de adaptação e simplificação das palavras, em muitos casos, é uma reação natural à complexidade da língua e aos desafios de comunicação dos falantes, demonstrando como a língua se ajusta às necessidades práticas e culturais de cada comunidade.

O estudo da etimologia e da evolução das palavras estrangeiras também permite compreender as transformações fonéticas, morfológicas e semânticas que ocorrem quando essas palavras são integradas a um novo idioma. As palavras estrangeiras, ao se ajustarem às normas do idioma receptor, refletem as influências culturais e históricas que moldam a língua ao longo do tempo. Esse fenômeno de adaptação não é aleatório, mas é uma resposta às necessidades linguísticas e culturais dos falantes, permitindo que a língua continue a comunicar de maneira eficiente.

Além disso, a língua não deve ser vista apenas como um sistema de comunicação, mas também como um reflexo das identidades, das trocas e das convivências entre diferentes povos e culturas. A língua carrega consigo as marcas das gerações anteriores e se adapta às mudanças do contexto histórico e social, como destacado por Saussure (2006, p. 86), que afirma que "a língua de outro modo que não fosse como um produto herdado de gerações anteriores" reflete não apenas a evolução linguística, mas também a resistência e a permanência de certos signos e estruturas que tornam a língua um fenômeno vivo e em constante transformação.

O estudo da etimologia e das transformações linguísticas é essencial para entender a dinâmica da língua e a maneira como ela evolui. Ao examinar as modificações fonéticas, morfológicas e semânticas que ocorrem ao longo do tempo, é possível compreender melhor como as palavras estrangeiras se tornam parte da língua, como elas se adaptam e como, ao fazerem isso, tornam-se um reflexo das necessidades comunicativas e culturais dos falantes. A língua, como produto histórico e cultural, não é um ente estático, mas sim um organismo dinâmico que se molda às exigências do tempo e do espaço, refletindo a complexidade e a riqueza da experiência humana.

Esses apontamentos reforçam que o estudo diacrônico da língua não é apenas uma investigação técnica sobre a história das palavras, mas um caminho para compreender os laços culturais, sociais e históricos que moldam o português do Brasil. A análise dos galicismos revelou como a língua portuguesa assimilou, adaptou e ressignificou uma série de termos franceses, incorporando-os ao seu vocabulário de forma ativa e criativa, através de processos fonéticos, morfológicos, semânticos e até mesmo por meio da etimologia popular.

Ao mapear essas transformações, foi possível constatar que muitas dessas palavras mantêm significados semelhantes aos originais, enquanto outras se afastaram significativamente de seu uso em francês, revelando a dinâmica própria da língua portuguesa em absorver e transformar influências externas. Destaca-se também que, em diversos casos, a adaptação dos galicismos seguiu a lógica da "lei do menor esforço", favorecendo a pronúncia, a grafia e o entendimento dos falantes brasileiros.

Ademais, os fenômenos de etimologia popular e de analogia observados durante o estudo mostram que a língua não apenas recebe influências, mas também reage a elas, reinterpretando-as com base no repertório cultural e linguístico da comunidade falante. Isso evidencia a capacidade criativa e adaptativa da língua, que não é passiva diante das influências externas, mas as reorganiza conforme suas necessidades comunicativas.

Por fim, compreende-se que a investigação sobre os galicismos serve como um exemplo claro da importância da linguística histórica e da etimologia para a compreensão da linguagem como um processo vivo e em constante transformação. As influências francesas no português brasileiro não se limitaram a empréstimos lexicais: elas revelam um período de intercâmbio cultural, de aspirações sociais e de legitimação de um modelo europeu que impactou não apenas a linguagem, mas também a identidade nacional.

O estudo diacrônico desenvolvido ao longo deste trabalho permitiu compreender de maneira mais ampla como os galicismos foram introduzidos, adaptados e ressignificados na língua portuguesa do Brasil. Ao investigar a trajetória desses vocábulos, ficou evidente que o contato cultural e histórico entre Brasil e França foi determinante para a inserção de palavras francesas no léxico português, sobretudo nos séculos XVIII e XIX. Retomando o objetivo geral desta pesquisa, visou-se analisar os processos de transformação fonética, morfológica e semântica dos galicismos na língua portuguesa brasileira, o que possibilitou desvelar as dinâmicas linguísticas que regulam a incorporação de empréstimos lexicais.

Quanto aos objetivos específicos, foi possível, primeiramente, realizar o levantamento dos galicismos registrados em dicionários de francês e português, identificando suas formas e sentidos originais e adaptados. Em seguida, analisaram-se as convergências e divergências de significado e grafia, constatando que muitas palavras preservaram seu significado original (como *garage/garagem*), enquanto outras sofreram modificações semânticas ou foram relegadas ao desuso no francês, mas permaneceram ativas no português brasileiro (como *pantufas/pantoufles*). Por fim, o estudo evidenciou fatores históricos, culturais e sociais que motivaram tais transformações, como a busca por prestígio social, a influência da *Belle Époque* e a difusão de hábitos europeus entre as elites brasileiras.

Os resultados revelaram que as alterações fonéticas dos galicismos seguiram a lógica da adequação ao sistema fonológico do português brasileiro, muitas vezes orientadas pela “lei do menor esforço” dos falantes, o que resultou na simplificação de sons e grafias. No campo semântico, observou-se que alguns termos sofreram ampliação ou restrição de sentido, enquanto outros foram reinterpretados pela etimologia popular, processo que demonstra a criatividade dos falantes na assimilação de vocábulos estrangeiros. Tais mudanças não ocorreram de modo aleatório, mas refletiram as necessidades comunicativas e os contextos socioculturais específicos do Brasil em diferentes períodos históricos.

Dessa forma, esta pesquisa não apenas atingiu os objetivos propostos (tanto o objetivo geral quanto os específicos), como também demonstrou a relevância dos estudos diacrônicos e etimológicos para a compreensão da língua como um fenômeno vivo, dinâmico e profundamente enraizado na história cultural de seus falantes. A análise dos galicismos evidenciou como as palavras carregam em si marcas dos encontros entre povos, ideologias e modos de vida, revelando a complexidade das relações linguísticas e culturais entre Brasil e França.

Espera-se, portanto, que este trabalho contribua para futuras investigações no campo da linguística histórica e etimológica, incentivando novas abordagens que considerem o papel ativo dos falantes nos processos de mudança linguística, bem como a importância de se valorizar a diversidade e a riqueza do patrimônio lexical do português brasileiro.

Referências

ABBÉVILLE, Claude d'. *História da missão dos padres capuchinhos na Ilha do Maranhão*. Tradução e anotações de Cezar Augusto Marques. Maranhão: Typographia do Frias, 1874. Disponível em: <https://www2.senado.leg.br/bdsf/handle/id/221724>. Acesso em: 28 abr. 2025.

APRENDER FRANCÊS ONLINE. Garçom e garçonete – uma história curiosa. Disponível em: <https://aprenderfrancesonline.weebly.com/garccedilom-e-garccedilonete-ndash-uma-histoacuteria-curiosa.html>. Acesso em: 14 maio 2025, 09h26min.

BAGNO, Marcos. *Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística*. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

BRASIL. *Escola Nacional de Administração Pública*. Revista do Serviço Público, v. 75, n. 1, jan./mar. 2024. Disponível em: <https://revista.enap.gov.br/index.php/RSP/issue/view/331/357>. Acesso em: 28 abr. 2025.

CAMARA JR., Joaquim Mattoso. *Estrutura da Língua Portuguesa*. 30. ed. Petrópolis: Vozes, 1999. Originalmente publicado em 1970. ISBN 85-326-0061-1.

CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade*. 9. ed. rev. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006. Disponível em: <http://groups.google.com.br/group/digitalsource>. Acesso em: 29 abr. 2025.

D'ABBEVILLE, Claude. *História da missão dos padres capuchinhos na ilha do Maranhão e suas circunvizinhanças*. Traduzida e anotada por César Augusto Marques. Maranhão: Tipografia do Frias, 1874.

DAHER, Andrea. *A invenção capuchinha do selvagem na época moderna*. Revista de História (São Paulo), São Paulo, n. 177, p. 1-28, 2018. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.11606/issn.2316-9141.rh.2018.127576>. Acesso em: [inserir data de acesso].

DICIO. Celibatário. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/celibatario/>. Acesso em: 14 maio 2025, 09h26min.

DICIO. Chofer. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/chofer/>. Acesso em: 14 maio 2025, 09h26min.

DICIO. Couvert. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/couvert/#:~:text=Significado%20de%20Couvert,eram%20o%20couvert%20do%20restaurante>. Acesso em: 14 maio 2025, 09h26min.

DICIO. Garçom ou garçon. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/garcom-ou-garcon/>. Acesso em: 14 maio 2025, 09h26min.

DICIO. Randevu. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/randevu/>. Acesso em: 14 maio 2025, 09h26min.

DÓRIA, Carlos Alberto. *A formação da culinária brasileira*. São Paulo: Publifolha, 2009. (Série 21). Disponível em: file:///D:/TCC%20atualizado/a-formaao-da-culinaria-brasileira-978-85-7914-034-1_compress.pdf. Acesso em: 28 abr. 2025.

DÓRIA, Carlos Alberto. *Cultura e alta cultura no Brasil*. Novos Rumos, Marília, v. 16, n. 34, 2001. Disponível em: <https://doi.org/10.36311/0102-5864.16.v0n34.2187>. Acesso em: 28 abr. 2025.

EALI. Quando devo usar o termo gourmet no meu produto?. Disponível em: <https://www.eali.com.br/post/quando-devo-usar-otermo-gourmet-nomeu-produto#:~:text=Mas%20o%20que%20significa%20o,e%20de%20uma%20%C3%B3tima%20proced%C3%Aancia>. Acesso em: 14 maio 2025, 09h26min.

ECO, Umberto. *Tratado de semiótica geral*. 2. ed. Tradução de José Luiz Blasquez. São Paulo: Perspectiva, 1980.

ESPAGNE, Michel. *A noção de transferência cultural* / tradução Dirceu Magri. Jangada, Viçosa, n. 9, p. 136–147, jan./jun. 2017. ISSN 2317-4722. Disponível em: <https://www.revistajangada.ufv.br/Jangada/article/view/568?articlesBySameAuthorPage=1>. Acesso em: 28 abr. 2025.

FARACO, Carlos. *Linguística histórica: uma introdução ao estudo da história das línguas*. 2. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2007. 222 p. ISBN 978-85-88456-41-9.

FREIXA, Dolores; CHAVES, Guta. *Gastronomia no Brasil e no mundo*. Rio de Janeiro: SENAC Nacional, 2009. Disponível em: <https://scispace.com/pdf/gastronomia-no-brasil-e-no-mundo-6jzjyal7i6.pdf>. Acesso em: 28 abr. 2025.

FREYRE, Gilberto. *Casa-grande & senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal*. 48. ed. São Paulo: Global Editora e Distribuidora LTDA, 2003. Disponível em: https://gruponsepr.wordpress.com/wp-content/uploads/2016/10/freyre_gilberto_casa_-_grande__senzala.pdf. Acesso em: 29 abr. 2025.

FREYRE, Gilberto. *Sobrados e mucambos: decadência do patriarcado rural e desenvolvimento do urbano*. 1. ed. digital. São Paulo, 2013. Disponível em: http://lelivros.org/?utm_source=Copyright&utm_medium=cover&utm_campaign=link. Acesso em: 29 abr. 2025.

GHIRALDELLI JR., Paulo. *Introdução à educação escolar brasileira: história, política e filosofia da educação*. Versão prévia. Marília: [s.n.], 2001. Disponível em: http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos_teses/Introdu-Edu-Bra.pdf. Acesso em: 29 abr. 2025.

ILARI, Rodolfo; BASSO, Thaís Cristófaros Silva. *Como falam os brasileiros*. São Paulo: Contexto, 2008.

INFOPÉDIA. Batom. Disponível em: <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/batom>. Acesso em: 14 maio 2025, 09h26min.

KRISTEVA, *Julia. História da linguagem.* Tradução de Maria Margarida Barahona. Lisboa: Edições 70, 1969. 150 p. ISBN 972-44-0352-1.

LANGUAGES CAL ACT. Les origines du mot chauffeur. Disponível em: https://www.languages.cal.act.edu.au/french/resources/Les_origines_du_mot_chauffeur.pdf. Acesso em: 14 maio 2025, 09h26min.

LAROUSSE. Abat-jour. Disponível em: <https://www.larousse.fr/dictionnaires/francais/abat-jour/48>. Acesso em: 14 maio 2025, 09h26min.

LAROUSSE. Bâton. Disponível em: <https://www.larousse.fr/dictionnaires/francais/b%C3%A2ton/8388#:~:text=1.,instrument%20de%20punition%2C%20etc.&text=2.,mati%C3%A8re%20consistante%20%3A%20B%C3%A2ton%20de%20craie>. Acesso em: 14 maio 2025, 09h26min.

LAROUSSE. Cabaret. Disponível em: <https://www.larousse.fr/dictionnaires/synonymes/cabaret/3289>. Acesso em: 14 maio 2025, 09h26min.

LAROUSSE. Casse-tête. Disponível em: <https://www.larousse.fr/dictionnaires/francais/casse-t%C3%AAtte/13626>. Acesso em: 14 maio 2025, 09h26min.

LAROUSSE. Célibataire. Disponível em: <https://www.larousse.fr/dictionnaires/francais/c%C3%A9libataire/14011>. Acesso em: 14 maio 2025, 09h26min.

LAROUSSE. Chauffeur. Disponível em: <https://www.larousse.fr/dictionnaires/francais/chauffeur/14976>. Acesso em: 14 maio 2025, 09h26min.

LAROUSSE. Couvert. Disponível em: <https://www.larousse.fr/dictionnaires/francais/couvert/20046#:~:text=1.,Cuill%C3%A8re%2C%20fourchette%20et%20couteau>. Acesso em: 14 maio 2025, 09h26min.

LAROUSSE. Garçon. Disponível em: <https://www.larousse.fr/dictionnaires/francais/gar%C3%A7on/36087>. Acesso em: 14 maio 2025, 09h26min.

LAROUSSE. Gourmet. Disponível em: <https://www.larousse.fr/dictionnaires/francais/gourmet/37659>. Acesso em: 14 maio 2025, 09h26min.

LAROUSSE. Matinée. Disponível em: <https://www.larousse.fr/dictionnaires/francais/matin%C3%A9e/49877>. Acesso em: 14 maio 2025, 09h26min.

LAROUSSE. Rendez-vous. Disponível em: <https://www.larousse.fr/dictionnaires/francais/rendez-vous/68143>. Acesso em: 14 maio 2025, 09h26min.

MARTINIÈREÿ, Guy. *São Luís, capital do Maranhão, capital dos sonhos da França equatorial*. São Luís, jan. 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/his/a/xxmn9sZgZQYnvvnhKcRB8Mw/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 28 abr. 2025.

MELO, Lucas de Oliveira. *O iluminismo e a sua influência no surgimento dos movimentos de independência no Brasil*. 2022. Disponível em: <https://ppl-ai-file-upload.s3.amazonaws.com/web/direct-files/attachments/66342621/8b9f6aaa-2bb7-42e6-aeb5-3b146e2dae2d/ARTIGOCIENTFICO.pdf>. Acesso em: 28 abr. 2025.

MICHAELIS. Matinée. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/busca?id=e3Ojj#:~:text=1%20Espet%C3%A1culo%2C%20festa%20ou%20sess%C3%A3o,mulheres%20usavam%20em%20casa%3B%20bata>. Acesso em: 14 maio 2025, 09h26min.

MICHAELIS. Plafon. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/plafon/>. Acesso em: 14 maio 2025, 09h26min.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de linguística geral*. 28. ed. Tradução de Antônio Chelini et al. São Paulo: Cultrix, 2006. ISBN 978-85-316-0102-6.

SILVA, Antônio. *Dicionário de sinônimo da Língua Portuguesa*. 2.a. ed. Rio de Janeiro: Monique Mendes, 2011. 516 p.

SILVA, Maria Beatriz Nizza da. *A repercussão da revolução de 1820 no Brasil: eventos e ideologias*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, [s.d.]. Disponível em: <https://digitalis.uc.pt/pt-pt/termos> ou <http://hdl.handle.net/10316.2/43954>. Acesso em: 31 mar. 2025. DOI: https://doi.org/10.14195/2183-8925_2_1.

SINÔNIMOS. Cabarés. Disponível em: <https://www.sinonimos.com.br/cabares/#:~:text=5%20sin%C3%B4nimos%20de%20ca%20bar%C3%A9s%20para,1%20boates.&text=Escreva%20textos%20incr%C3%ADveis%20em%20segundos,%2C%20bord%C3%A9is%2C%20prost%C3%ADbulos%2C%20lupanares>. Acesso em: 14 maio 2025, 09h26min.

VITAL, Dievani Lopes. *Iluminismo e revolução nas ideias e nas práticas políticas da “Ilustração” brasileira*. 2015. 219 f. Dissertação (Mestrado em História) –

Universidade Federal de Juiz de Fora, Instituto de Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História, Juiz de Fora, 2015.